

A AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

De que modo as atitudes dos adultos podem
influenciar o desenvolvimento da autoestima
em crianças entre os 3 e os 6 anos de idade

Catarina Alexandre Silva

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre

Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Lumiar, 2015



Instituto Superior de Educação e Ciências

A AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

De que modo as atitudes dos adultos podem
influenciar o desenvolvimento da autoestima
em crianças entre os 3 e os 6 anos de idade

Catarina Alexandre Silva

Orientadora: Susana Costa Ramalho

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre

Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Lumiar, 2015



Instituto Superior de Educação e Ciências

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais e Avós que sempre me transmitiram os valores corretos e o apoio necessário para que eu conseguisse realizar este sonho.

Ao Jorge pelo amor, cumplicidade e paciência. Pela compreensão das horas dedicadas a este trabalho e toda a ajuda oferecida.

À Catarina Fitas e ao João Reis que há tantos anos me mostram o significado da verdadeira amizade e estão sempre presentes e disponíveis.

À Professora Susana Costa Ramalho por todo o apoio e disponibilidade.

A todas as pessoas que disponibilizaram um pouco do seu tempo para participar neste estudo, contribuindo com os seus preciosos testemunhos.

Sem eles nada disto teria sido possível.

RESUMO

O presente estudo, de cariz qualitativo, centra-se no desenvolvimento da autoestima de crianças em idade pré-escolar, mais especificamente na forma como as atitudes dos adultos que as rodeiam influenciam o seu desenvolvimento.

Neste sentido, foram realizadas três questões de investigação que orientaram toda a pesquisa e a partir das quais se realizaram os guiões de entrevistas semi-estruturadas, dirigidos a Educadores, Pais e a uma Psicóloga infantil.

Assim sendo, os resultados obtidos são fruto do confronto entre a teoria selecionada e as perspetivas dos entrevistados, remetendo-nos para a urgente sensibilização de toda comunidade, e em especial dos adultos que diariamente lidam com crianças, como Pais e Educadores de Infância, para o impacto que as nossas atitudes têm no desenvolvimento emocional das mesmas.

Palavras-chave: autoestima, pré-escolar, crianças, adultos, atitudes.

ABSTRACT

The following study, of qualitative nature, focuses on the pre-school aged children self-esteem formation, particularly the way how the surrounding adults' attitudes influence its development.

In this way, three investigation questions were asked which guided all the research and from which the interviews' semi-structured scripts were developed, aimed at Educators, Parents and a children's Psychologist.

Therefore, results are consequence of the confrontation between the selected theory and the interviewees' perspectives, referring to the urgent community sensibilization, specially the adults that deal on a daily basis with children, such as parents, and kindergarten educators, for the impact that our attitudes have on children's emotional development.

Keywords: self-esteem, pre-school, children, adults, attitudes.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v
LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: O DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS E A ATITUDE DOS ADULTOS	3
1.1- Definição de Autoestima	3
1.2- A importância do papel dos Educadores de Infância no desenvolvimento da Autoestima	5
1.3- A importância do trabalho da Autoestima por parte dos Pais e restantes adultos presentes na vida da Criança.....	8
1.4- Atitudes reveladoras de uma autoestima alta e baixa	11
1.5- Fatores de risco no desenvolvimento infantil	12
1.6- Fatores de proteção no desenvolvimento infantil	18
CAPÍTULO 2: PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA	21
2.1 – Problema, objetivo e questões de investigação.....	21
2.2 – Design do Estudo: Paradigma Interpretativo	22
2.3 – Participantes do Estudo	23
2.4.1- Entrevistas:.....	25
2.4.2- Conversas informais:.....	26
2.4.3- Recolha documental:	26
2.5 – Tratamento e análise de dados.....	27
CAPÍTULO 3: RESULTADOS	29
Referências às categorias elaboradas.....	29
1- Categorias Comuns a todos os entrevistados:	29
2- Categorias exclusivas aos Pais	36
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES	41
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	45
ANEXOS.....	49
ANEXO 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA À PSICÓLOGA	51
ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS EDUCADORES DE INFÂNCIA.....	57

ANEXO 3 – GUIÃO DE ENTREVISTA A UM PAI OU MÃE	63
ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PSICÓLOGA.....	69
ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA I.....	87
ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA II	103
ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA III	117
ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À MÃE I.....	131
ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À MÃE II.....	141
ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PAI I	151
ANEXO 11 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PAI II	159
ANEXO 12 – TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	169

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

Jardim-de-infância (J.I.)

Ministério da Educação (ME)

Unidade de Saúde Familiar Marginal (USF Marginal)

INTRODUÇÃO

O tema desta investigação surgiu na sequência de algumas situações observadas em contexto de jardim-de-infância que me deixaram simultaneamente curiosa e preocupada com o desenvolvimento harmonioso das crianças. Refiro-me a cenas de insultos, desrespeito pelo trabalho e esforço das crianças, e em algumas situações menos frequentes, de pequenas agressões e vergonhas públicas. Aos poucos, comecei a aperceber-me de que estas atitudes se refletiam no comportamento das crianças através da ansiedade e receio que demonstravam em abordar a Educadora. De entre muitos dos exemplos ilustrativos desta situação podem destacar-se pela sua maior frequência:

Exemplo 1: Durante a pintura de uma ficha a criança pode cometer vários enganos: não respeitar a verdadeira cor dos objetos, ou por lapso ultrapassar um pouco o contorno da imagem, pode não desenhar exatamente aquilo que foi pedido porque a sua imaginação o levou um pouco mais além, ou seja, tudo situações comuns no dia-a-dia do jardim-de-infância. A situação que me preocupou foi observar que, por vezes, perante estas situações, surgiam atitudes como: rasgar o trabalho da criança à sua frente insultando-o (“burro” ou “estúpido” por exemplo) e elevando o seu tom de voz mostrando-se bastante chateado com a situação. Por vezes as crianças choravam, diziam várias vezes que não eram capazes de realizar os trabalhos pedidos, tapavam os seus trabalhos com as mãos quando viam o Educador a aproximar-se e alguns nem lhos iam mostrar.

Exemplo 2: As crianças estão a ensaiar a coreografia de grupo para apresentar aos pais na festa de final de ano. As instruções dadas pelo Educador são muito incertas, uma vez que nem ele está ainda seguro dos passos que constituirão a coreografia. Perante a atuação inesperada das crianças, surgem insultos em tom elevado, atitudes abruptas para com as crianças e constante repetição de que são incapazes de realizar um bom trabalho, querendo mesmo excluir alguns elementos da coreografia. O resultado destas atitudes eram choros, tristeza e desinteresse pelo ensaio.

Estes são alguns dos exemplos que me alertaram particularmente e que juntamente com a minha curiosidade me levaram a querer aprofundar esta temática. Sempre me interessei particularmente pelos danos que as nossas atitudes poderão causar no desenvolvimento harmonioso das crianças, pela forma como devemos lidar e falar

com elas, porque as crianças são seres muito sensíveis, elas crescem e formam-se, em parte, com base nas interações sociais que estabelecem, com base nos modelos que observam e no *feedback* que lhe é transmitido pelos adultos que lhe são próximos. Tudo isto contribuiu para a minha vontade de perceber de que forma as atitudes que os adultos têm com as crianças influenciam (positiva e negativamente) o desenvolvimento da sua autoestima – problemática abordada neste trabalho.

Assim, este relatório foi dividido em quatro capítulos, que se organizaram da seguinte forma: O Capítulo I diz respeito ao Quadro de Referência Teórico dirigido ao tema “Autoestima na infância”; O Capítulo II denominado “Problematização e metodologia” engloba seis subtemas, sendo eles: “Problema, objetivos e questões de investigação”, “Paradigma Interpretativo”, “Design do estudo”, “Participantes do estudo”, “Instrumentos de recolha de dados”e, por último, o “tratamento e análise dos dados”; os Resultados constituem o Capítulo 3 e no Capítulo 4 são apresentadas as Considerações finais e a Conclusão. Após a Referência bibliográfica, estão anexados todos os guiões das entrevistas realizadas bem como as respetivas transcrições.

CAPÍTULO 1: O DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS E A ATITUDE DOS ADULTOS

A celebração do terceiro aniversário da criança dá por terminada a sua fase de bebé (Papalia, Olds & Feldman, 2001). A partir daí, e até completar os seis anos de idade, as suas capacidades motoras e mentais ainda vão sofrer grandes alterações, bem como a sua personalidade e relações pessoais. Isto porque, com os três anos, vem também o espírito aventureiro, o à vontade perante o mundo e a ansiedade em explorar as suas possibilidades e capacidades, não só do corpo mas também da mente (Papalia et al., 2001).

Apesar de no período pré-escolar a mudança ser mais lenta, comparativamente às etapas anteriores, todos os aspetos do desenvolvimento continuam a estar interligados – físico, cognitivo, emocional e social (Papalia et al., 2001). No entanto, este relatório focar-se-á principalmente em dois deles: emocional e social – mais precisamente no que toca ao desenvolvimento da autoestima.

1.1- Definição de Autoestima

Segundo Papalia e colaboradores, a autoestima é o julgamento que cada pessoa faz do seu próprio valor, podendo esta ser alta ou baixa. Paralelamente a esta ideia, Lima e Fragnani, (1998), definem autoestima como a certeza que o ser humano deposita na sua competência para pensar e encarar os desafios e dificuldades da vida.

Alcântara (1997) aprofunda esta questão, definindo a autoestima como uma atitude, uma atitude para a própria criança, na medida em que é a forma habitual de pensar, amar, sentir e comportar-se consigo mesmo, ou seja, é a disposição permanente com a qual ela se confronta com ela própria.

Para Rogers (cit. por Alcântara, p. 17) a autoestima é o núcleo base da personalidade. A autoestima não é inata, esta adquire-se consoante a história do sujeito. No entanto, a sua aprendizagem não é intencional uma vez que nos modela a partir de contextos educativos informais. Uma vez formada, a autoestima torna-se estável, consistente, difícil de remover e mudar, mas isto não significa que a sua natureza seja estática, ela é altamente dinâmica e por essa razão pode enraizar-se mais intimamente, pode crescer, interligar-se e ramificar-se com outras atitudes nossas; ou pode empobrecer-se e debilitar-se.

Continuando a seguir os estudos de Alcântara, compreendemos que a autoestima é considerada como uma das metas mais elevadas do processo educativo, bem como o eixo e o centro da nossa forma radical de pensar, ser e atuar, que abrange e dirige todo o dinamismo humano. Além disso, é também o princípio da ação humana, uma vez que determina o comportamento da criança e a dispõe para responder aos diversos estímulos do dia-a-dia.

Para este autor, a “única educação válida da juventude será a que incida decididamente no cultivo das atitudes básicas como a autoestima” (Alcântara, 1997, p.18). Esta comporta três componentes a ter em conta, para se chegar a uma metodologia educativa eficaz: cognitivo, afetivo e de conduta que estão de tal maneira interligados, que uma alteração num deles, implica uma modificação nos outros. Ou seja, um aumento a nível afetivo (e motivacional) leva-nos a um conhecimento mais profundo e a uma decisão mais eficaz; uma maior compreensão e conhecimento elevará automaticamente o componente afetivo e volitivo; com uma maior tendência e empenho na conduta, reforçam-se as dimensões afetiva e de conduta. O mesmo acontece no inverso – a deterioração de um, afetará negativamente os restantes. Portanto, antes de traçar a pedagogia da autoestima, é crucial ter em conta a existência e interação destes três componentes.

A autoestima como um componente cognitivo, deve-se ao facto deste indicar crenças, opiniões, ideias, processamento e perceção da informação. O autoconceito é a forma como percebemos a própria personalidade e conduta, aquilo a que Markus (cit. por Alcântara, 1997) chamou de “autoesquemas”, precisamente por se tratar da organização das experiências passadas para reconhecer estímulos do ambiente social.

“Acho determinante o valor da autoimagem para a vitalidade da autoestima. Somente se modelarmos o autoconceito em imagens intensas, ajustadas, ricas e atualizadas ao espaço e tempo em que vivemos se enraizará a autoestima e demonstrará a sua máxima eficácia nos nossos comportamentos.” (Alcântara, 1997, p. 19).

Para Alcântara, a autoestima é também um elemento afetivo, que colabora na avaliação daquilo que temos de positivo e de negativo, que implica um entendimento do agradável e desagradável, favorável e desfavorável que vemos em nós. É sentirmo-nos bem ou mal connosco mesmos, é a satisfação da grandeza e da excelência, mas também a tristeza trazida pelas nossas fragilidades e misérias, ou seja, é um juízo de valor acerca das nossas qualidades pessoais.

Por último, a autoestima é também um elemento de conduta, isto é, a intenção, a decisão de agir e de levar à prática um comportamento coeso. É a autoafirmação em busca de consideração e reconhecimento dos outros, ou seja, o empenho para conseguir honra, estima e respeito pelos outros e de nós mesmos.

1.2- A importância do papel dos Educadores de Infância no desenvolvimento da Autoestima

Apesar de a criança só adquirir o conceito de valor pessoal por volta dos 8 anos, o seu comportamento antes de atingir esta idade, demonstra que já o possui (Harter, 1993, cit. por Papalia et al., 2011).

Também Marquazan (1998, cit. por Lima & Fragnani, 1998) defende que é durante os primeiros contatos da criança com o mundo que se começa a formar a autoestima. A base de segurança e acolhimento, cedida nesse período pode dar origem a uma maior ou menor facilidade em enfrentar problemas futuros. A qualidade da autoestima das crianças começa a influenciá-las desde muito cedo e por essa razão deve ser trabalhada desde logo.

No entanto, “descura-se a educação da autoestima nos objetivos, programações e atividades escolares pela ignorância ou inadvertência face ao influxo decisivo que ela tem em todo o processo de maturação pessoal.” (Alcântara, 1997, p.9). Felizmente, a Lei de Bases do Ministério da Educação (ME) contempla a autoestima como objetivo fundamental, inserida na educação das atitudes. Porém, é necessário que todos os Educadores se consciencializem da sua importância, para que esta cresça e a sua necessidade seja valorizada por todos os sujeitos (Alcântara, 1997).

Segundo Alcântara (1997), a autoestima:

1- Condiciona a aprendizagem

Condiciona a aprendizagem até limites inimagináveis. Como disse Ausubel (cit. por Alcântara, 1997): “A aquisição de novas ideias e aprendizagem está subordinada às nossas atitudes básicas; destas depende que os umbrais da percepção estejam abertos ou fechados, que uma rede interna dificulte ou favoreça a integração da estrutura mental do aluno, que se gerem energias mais intensas de atenção e concentração.”

Por vezes, os comentários desagradáveis dos professores, pais e colegas, prejudicam o seu autoconceito que por sua vez vai reforçar o seu autodesprezo, formando assim um círculo vicioso destrutivo.

Outro caso a ter em conta, são os meninos “palhaços” ou indisciplinados cujo comportamento revela a imagem que têm de si mesmos e que muitas vezes acaba por ser reforçada com as punições irrefletidas dos educadores. Se em vez disso, os educadores se dedicassem à construção de um bom autoconceito daquela criança, com certeza que iriam observar uma evolução surpreendente, o que por sua vez iria facilitar a aprendizagem da criança.

2- Supera as dificuldades pessoais

Uma boa autoestima, ajuda a criança a enfrentar os problemas e fracassos inesperados, ou seja, dá-lhe a força que ela necessita para ultrapassar os obstáculos que diariamente aparecem na sua vida. Esta força irá reduzir os momentos de tristeza, bem como a sua duração e aumentará a probabilidade da criança conseguir alcançar o que deseja.

Em jovem, ou mais tarde já em adulto, uma autoestima baixa, vai deixá-lo frágil, e a mais pequena adversidade é capaz de o paralisar e deprimir.

Mais uma vez transcrevo uma citação de Alcântara (1997, p. 11) que diz que “se a educação deve dar às pessoas as bases necessárias para entrar na vida social e poder autorrealizar-se, deve também capacitá-lo para responder aos incessantes tropeços, choques e até danos que o esperam. Uma boa previsão para a viagem será a autoestima.”

3- Fundamenta a responsabilidade

Ao Educador, propõe-se, e espera-se, que este forme pessoas responsáveis, competentes e dispostas a comprometer-se, a arcar responsabilidades mas, por vezes, esquecem-se que apenas se compromete aquele que está seguro de si próprio, das suas capacidades e que acredita que consegue superar as dificuldades próprias do seu compromisso.

4- Apoia a criatividade

A criatividade requer confiança, uma criança só será criativa se tiver segurança em si mesma, nas suas capacidades e na sua originalidade, e isto tanto vale para a capacidade inventiva como para a novidade das ideias.

A lista abaixo apresentada diz respeito às principais estratégias que o adulto pode adotar, suscitadoras de criatividade. Note-se que em todas elas é indispensável a confiança em si próprio.

- “a) Apreciar qualquer esforço criativo, por pequeno que seja, do aluno;
- b) Fazer-lhe ver que as suas ideias têm valor;
- c) Tratar com respeito as perguntas feitas por ele;
- d) Proporcionar-lhe um clima de segurança psicológica em que possa pensar, sentir e criar livremente;
- e) Inspirar-lhe confiança na sua capacidade criativa;
- f) Observar o talento da criança em qualquer campo e agir em consequência;
- g) Animá-lo nas suas tendências;
- h) Recompensar todo o trabalho criativo” (Alcântara, 1997, p.12).

5- Determina a autonomia pessoal

A formação de crianças autónomas, autossuficientes, que se aceitem a si próprias, seguras de si mesmas, capazes de tomar decisões, que se sintam bem consigo mesmas, é um dos principais objetivos da Educação. No entanto, para que tudo isto seja possível, é necessário que a criança já tenha desenvolvido uma autoestima suficientemente positiva. Caso contrário, há uma grande probabilidade de esta criança se vir a considerar insignificante, necessitada, que precisa constantemente do auxílio do próximo, procurando a quem tem de obedecer e de quem depender.

6- Possibilita uma relação social positiva

A consideração e o respeito que a criança tem de si própria são a base para se relacionar facilmente com as restantes, isto porque ela vai atrair toda uma atmosfera positiva, que fará com que os outros se sintam bem com ela.

7- Garante a projeção futura da pessoa

Uma autoestima elevada fará com que a criança se sinta capaz de desejar sempre mais e melhor, de alcançar metas superiores e mais complexas e trará esperança.

“É evidente que educar na autoconfiança não é adormecer a pessoa à sombra dos louros da satisfação e do conformismo, não é engordá-la na sua comodidade interna, pelo contrário é revesti-la de energia espiritual.” (Alcântara, 1997, p.14)

8- Constitui o núcleo da personalidade

Segundo este autor a pessoa é um ser em busca da sua identidade e da sua autorrealização. Tendo isto em conta, qual será a validade de um sistema de ensino que se baseia nas coisas incontáveis, nas ciências físicas, biológicas, matemáticas, entre outras, e descarta a resposta à pergunta “quem sou eu?”

Educar, negligenciando a autoestima nunca poderá ser educar.

Além destes fatores, não nos poderemos esquecer da aprendizagem que a criança faz através da modelação. De acordo com Denham (1998, cit. por Vale, 2009), “a educação emocional fundamenta-se em três pilares: os modelos, o treino de competências e a adequação às contingências” p.143

A imitação é, até aos 6 anos idade, considerada com o método de aprendizagem mais forte, isto é, a criança copia aquilo que observa, logo serão inúteis todos os conselhos de autocontrolo que se transmitirem à criança se os adultos que a rodeiam lhe mostrarem atitudes agressivas (Vale, 2009). “Os modelos emocionais configuram-se como guiões que orientam o comportamento” (Vale, 2009, p.143). Por essa razão é necessário que haja, da parte dos adultos de referência (como pais e educadores) da criança uma especial atenção ao modelo que são e que estão a transmitir.

1.3- A importância do trabalho da Autoestima por parte dos Pais e restantes adultos presentes na vida da Criança

É normal que crianças entre os quatro e os sete anos subestimem as suas capacidades, isto porque ainda não adquiriram as competências cognitivas e sociais que os permitem comparar-se com os outros. Por essa razão, tendem a aceitar o julgamento dos adultos, que frequentemente lhes dão um feedback acrítico e positivo (Harter, 1990, cit. por Papalia et al., 2001).

E quando falamos em adultos, os pais também estão incluídos. Diekmeyer (1998) é outro defensor da ideia de que a autoimagem dos filhos se forma a partir das

informações que recebe dos seus pais. Por esse motivo, o autor afirma que nunca se deve dizer coisas negativas acerca da criança no presente, pois durante os primeiros dois a seis anos, aquilo que ele ouvir dos pais, será sentido como real: “Se a criança ouvir de si muitas opiniões positivas sobre as suas capacidades, adquire autoconfiança” (p.150)

A desvalorização destrói a comunicação entre pais e filhos e enfraquece seriamente a autoestima das crianças (Gottman & DeClair, 1999). Quando uma criança é capaz de executar uma tarefa sozinha, é importante que os pais a elogiem, pois dessa forma estão a contribuir para que no futuro ela tenha uma boa imagem de si própria (Brazelton, 1995).

Além disso o elogio aumenta a probabilidade da criança repetir o comportamento elogiado. No entanto, o elogio não deve ser dirigido à criança na totalidade, como comentários do género: “És muito bom menino.” Em vez disso, devemos nos referir ao ato em si: “Fizeste isso muito bem!”. Descrever frequentemente uma criança com adjetivos como “querida”, “boa”, “bem-comportada”, pode fazer com ela um dia faça alguma coisa proibida para que deixem de a ver apenas desse modo e mostrar que não pode ser sempre querida (Diekmeyer, 1998).

Mas tão importante como isso é o facto de os pais conseguirem manter-se afastados e deixarem que a criança passe por várias frustrações até ter sucesso. “A frustração pode ser uma força positiva para a aprendizagem de si própria – desde que não lhe provoque angústia.” (Brazelton, 1995, pp.408). Por exemplo, se a criança está a fazer um puzzle, é importante que os pais se consigam manter afastados, a observar as suas tentativas e frustrações, sem intervirem. Após algumas tentativas sem sucesso, eis que a criança consegue encaixar a peça! Perante o ar triunfante do filho, o mais correto é dizer-lhe “Conseguiste – e sozinho!” reforçando o seu próprio êxito.

É importante apoiar todas estas expectativas, porque dado que a autoconfiança da criança ainda não é firme, esta deve sentir que os pais a levam a sério, através da forma como estes reagem. Além disso, esforçar-se-á mais se ouvir uma opinião positiva do que se ouvir uma negativa, como desajeitado, trapalhão, etc. Se a criança se convencer das suas capacidades mais facilmente concretizará novas tarefas em vez de ficar “de pé atrás” perante novos obstáculos. Apesar de toda a independência, a criança continua a precisar do apoio e preocupação dos adultos (Diekmeyer, 1998).

Se os pais se tivessem intrometido na atividade (para o encorajar a tentar ou até para lhe mostrar como se fazia) teriam reduzido o seu triunfo para metade – foi ele que insistiu e foi ele que conseguiu (Brazelton, 1995).

À medida que a criança vai tendo estas vitórias, mais fácil será para os pais manterem-se distantes e deixá-la experimentar, sentir-se frustrada e por fim conseguir executar a tarefa autonomamente (Brazelton, 1995). “Sem esta combinação de liberdade e de encorajamento, ele pode desenvolver uma expectativa de submissão passiva ou de insucesso.” (Brazelton, 1995, p. 408).

Portanto, os elogios e as críticas ajudam a criança a tomar consciência do próprio sucesso. No entanto, tem de haver um equilíbrio entre elogios e críticas, porque demasiados elogios podem prejudicar essa noção, pressionando a criança em vez de a encorajar; bem como críticas excessivas podem resultar em passividade em vez de energia para solucionar problemas (Brazelton, 1995). “O elogio efusivo (e infundamentado) constitui um exagero. A consequência disso é a decepção posterior, quando a criança compara as suas capacidades com as das outras crianças” (Diekmeyer, 1998, p.150).

Perante um comportamento inapropriado da criança (como insultar, bater, etc.) o adulto deve dar-lhe uma consequência. Mas esta consequência deve ser bem pensada e previamente discutida com a criança, para que se chegue à melhor solução possível. Só assim esta repreensão trará resultados e surtirá efeitos, porque caso contrário pode levar à revolta (Vale, 2009). Diekmeyer (1998) acrescenta ainda que “Os castigos raramente têm o efeito pretendido. A maior parte das vezes, a criança nem chega a perceber por que foi castigada; sente-se insegura e reage com teimosia.”

Suponhamos a seguinte situação: a criança está a ajudar os pais a pôr a mesa e por descuido parte um prato. Perante esta situação, Diekmeyer (1998, p.150) considera que “Não deve dizer-lhe: “Logo vi que isso ia acontecer!” (se já tivesse pensado nisso, não devia ter-lhe posto o prato nas mãos!) evite também o comentário mal-humorado: “Estragaste tudo!” (Não é verdade!) também seria um erro perguntar: “Porque não prestaste atenção?” O seu filho está convencido que teve cuidado. A reacção mais adequada é a seguinte: “Que pena o prato ter-se partido! Vamos comprar outro. Também já aconteceu comigo.” Em todo o caso, deixe a criança continuar a levar o prato. Opte por lhe dar a louça que não se importa que se parta (facto natural). A louça de madeira ou de plástico não é, no entanto adequada para esta situação. Se a louça cair e não se partir, a criança pensa que não há motivo para ter cuidado com ela.” Evite alertá-la constantemente com avisos do género “tem cuidado, não pegues nisso!”, “vê lá se não partes isso!”, pois farão com que a criança sinta que só faz asneiras e que é

desajeitada. Estas atitudes vão torná-la receosa e insegura e farão dela uma pessoa desajeitada e acanhada (Diekmeyer, 1998).

Mas então, quando devem os pais elogiar ou criticar? A resposta é: através da “observação da criança. Se ela se tornar irritável, é porque provavelmente está sob demasiadas tensões. Se não está segura de si própria, pode precisar de encorajamento construtivo e de menos criticismo.” (Brazelton, 1995, p.410).

Em suma, o expectável não é que os pais alterem os seus estilos a fim de influenciarem os filhos, mas sim que aprendam a encorajar a sua iniciativa e a favorecer a sua autoestima. Portanto, todas as tarefas novas devem ser alvo de encorajamento, sem facilitismos nem pressões, não esquecendo a importância da autonomia: a criança deve experimentar várias vezes à sua trapalhona maneira de explorar e falhar até descobrir qual a maneira certa. Mesmo que esta se atrapalhe e siga um rumo sem saída, os pais não devem intrometer-se, mas sim deixá-la perceber onde errou e elogiá-la quando tentar de novo. Quando a criança é bem-sucedida, deve ser elogiada (moderadamente). Tarefas como apertar os atacadores; beber o leite pela caneca (mesmo correndo o risco de o entornar, embora se deva ter em conta dar pouca quantidade de cada vez); esmagar a banana antes de a comer; fazer desabar uma pilha de cubos e quebrar o bico do lápis, são apenas alguns exemplos - claro, dentro dos limites de respeito pelos outros e segurança. É igualmente importante que os pais não se esqueçam “do enorme poder que a frustração tem para incentivar uma criança pequena na sua procura de domínio e do sentido da sua própria competência.” (Brazelton, 1995, pp.410-411).

Haltiwaner e Harter (1988, cit. por Papalia et al., 2011) concluem afirmando que os comportamentos de apoio dos pais (como por exemplo, ler histórias, escutar a criança, arranjar-lhe um lanche, consolá-la quando chora) têm um contributo fundamental na construção da autoestima das crianças.

1.4- Atitudes reveladoras de uma autoestima alta e baixa

Uma criança com uma autoestima alta está motivada para realizar (Harter, 1990, cit. por Papalia et al., 2011). Caso contrário, a criança poderá interpretar o seu fracasso como um indicador do seu valor pessoal, levando-a a pensar que é incapaz de fazer melhor. Por exemplo, se a criança repara que está a ter dificuldades na montagem de um puzzle, pode sentir-se envergonhada, acabando por desistir, ou indo escolher outro que

já conheça. Isto demonstra, que estas crianças não têm expectativas e por isso mesmo, não chegam sequer a tentar. Por sua vez, o facto de não tentarem vai fortalecendo a ideia de que não conseguem e consequentemente, fazê-las duvidar cada vez mais na possibilidade desta situação vir a ser ultrapassada.

Todos estes sentimentos vão interferir na qualidade do desenvolvimento global da criança, podendo a ideia de ser uma pessoa incapaz, acompanhá-la até à idade adulta (Papalia et al., 2011). É precisamente para evitar que situações destas aconteçam que, pais e professores devem dar prioridade aos *feedbacks* específicos e focalizados, baixando a frequência das críticas à criança enquanto pessoa (Burhans & Dwrck, 1995, cit. por Papalia et al., 2011).

Vicente (2009) refere algumas das atitudes (aqui indicadas na primeira pessoa, retratando a perspetiva da criança) reveladoras de uma autoestima baixa na infância:

- Sou insegura, tenho medo de fazer as coisas;
- Sou inadequada, não faço nada bem;
- Estou sempre com dúvidas;
- Estou sempre incerta do que sou e nunca sei o que fazer;
- Nunca posso errar, ou faço tudo na perfeição, ou é melhor não fazer;
- Acho que não sou capaz de fazer nada;
- Preciso de agradar e ser reconhecida pelos outros. Acho que ninguém gosta de mim.

1.5- Fatores de risco no desenvolvimento infantil

Outra importante função dos educadores (e de todos os profissionais da área da infância) é estarem informados acerca dos fatores de risco que poderão prejudicar o desenvolvimento da criança. Só assim, conseguirão interromper ou prevenir a ocorrência do risco (Maia & Williams, 2005). Isto porque, apesar do afeto e calor transmitidos pela maioria dos pais, há sempre algumas exceções que não conseguem (ou não querem) tomar conta dos filhos de forma apropriada, colocando a criança em situações de perigo (Papalia et al., 2001). Os maus tratos podem trazer graves consequências, não só a nível físico, como também cognitivo e psicossocial (Papalia et al., 2001).

Segundo Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002, cit. por Maia & Williams, 2005, p.92), os fatores de risco são “condições ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis.”

São então considerados como fatores de risco no desenvolvimento infantil, todos os gêneros de violência doméstica (considerada como o principal motivo pelo qual crianças e adolescentes acabam por viver na rua): violência física; negligência e violência psicológica – incluindo a exposição à violência conjugal (Maia & Williams, 2005).

A violência física caracteriza-se pelos maus tratos corporais (espancamento, lesões, queimaduras, fraturas, entre outros) e é considerada como a principal causa de morte na infância (Azevedo & Guerra, 1995, cit. por Maia & Williams, 2005). Kempe, Silverman, Steele, Droegemuellere Silver, (1962), cit. por Papalia et al., (2001, p.300), afirmam que o abuso físico “envolve potenciais danos físicos, num padrão frequentemente referido como a síndrome da criança batida.”

Crianças que sofrem este tipo de violência têm o dobro da probabilidade das outras de vir a cometer crimes violentes. No entanto, são as crianças mais jovens ou bebês, os mais vulneráveis a este tipo de agressão, por serem mais fracos e indefesos. O preocupante é que se receia que o número registado de crianças violentadas seja maior do que o estimado, por duas razões: primeiro, estas crianças não têm um contacto diário com o seu Professor/Educador, que poderia detetar ou até mesmo comunicar suspeitas de abuso e negligência; a segunda razão é que em crianças mais pequenas, acaba por se tornar mais difícil de distinguir maus-tratos de injúrias acidentais (Maia & Williams, 2005).

A vivência diária com a violência pode deixar várias sequelas na criança. Em termos emocionais, podemos observar: baixa autoestima, desconfiança, sentimento de estar a ser disputado pelos pais, embaraço, culpa, vergonha, dificuldade na expressão das emoções, raiva, sentimentos depressivos, entre outros; em termos comportamentais, podemos assistir a casos de agressividade ou passividade, procura de atenção, enurese ou pesadelos, manipulação, dependência, recusa em ir à Escola, etc. (Gabinete de Apoio à Família, 1997). Baixa autoestima; baixa tolerância à frustração; rigidez; abuso ou dependência de substâncias; ausência de empatia; problemas físicos de saúde e depressão são tudo características associadas aos agressores de menores (Maia & Williams, 2005).

Comparando os pais abusivos, com os restantes, estes demonstram ter: uma menor compreensão da complexidade dos relacionamentos sociais – mais precisamente, do papel parental e do atendimento às necessidades do outro – uma irreal expectativa e perspectiva negativa em relação aos seus filhos e, por fim, uma menor interação com os seus filhos, considerando o seu papel como sendo stressante (Maia & Williams, 2005).

Relativamente às características das crianças mais vulneráveis a este tipo de violência, destacam-se: a idade menor a 5 anos; as complicações no nascimento; as deficiências físicas e mentais e os comportamentos considerados problemáticos (Hughes et al., 2001, cit. por Maia & Williams, 2005). Além destes fatores, há ainda variáveis de relacionamento que potenciam a violência física: viver num lar onde ocorre violência doméstica/discórdia marital; crianças de famílias com histórico de abuso e baixo estatuto económico (Maia & Williams, 2005). Por fim, fatores da comunidade que contribuem para o aumento da probabilidade de a criança vir a ser abusada: a comunidade aprovar essa mesma violência, bem como a punição corporal e a distribuição desequilibrada do poder dentro da família e da sociedade (Hughes et al., 2001, cit. por Maia & Williams, 2005).

A negligência é outra vertente da violência doméstica. Esta caracteriza-se pela privação de tudo o que é indispensável ao bom desenvolvimento da criança (vestuário, alimentação, segurança, oportunidade de estudo, entre outros). A negligência pode levar à desnutrição, a um atraso global no desenvolvimento, ou até mesmo à morte (Monteiro, Abreu & Phebo, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005). É um problema bastante frequente a nível mundial, atingindo crianças de todas as raças e classes sociais (Unidade de Saúde Familiar Marginal (USF Marginal), 2014). Segundo o site da USF Marginal, existem três tipos de negligência: negligência física, emocional e educativa.

A negligência física é a falta de cuidados médicos básicos, falta de uma alimentação cuidada, falta de higiene e uso de vestuário em mau estado ou impróprio ao clima e abandono sem vigilância por longos períodos. Isto pode causar na criança: má nutrição, aumento da susceptibilidade a doenças infecciosas ou até mesmo fatais (quedas, queimaduras, envenenamento, afogamento, etc.) ou atraso no crescimento (USF Marginal, 2014).

Estamos perante um caso de negligência emocional quando se ignoram as necessidades emocionais da criança – privação de afeto e suporte emocional. Este tipo de violência, pode causar insegurança, baixa autoestima, depressão, consumo de álcool e drogas, dificuldades de aprendizagem, risco de suicídio, agressividade, etc. Quando

esta negligência está presente de forma grave nos primeiros anos de vida, afeta o crescimento, levando à desnutrição e à morte (USF Marginal, 2014). Papalia, e colaboradores (2001) consideram este tipo de negligência como sendo simultaneamente psicológica.

Relativamente à negligência educativa, pode-se dizer que esta se caracteriza pela falta de condições que a criança tem para a sua formação intelectual e moral: privação da escolaridade básica, absentismo escolar, etc. As suas repercussões nas crianças baseiam-se na interferência da aquisição de conhecimentos básicos, no abandono escolar e à marginalidade. Também diminui as hipóteses de sucesso educativo, profissional e integração social (USF Marginal, 2014).

Segue-se a violência psicológica, que segundo Papalia e colaboradores, (2001, p.300) se trata de uma “ação verbal ou qualquer outra não física, que pode prejudicar o funcionamento comportamental, cognitivo, emocional ou físico da criança. Pode incluir rejeitar, aterrorizar, isolar, explorar, depreciar ou ridicularizar.” Este tipo de violência pode ter várias consequências, entre as quais se destacam: o suicídio; a morte; a agressão à vítima ou aos seus entes queridos e a danificação de propriedade. Além destes casos, a violência psicológica prejudica os pensamentos intrapessoais (depressão, baixa autoestima, etc.), a saúde emocional (abuso de substâncias, instabilidade emocional, etc.), as habilidades sociais (problemas de apego, empatia pelos outros, etc.), aprendizado (prejuízo moral, por exemplo) e por fim a saúde física (alta mortalidade, falha no desenvolvimento, entre outros) (American Academy of Pediatrics, cit. por Maia & Williams, 2005).

O grau de severidade das consequências deste tipo de violência varia consoante tenha sido a sua intensidade, gravidade, frequência, apaziguamento e cronicidade. Outro fator influenciador é o estágio de desenvolvimento da criança (American Academy of Pediatrics, cit. por Maia & Williams, 2005). É de salientar que, as crianças que vivem em lares violentos, embora não sejam vítimas diretas dessa violência, ficam com uma maior probabilidade de vir a ter problemas ligados à violência conjugal, isto porque, a observação desse comportamento disfuncional, interfere e afeta o seu desenvolvimento físico e mental. Por exemplo, há uma maior probabilidade da criança vir a vivenciar a oposição das emoções e reações entre amor e ódio (Cardoso, 2001, cit. por Maia & Williams, 2005); de se tornar um adulto agressivo e dependente de álcool ou drogas; de ter distúrbios de atenção e consequentemente baixo rendimento escolar; Brancalhone &

Williams (2003, cit. por Maia & Williams, 2005) indicam ainda: ansiedade; depressão; problemas somáticos, entre outros.

A convivência com a violência entre pais, traz consigo outro risco para a criança: a possibilidade de ela mesmo vir a ser física e sexualmente abusada (Maia & Williams, 2005). À luz da Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, isto traduz-se num círculo vicioso, na medida em que a mulher agredida pode descarregar na criança e esta ao tentar parar a agressão entre o casal (possivelmente para defender a mãe) pode ficar ferida. Mais tarde, a criança que testemunhou a agressão contra a própria mãe, pode vir a ser um marido agressor, ou uma mulher agredida (Holden et al., 1998, cit. por Maia & Williams, 2005).

Os estudos de Bandura afirmam que as aprendizagens com os outros se fazem apenas pela observação e imitação, sendo por isso legítimo concluir que a observação de modelos é suficiente para explicar uma grande parte do desenvolvimento cognitivo (Schaffer, 1996, cit. por Erra, 2005). Para além de Bandura, também Mark e Picard, (1996, cit. por Erra, 2005, p.10) definem a interação social como sendo uma “ação mútua entre indivíduos com influência entre si. Isto significa que o comportamento de um modifica e é modificado pela ação do outro”.

No entanto, há quem discorde com esta teoria. Piaget defende que a socialização não se limita à observação de modelos, mas sim a uma negociação entre os parceiros com ideias próprias. Assim, a criança “procura e seleciona os estímulos que considera significativos para o momento em que se encontra”, quer isto dizer que a criança é o próprio agente do seu desenvolvimento (Schaffer, 1996, cit. por Erra, 2005, pp. 7-8).

No que toca aos pais agressores, salientam-se algumas características comuns, tais como: abuso de substâncias, habilidades parentais pobres, depressão, baixa autoestima, tentativa de suicídio ou outros problemas psicológicos, competências sociais pobres, perda da empatia, pais autoritários, violência doméstica, stress social e disfunção familiar (Maia & Williams, 2005).

A Violência sexual é outro género de violência doméstica. Este tipo de violência engloba todas as situações em que um ou mais adultos (do mesmo sexo, ou não) se apoderam da criança ou adolescente para obter prazer sexual (Maia & Williams, 2005). Papalia, e colaboradores, (2001), acrescentam ainda que estamos perante um caso de abuso sexual quando uma pessoa mais velha pratica qualquer tipo de atividade sexual com uma criança.

Assim, existem três grandes tipos de violência sexual: abuso sem contacto físico (como telefonemas obscenos, exibição dos órgãos sexuais, mostrar vídeos pornográficos à criança, etc.); abuso sexual com contacto físico (como por exemplo tentativa de relações sexuais e carícias nos órgãos genitais) e por último, prostituição de crianças e adolescentes (casos de exploração sexual com fins económicos) (Monteiro, Abreu & Phebo, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005).

Uma criança que sofra qualquer um destes tipos de violência sexual pode, a curto prazo, vir a ter problemas como: depressão; comportamento sexualizado; comportamentos regressivos (ex: enurese); problemas escolares; comportamentos auto-lesivos e agressão (Williams, 2002, cit. por Maia & Williams, 2005). Depressões; prostituição e problemas com relacionamento sexual, são alguns problemas possíveis de aparecer a longo prazo.

Existem vários fatores que influenciam o prognóstico dos casos de abuso sexual. São eles: a proximidade do agressor em relação à vítima; a quantidade de agressores; a intensidade da violência; a topografia do ato sexual; o tempo de duração e a sua frequência, e por fim, o apoio que o sujeito não agressor (normalmente a mãe) dá à vítima (Williams, 2002, cit. por Maia & Williams, 2005).

A pobreza, a personalidade e história dos pais, bem como as habilidades dos mesmos, são quatro fatores de risco relacionados com a ocorrência de abuso infantil (crónico e negligência) (Barnett, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005). A gravidez é outro risco de ocorrência de maus tratos (gravidez de pais adolescentes; gravidez de risco; pai/mãe com múltiplos parceiros, etc.) (Barnett, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005).

E mais uma vez, se comprova que estes casos são uma “bola de neve”: 30% das crianças maltratadas, serão pais abusadores ou negligentes; e por sua vez, 70% dos pais que maltratam os filhos, foram igualmente maltratados durante a sua infância (Barnett, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005). Geralmente, pais violentos apresentam características comuns: são hostis, mais punitivos e tendem a reagir negativamente ao choro de uma criança (Barnett, 1997, cit. por Maia & Williams, 2005).

Em 2002, o Ministério da Saúde, identificou alguns fatores de risco no desenvolvimento infantil, no que toca à família e à criança/adolescente. Alguns exemplos (Maia & Williams, 2005):

- Famílias nas quais há pouco afeto entre pai/mãe/filho (família);

- Famílias em situação de crise (separação do casal, desemprego, morte, etc.) (família);

- Crianças com falta de vínculo parental nos primeiros anos de vida (criança);
- Crianças que nascem com malformações (criança);
- Fumo (adolescentes);
- Contágio de doenças sexualmente transmissíveis (adolescentes).

Em 2003, Fox e Benson (cit. por Maia & Williams, 2005), estudaram o papel da comunidade como influência para o desenvolvimento da criança e chegaram às seguintes conclusões:

- 1- Famílias com características positivas podem proteger as crianças dos riscos da comunidade;
- 2- Famílias de alto risco podem ocultar as vantagens oferecidas por uma “boa” vizinhança.

1.6- Fatores de proteção no desenvolvimento infantil

Em oposição aos fatores de risco, existem os fatores de proteção. Estes alteram ou melhoram a resposta do indivíduo perante ambientes hostis, logo diminuem a probabilidade de o indivíduo vir a ter problemas de exteriorização, tais como: raiva, agressão, atos de crueldade para com os animais e consumo de álcool ou drogas (Holden et al., 1998, cit. por Maia & Williams, 2005). Ou seja, estes fatores podem atuar como “um escudo para favorecer o desenvolvimento humano, quando pareciam sem esperança de superação por sua intensa ou prolongada exposição a fatores de risco” (Grünspun, 2003, cit. por Sapienza & Pedromônico, 2005). Isto é, a presença de um fator de proteção pode fazer com que um indivíduo, mesmo estando exposto a adversidades, se desenvolva adequadamente (Masten & Coastworth, 1995, cit. por Sapienza e Pedromônico, 2005).

Podem funcionar como fatores de proteção:

- O suporte social e um autoconceito positivo (Sapienza & Pedromônico, 2005);
- Um bom vínculo afetivo com um cuidador alternativo – irmãos ou avós, por exemplo. Essa pessoa pode-se tornar num importante suporte nos momentos menos

positivos, desenvolvendo igualmente a autonomia e a confiança da criança (Albernaz, 2013);

- Crenças religiosas – independentemente de quais – por transmitirem um sentido à sua vida (Albernaz, 2012);

- Os amigos e a escola – são também importantes fatores de proteção por fornecerem suporte emocional (Albernaz, 2013);

- Os professores podem funcionar como bons modelos de identificação pessoal para uma criança em risco (Albernaz, 2013).

Kumpfer e Alvarado (2003, cit. por Albernaz, 2013) indicam como principais fatores de proteção familiares:

- Relacionamento positivo entre pais e criança;
- Método positivo de disciplina;
- Monitorização e supervisão;
- Comunicação de valores;
- Expectativas pró-sociais e saudáveis.

Conforme os mesmos autores, as pesquisas em resiliência indicaram como principais fatores de proteção: o suporte parental auxiliando crianças a desenvolverem sonhos, objetivos, e propostas de vida.

Em 1985, Garmesy (cit. por Maia & Williams, 2005), organizou os fatores de proteção em três categorias: atributos disposicionais da criança (autonomia, autoestima, etc.); características da família (como por exemplo, a coesão e ausência de discórdia) e fontes de apoio individual ou institucional disponíveis para a criança e para a família (relacionamento da criança com pares e pessoas fora da família).

Para Pinheiro (2004, cit. por Sapienza & Pedromônico, 2005), as principais funções do processo de proteção são: criar meios para reverter os efeitos do stress, reduzir o impacto e as reações negativas que se seguem à exposição ao risco e estabelecer uma boa autoestima e autoeficácia.

CAPÍTULO 2: PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

2.1 – Problema, objetivo e questões de investigação

O presente estudo surgiu da necessidade de perceber a influência das atitudes dos adultos que rodeiam a criança em idade pré-escolar (familiares e educadores de infância) no desenvolvimento da sua autoestima.

Assim, foram realizadas entrevistas a oito sujeitos para saber as suas opiniões relativamente a esta problemática, focando aspetos como: as interações verbais negativas (insultos, desvalorização dos trabalhos realizados, desmotivação, entre outros) e positivas (elogios, palavras de reforço e ânimo); atitudes físicas agressivas (como as palmadas dadas no contexto de jardim-de-infância, determinados castigos e atitudes que envergonham publicamente a criança) e positivas, como por exemplo, acalmar a criança em situações de stress.

“Em épocas passada a auto-estima significava autocentrado, o orgulho vinha antes da queda, o auto-elogio não era cumprimento. Agora, a auto-estima é encarada como a pedra angular do bem-estar das crianças e da saúde família”, afirma Elizabett Fishel (1998, p.206) no seu testemunho enquanto mãe.

Fishel (1998) baseou o seu trabalho em alguns teóricos e terapeutas familiares da primeira infância dos quais se destacam: Bruno Bettelheim, Alice Miller, Selma Fraiberg, Virginia Satir, que acreditam que “a auto-estima é encorajada pela aceitação, por parte dos pais, da criança toda para o melhor e o pior, alegre ou triste, com êxito ou esforçando-se, modesta ou exibicionista, como nós ou diferente” (p. 207).

A autora acrescenta ainda que “desde a mais tenra infância que a criança constrói uma imagem interna de si mesma baseada em parte na maneira como é tratada e cuidada pela mãe, pai, ou outras pessoas principais que tomam conta dela. Cada palavra, impaciente ou meiga, cada gesto, áspero ou calmante, cada expressão, aprovadora ou desaprovadora, aumenta esta imagem interior.” (p.207)

Assim sendo, o principal objetivo desta investigação foi perceber de que forma as atitudes dos adultos influenciam o desenvolvimento da autoestima das crianças em idade pré-escolar. De forma a alcançar este objetivo, foram formuladas três questões de pesquisa principais:

- 1) Quais as representações de educadores e pais sobre a autoestima nas crianças e o seu papel no desenvolvimento da mesma?
- 2) Como identificar a autoestima de uma criança?
- 3) Compreender e analisar o tipo de atitudes que promovem e inibem o desenvolvimento da autoestima.

2.2 – Design do Estudo: Paradigma Interpretativo

O presente estudo enquadra-se no paradigma qualitativo interpretativo, na medida em que para a sua elaboração foi realizada uma primeira observação, na qual assumi um papel participante, que permitiu a definição do tema em estudo e numa segunda fase foram realizadas entrevistas presenciais a um leque de sujeitos pertencentes a três grandes categorias: Psicólogas, Educadoras e Pais. O paradigma interpretativo é um dos três paradigmas ao serviço da Investigação Educacional e difere-se dos restantes pela sua tendência naturalista e cariz qualitativo (Miranda, 2008).

Define-se pela sua interpretação divergente, complexa, intangível e holística da realidade, o que nos leva a querer compreendê-la e interpretá-la. Além disso, a influência e o relacionamento recíprocos entre teoria – prática são aspetos igualmente típicos deste tipo de paradigma. É determinado por critérios de transferibilidade, confirmação e credibilidade e o seu principal objetivo é “a generalização das hipóteses de trabalho em contexto e tempo dado, através da utilização de explicações ideográficas, indutivas, qualitativas e centradas sobre as diferenças” (Miranda, 2008). Este paradigma pressupõe uma metodologia humanista-interpretativa, utilizando técnicas qualitativas e descritivas. Sendo o investigador participante o principal instrumento de investigação, a análise de dados será qualitativa (Miranda, 2008).

Existem depois postulados ontológicos e epistemológicos ligados ao paradigma interpretativo que “tornam a atribuir ao espírito um lugar de relevo, à semelhança do que ele ocupa actualmente na psicologia cognitiva” (Erikson, 1989, p.127, cit. por Lessard-Hébert; Goyette & Boutin, 1990, p.40). Partindo do ponto de vista da filosofia, existem três postulados ontológicos principais: materialista; espiritualista e dualista. É neste último que se insere a investigação interpretativa, uma vez que valoriza os

comportamentos observáveis relacionados com significados criados e modificáveis pelo espírito (Lessard-Hébert et al., 1990, p.41).

2.3 – Participantes do Estudo

De forma a alcançar o objetivo anteriormente referido, foram realizadas oito entrevistas presenciais. Uma vez que se pretende perceber o impacto da generalidade dos adultos que lidam com crianças no desenvolvimento da sua autoestima, e de forma a dar credibilidade a este estudo, foram selecionados três grandes grupos de sujeitos: Educadoras de Infância, Pais e uma Psicóloga Infantil.

A seleção dos participantes focou-se essencialmente nas Educadoras de Infância, visto ser a área da minha formação. Neste sentido houve o cuidado de entrevistar Educadoras com diferentes anos de serviço e locais de formação. Todas as profissionais colaboram para a mesma Associação, Associação onde passei grande parte da minha infância e a qual visito com regularidade.

Relativamente à seleção dos Pais que participaram neste estudo, houve a preocupação de entrevistar um igual número de Pais e Mães cuja idade dos filhos abrangesse o mais possível o intervalo dos 3 aos 6 anos de idade. No entanto, houve a curiosidade de entrevistar um casal, de forma a enriquecer o estudo.

Por fim, contei com a colaboração de uma Psicóloga Infantil, que também acompanhou grande parte da minha infância e com quem criei uma boa amizade. O seu testemunho possibilitou uma visão mais profunda e científica da temática em estudo.

Breve apresentação biográfica da Psicóloga:

A Psicóloga que colaborou neste estudo tem entre os 36 e os 40 anos e fez a sua formação no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. É Pós-Graduada e exerce as suas funções há 10 anos. Neste momento trabalha numa Escola, no seu consultório pessoal e numa empresa. Exerce funções de Psicóloga Clínica há cerca de 1 ano e meio, funções de Psicoterapeuta há 9 anos e de Formadora de Competências Parentais há 11.

Breve apresentação biográfica da Educadora I:

A Educadora I tem entre os 46 e os 50 anos e Licenciou-se no Instituto Jean Piaget. Exerceu os cargos de Educadora de Infância e Responsável de A.T.L durante dois anos e ao fim desse tempo empregou-se noutra Associação na qual é Educadora há 25 anos.

Breve apresentação biográfica da Educadora II:

A segunda Educadora a colaborar para este estudo tem entre os 21 e os 30 anos de idade, sendo a entrevistada mais nova de todo o trabalho. É Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo há dois anos e formou-se na Escola Superior de Educação de Setúbal. Até ao momento foi responsável das salas de 1 e 2 anos.

Breve apresentação biográfica da Educadora III:

A Educadora em questão tem mais de cinquenta anos e Licenciou-se na Maria Ulrich e no ISEC no qual fez o complemento à Licenciatura. A sua vida no mundo da educação já celebra 35 anos, sendo que durante este tempo exerceu diversas funções dentro da área: é Educadora de Infância há 35 anos e Coordenadora Pedagógica há 23; foi membro do Concelho Municipal de Educação de Loures; fez parte da direção da Associação onde trabalha atualmente; trabalhou com várias estagiárias dos cursos de Educadora e Auxiliar de Educação e realizou várias apresentações em escolas e ações de formação.

Breve apresentação biográfica da Mãe I:

A primeira Mãe a ser entrevistada para este estudo tem entre os 36 e os 40 anos. Concluiu o 12º ano, tem duas filhas, com 2 e 4 anos, e está grávida de uma terceira, que só irá nascer em meados de Dezembro. No que diz respeito ao campo profissional, trabalhou durante 10 anos numa Empresa e atualmente exerce funções de Assistente Comercial desde Junho deste ano.

Breve apresentação biográfica da Mãe II:

A Mãe II que se disponibilizou a participar no estudo tem entre os 36 e os 40 anos e terminou os seus estudos após concluir o 10º ano. Foi empregada de escritório durante 15 anos mas há cerca de 1 ano ficou desempregada tendo aproveitado para ficar em casa a tomar conta do seu filho de 3 anos. Conta em voltar a ingressar no mercado

de trabalho este ano, voltando a colocar o filho mais novo na creche. Além deste tem ainda outro filho de sexo masculino com 18 anos.

Breve apresentação biográfica do Pai I:

O Pai I tem entre os 31 e os 35 anos e concluiu o 8º ano, exercendo a profissão de Serralheiro Civil há 16 anos. Tem dois filhos, um casal, com 4 e 7 anos.

Breve apresentação biográfica do Pai II:

Este Pai tem entre os 21 e os 30 anos de idade e concluiu a sua vida de estudante quando terminou o 12º ano. Trabalhou durante 3 anos como empregado de escritório e há cerca de 1 ano abriu uma empresa, sendo Administrador da mesma. É esposo da entrevistada Mãe II com quem teve um filho que no momento da entrevista tinha 3 anos.

2.4 – Instrumentos de recolha de dados

Para Moresi (2003), a técnica de recolha de dados é "o conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controle e a análise dos dados".

Assim, e tendo em conta que estamos perante um estudo de natureza qualitativa, partiu-se das perspetivas pessoais dos participantes de modo a conhecer não só, a visão que cada grupo de sujeitos tem do tema, mas também para ter uma maior noção da realidade da situação.

As entrevistas, juntamente com as conversas informais permitiram que posteriormente houvesse um confronto entre essa informação e os referentes teóricos que fundamentam este relatório, de forma a conferir validade à informação aqui disponibilizada.

2.4.1- Entrevistas:

As entrevistas constituíram o eixo central deste estudo ao permitir a “recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito” e “permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Gogdan & Biklen, 1994, p.143).

Este estudo foi realizado com base em oito entrevistas semiestruturadas, cuja origem do guião se dividiu em dois aspetos: 1) na observação das práticas observadas em contexto de J.I.; 2) com base em pesquisa previamente realizada acerca do tema.

As entrevistas foram dirigidas a três grupos de sujeitos: Psicóloga, Educadoras e Pais, sendo que a divisão das mesmas foi de uma entrevista a uma Psicóloga Infantil; três dirigidas a Educadoras de Infância; duas conduzidas a Mães e por fim, outras duas a Pais. Por esta razão, apesar da existência de questões comuns, foram elaborados três guiões, de acordo com a função social de cada sujeito.

Dada a disponibilidade dos entrevistados para a realização de entrevistas presenciais, estas decorreram entre os dias 30 de Junho e 18 de Julho nos locais sugeridos pelos sujeitos, sendo que na altura do agendamento das mesmas se discutiram os direitos fundamentais dos sujeitos. Neste contexto, todos tiveram um tratamento justo e leal, uma vez que lhes foi transmitida a informação sobre o tema, natureza, finalidade, metodologia e duração do estudo de investigação, bem como da importância da sua colaboração. Nesta primeira abordagem ficou igualmente acordado o direito ao anonimato e confidencialidade e gravação de áudio das entrevistas, de modo a facilitar a íntegra transcrição das mesmas, tal como sugerem Bogdan e Biklen, (1994).

2.4.2- Conversas informais:

As conversas informais que antecederam e precederam as entrevistas foram também uma importante fonte de informação, que embora não esteja registada, foi muito útil para delinear e ter uma visão mais global da realidade. Num ambiente mais descontraído, os entrevistados acabaram por partilhar vivências pessoais e, no caso das Educadoras, houve até uma transmissão de conselhos e conhecimentos que me foram bastante úteis não só para a realização desta investigação, como também para enriquecimento pessoal e futura qualidade pedagógica.

2.4.3- Recolha documental:

Os documentos oficiais adquirem uma enorme importância na investigação por serem boas fontes de informação (Coutinho, 2008). Segundo Aires (2001, p.42), esta técnica de recolha de dados pode desempenhar diversas funções: “apoiar os métodos

directos de recolha de informação, validar e contrastar a informação obtida, reconstituir acontecimentos importantes para as pessoas ou grupos sociais em análise, gerar hipóteses, etc.”. Neste caso, a informação recolhida através desta técnica foi essencial para a elaboração dos guiões de entrevista e para validar as diferentes opiniões transmitidas pelos sujeitos nas entrevistas, comparando-as com as dos grandes autores.

2.5 – Tratamento e análise de dados

Após a leitura de todas as entrevistas categorizou-se a informação, transmitida pelos sujeitos, em 11 categorias, sendo que nove são dirigidas a todos os entrevistados e duas são exclusivas aos pais. Há que ter em conta que toda a análise e posteriores resultados, são baseados nas representações dos atores sobre o fenómeno em estudo, sendo fruto das suas experiências pessoais. Todas as entrevistas realizadas e respetivos guiões estão disponíveis entre os anexos 1 e 11.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS

Referências às categorias elaboradas

São apresentadas seguidamente, e de forma sucinta, todas as categorias elaboradas para a análise de conteúdo:

1- Categorias Comuns a todos os entrevistados:

▪ *IMPORTÂNCIA DE UMA AUTOESTIMA ALTA PARA A VIDA DO INDIVÍDUO*

Neste aspeto, as Educadoras e a Psicóloga entrevistadas referiram a importância do desenvolvimento da autoestima para a inserção na sociedade, tendo-se destacado a facilidade na socialização e integração num grupo, bem como a convivência e a anulação dos líderes. Até porque, tal como afirma Alcântara (1997), a consideração e o respeito que a criança tem de si própria são a base para se relacionar facilmente com as restantes, isto porque ela vai atrair toda uma atmosfera positiva, que fará com que os outros se sintam bem com ela.

Além disto, a autoestima pode também comprometer o desenvolvimento socioemocional e afetivo, tal como referiam a Psicóloga, as Mães I e II e o Pai II, no qual se destacam a confiança e a insegurança face ao amor dos outros.

▪ *A FAMÍLIA COMO FACTOR INFLUENCIADOR*

Nesta categoria as respostas dos entrevistados dividiram-se em duas subcategorias: o ambiente familiar e o estatuto socioeconómico. Neste sentido, destacaram-se as discussões familiares como sendo um fator prejudicial e o estatuto socioeconómico baixo como uma característica mais suscetível a um fraco desenvolvimento da autoestima. Em 1997, o Gabinete de Apoio à Família indicou a baixa autoestima como sendo uma das sequelas causadas nas crianças, pela vivência diária com a violência. Aos olhos de Maia & Williams (2005), a exposição à violência conjugal é um dos

fatores de risco ao desenvolvimento infantil, sendo que esta violência é mais propícia em meios de baixo estatuto socioeconómico.

Como fator benéfico salientou-se a ida à escola, visto que por vezes é o único local onde a criança tem um ambiente estável e se sente amada e integrada. Segundo a Unidade de Saúde Familiar Marginal (2014), a inexistência de negligência educativa contribui para o sucesso educativo e profissional da criança e aumenta as hipóteses de integração social.

▪ **AS ATITUDES DOS ADULTOS COM IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS**

Em relação às atitudes dos adultos, mais precisamente no que diz respeito ao *feedback positivo*, todos os respondentes – à exceção do Pai I – referiram o incentivo, tendo-se destacado também o elogio, embora com um menor número de referências.

Diekmeyer (1998, p.150) vai ao encontro destes testemunhos, ao afirmar que “se a criança ouvir de si muitas opiniões positivas sobre as suas capacidades, adquire autoconfiança”. Quando uma criança é capaz de executar uma tarefa sozinha, é importante que os pais a elogiem, pois dessa forma estão a contribuir para que no futuro ela tenha uma boa imagem de si própria (Brazelton, 1995). Por essa razão, “perante o ar triunfante do filho, o mais correto é dizer-lhe “Conseguiste – e sozinho!” reforçando o seu próprio êxito (Brazelton, 1995).

Os insultos, inseridos no *feedback negativo*, foram também o fator mais referido, seguindo-se a transmissão de incertezas quanto às capacidades das crianças. Gottman e DeClair (1999), defendem que a desvalorização destrói a comunicação entre pais e filhos e enfraquece seriamente a autoestima das crianças.

Há ainda algumas experiências relatadas pela Psicóloga entrevistada, que apesar de não se terem destacado em termos de quantidade de referências, me chamaram à atenção por as considerar tão interessantes. Uma delas foi feita por um Cientista Japonês que arranjou três frascos de vidro e em cada um deles colocou um pouco de arroz. Durante um ano, aproximadamente, este comunicou diariamente com os bagos de arroz de três formas distintas: a um dirigia-se sempre com elogios, a outro sempre com repreensões e insultos e ao ultimo simplesmente não lhe dirigia a palavra, não lhe

prestava qualquer atenção. Ao fim de um mês, os resultados eram claros: O frasco que continha o arroz que tinha sido elogiado estava apenas com algum bolor, sendo ainda visíveis algumas partes brancas (há que ter em conta que este esteve um mês num frasco); o arroz que tinha sido ignorado estava com um pouco mais de bolor que o anterior, e o que tinha sido insultado estava completamente podre, mesmo preto. Ou seja, “mais que não seja até de uma perspectiva mesmo genética e biológica, tudo... a forma como se relacionam connosco vai condicionar mesmo toda a estruturação” (Psicóloga).

Mas este Cientista ainda fez outra experiência: ele fotografou vários cristais de água, submetidos a diferentes estímulos: frases do holocausto, elogios, músicas de Mozart, entre outros e chega à conclusão de que de facto há uma diferença, apenas visível microscopicamente, nos cristais da água. Ou seja, nós somos constituídos por 70% de água, se pensarmos que todos estes estímulos interferem numa molécula, chegamos a conclusões devastadoras. Portanto, tudo isto vai ter um impacto muito forte, não só psicológico como também fisiológico.

▪ ***NO CASO DA PALMADA EM CONTEXTO DE J.I.***

Todas as Educadoras e Psicóloga se mostraram contra esta situação, tendo sido referido pela Educadora I que esta lhes faz falta sim, - às crianças - mas em casa. Algumas das Educadoras mostraram-se um pouco reticentes com o efeito da mesma, ao ser afirmado que esta “não lhes diz grande coisa” e “só surte o efeito naquele momento”. Para além disso, ainda se levantou outro problema: a possibilidade de imitação por modelagem, referido pela Psicóloga e pelas Educadoras I e II. Concordante com este problema, está Vale (2009): A imitação é, até aos 6 anos idade, considerada com o método de aprendizagem mais forte, isto é, a criança copia aquilo que observa, logo serão inúteis todos os conselhos de autocontrolo que se transmitirem à criança se os adultos que a rodeiam lhe mostrarem atitudes agressivas. “Os modelos emocionais configuram-se como guiões que orientam o comportamento” (p.143). Por essa razão é necessário que haja, da parte dos adultos de referência (como pais e educadoras) da criança uma especial atenção ao modelo que são e que estão a transmitir. Para além disso, os estudos de Bandura afirmam que as aprendizagens com os outros se fazem apenas pela observação e imitação, sendo por isso legítimo concluir que a observação de

modelos é suficiente para explicar uma grande parte do desenvolvimento cognitivo (Schaffer, 1996, cit. por Erra, 2005).

▪ ***NO CASO DOS CASTIGOS FORA DA SALA***

Tanto a Psicóloga como as Educadoras I e II discordaram com esta situação. Juntando-se todos os testemunhos, pode-se afirmar que ao colocar uma criança fora da sala podemos “estar a catalogar aquela criança (...) como um elemento que nós não queremos”, ou seja é como se estivéssemos a dizer que “ela não faz parte daquele grupo” e “para alguns, o sair fora é mesmo muito mau”. Vale (2009) lança um alerta: Perante um comportamento inapropriado da criança (como insultar, bater, etc.) o adulto deve dar-lhe uma consequência. Mas esta consequência deve ser bem pensada e previamente discutida com a criança, para que se chegue à melhor solução possível. Só assim esta repreensão trará resultados e surtirá efeitos, porque caso contrário pode levar à revolta.

Além disto, as Educadoras II e III referiram que preferiam convidar a criança a “pensar na vida” do que utilizar o termo “castigo”, para a fazer refletir na sua atitude (Educadora II) e evitar a influência pela negativa. (Educadora III). Diekmeyer (1998, p.53) também não se mostra adepto do castigo: “Os castigos raramente têm o efeito pretendido. A maior parte das vezes, a criança nem chega a perceber por que foi castigada; sente-se insegura e reage com teimosia.”

Destaco ainda um excerto do relato da Psicóloga entrevistada no que diz respeito aos castigos no quarto, por serem dos meios de punição mais falados e consequentemente mais utilizados pelas famílias. Segundo esta Entrevistada, “a criança não ser deve colocada, por exemplo, no quarto porque isso depois pode levar a terrores noturnos, ou seja, o quarto é suposto ser um espaço que seja tranquilizador, pode ser fechada... pode ir de castigo para a cozinha ou, por exemplo, para a sala se a televisão estiver desligada.” (Psicóloga).

▪ ***CONSCIÊNCIA DA COMUNIDADE (EX: PAIS) FACE À AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS***

Quando entrevistados, todos os Pais – à exceção do Pai I – se mostraram sensíveis ao tema: “Para eles é muito bom trabalhar essa parte” – Mãe I; “para mim é focal” – Mãe II; “tem de se ter algum cuidado na forma como se lida com eles e nas palavras que se empregam” – Pai II. Estes testemunhos vão ao encontro das opiniões expostas pelos Educadoras e pela Psicóloga, na medida e que estes afirmam que de facto há uma consciência de alguns pais, mas não de todos. Hughes, e colaboradores (2001, cit. por Maia & Williams, 2005) afirmam que um dos fatores da comunidade que contribuem para o aumento da probabilidade de a criança vir a ser abusada (prejudicando a sua autoestima) é o facto de a comunidade aprovar essa mesma violência.

Mais uma vez, importa destacar um caso frequente em J.I. relatado pela Educadora III. Este exemplo tem que ver com o respeito dos pais pelos desenhos dos filhos: “quando no início eles são mais pequeninos e os desenhos deles são uns riscos e os pais dizem “ai para quê que eu quero isso? Isso são só riscos!” e há uma coisa que eu digo aos pais que é: “esse risco ele disse-me que era a mãe, disse-me que era o pai, disse-me que era o cão, por isso, para ele na sua cabeça está lá, só que não conseguiu ainda realizar e mostrar que realmente o boneco é o pai e que a casa é da mãe e que há um cão e que não sei quê... porque ainda não conseguiu mostrar isso, mas na sua cabeça está lá, portanto quando a mãe diz que aquilo é uma porcaria e que é um risco que é uma coisa que não presta, é a sua ortografia, é a sua imagem”.

▪ ***CONSCIÊNCIA DOS EDUCADORES FACE À AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS***

Analisando as respostas das Educadoras nesta categoria, apercebemo-nos que todos consideram ser um tema trabalhado no J.I., mas as Educadoras I e II confessam haver algumas falhas, ou porque se “cria os líderes da sala (...) por simpatia dos pais” – Educadora I; ou porque há muitos fatores condicionantes no J.I., como transmitiu a Educadora II. A Mãe II e o Pai I afirmam, respetivamente, que, “como ele se porta bem connosco, não há ali um diferencial” e como eu “não vejo atitudes que digam o contrário”, acreditam que esse trabalho esteja a ser realizado nas escolas dos seus filhos. Já os restantes pais têm observado comportamentos, tanto por parte das Educadoras como por parte das crianças, que os deixam um pouco apreensivos em relação a esta problemática. Além deles, também Alcântara (1997, p.9), pensa que se descure “a educação da autoestima nos objetivos, programações e atividades escolares pela

ignorância ou inadvertência face ao influxo decisivo que ela tem em todo o processo de maturação pessoal.” O mesmo autor acrescenta ainda que a Lei de Bases do Ministério da Educação (ME) contempla a autoestima como objetivo fundamental, inserida na educação das atitudes. Porém, é necessário que todos os Educadores se consciencializem da sua importância, para que esta cresça e a sua necessidade seja valorizada por todos os sujeitos.

▪ **AUTOESTIMA ALTA**

Destacou-se nesta categoria a facilidade da criança estar e socializar com o grande grupo, através dos testemunhos relatados pela Psicóloga e pela Educadora III. No entanto foram também referidas facilidades ao nível da: iniciativa, organização, defesa, fazer escolhas, expressão e expansividade. Uma criança com uma autoestima alta está motivada para realizar (Harter, 1990, cit. por Papalia et al., 2011).

▪ **AUTOESTIMA BAIXA**

Relativamente às características reveladoras de uma autoestima baixa, referiram-se a introversão, a reserva e a timidez, pela Psicóloga e pela Educadora III. A dificuldade em relacionar-se com os pares foi outro sinal referido, como podemos ver através de alguns testemunhos: “Ao nível de (...) relação entre pares” – Psicóloga; “às vezes as meninas lhe batiam” – Educadora I; “ela tinha medo que aquilo que fizesse estivesse mal feito aos olhos dos outros, dos adultos e dos amigos” – Educadora I; “dificuldade em (...) se relacionar com os amigos, está sempre sozinho” – Educadora I. Por fim, algumas questões de insegurança: “insegurança face ao próprio amor mas, também face ao amor dos outros (...) são mesmo muitas questões a nível de insegurança” – Psicóloga; “estão constantemente a dizer “eu não consigo”” – Educadora II.

Harter (1990, cit. por Papalia et al., 2011) dá-nos um exemplo concreto onde estão presentes alguns destes sentimentos por parte da criança: Por exemplo, se a criança repara que está a ter dificuldades na montagem de um puzzle, pode sentir-se envergonhada, acabando por desistir, ou indo escolher outro que já conheça. Isto demonstra, que estas crianças não têm expectativas e por isso mesmo, não chegam

sequer a tentar. Por sua vez, o facto de não tentarem vai fortalecendo a ideia de que não conseguem e conseqüentemente, fazê-las duvidar cada vez mais na possibilidade desta situação vir a ser ultrapassada.

Para além dele, também Vicente, (2009) refere algumas atitudes (aqui indicadas na primeira pessoa, retratando a perspetiva da criança) que vão ao encontro das respostas dos entrevistados:

- Sou insegura, tenho medo de fazer as coisas;
- Sou inadequada, não faço nada bem;
- Estou sempre com dúvidas;
- Estou sempre incerta do que sou e nunca sei o que fazer;
- Nunca posso errar, ou faço tudo na perfeição, ou é melhor não fazer;
- Acho que não sou capaz de fazer nada;
- Preciso de agradar e ser reconhecida pelos outros. Acho que ninguém gosta de mim.

Apesar de não ter sido alvo de uma análise profunda, considero relevante sistematizar algumas das técnicas referidas pelas Educadoras para tentar combater a fraca autoestima das crianças. Uma das formas relatadas visa combater o constante “não consigo”, que acompanha o dia-a-dia de tantos meninos. Perante esta situação, e numa fase inicial, a Educadora sugeriu o acompanhamento passo-a-passo para tentar mostrar à criança de que ela é capaz de executar as tarefas de forma autónoma. Isto é: supunhamos que há uma criança que está constantemente a dizer “eu não consigo” seja qual for a atividade que lhe é proposta. Esta Educadora deu o exemplo da autonomia na casa de banho, na qual referiu ter acompanhado a criança indicando-lhe todos os passos a proceder para que conseguisse utilizar a sanita de forma autónoma – casa de banho, sentas-te, fazes xixi, limpas-te, etc, ajudando-a sempre. Depois, aos poucos, começou a dizer à criança para ela tentar fazer sozinha e, naturalmente, quanto mais tentava mais vitórias tinha, o que a levou a perceber que conseguia realizar aquela tarefa sozinha e ganhar a sua autonomia na higiene.

Outro caso partilhado foi o sucesso nos trabalhos manuais. A protagonista deste episódio pintava lindamente, mas quando lhe era pedido um trabalho mais específico (como um boneco, por exemplo) ela dizia que não era capaz de o fazer. Perante esta situação, e conhecendo as capacidades daquela criança, a Educador adotou uma estratégia positivista, dizendo coisas como “és capaz, és”, “eu vou-te dando uma ajuda, mas tu vais fazer sozinha”, “então vamos lá, vamos fazer primeiro a cabecinha... estás a

ver a tua cabeça, o que é que tens? Então e o que é que tens na tua cara?” e a criança ia desenhando a bolinha para a cara, depois os olhos e aos poucos o boneco ia-se completando. No fim, perante o sucesso da criança, a Educadora elogiou-a: “estás a ver como foste capaz? Olha tão bonito que ficou!”.

A mesma Educadora, relatou ainda outro caso, desta vez, de uma criança com dificuldades na socialização, que, por não se destacar no grupo, acabava por ficar um pouco excluída das brincadeiras. Para superar esta dificuldade, a Educadora indicou o uso de jogos cooperativos, nos quais tanto ela como a criança intervinham. “Vamos todos brincar e agora a Maria (que estava fora) vai ser a mãe, a Maria vai fazer o almoço, ou o Manuel vai andar com o carrinho aqui na pista, vamos fazer a pista...” (Educadora III) e assim os outros começavam a ver que aquela criança até sabia brincar e começavam a aceitá-la mais nas brincadeiras.

No entanto, apesar de todos estes sucessos, a Educadora III, alerta para a possibilidade de um dia a criança poder voltar à estaca zero, principalmente quando vai para um sítio novo, que desconhece, como por exemplo a entrada na escola primária, pois esta mudança implica superar tudo de novo: integrar-se num grupo, verbalizar, expor as suas ideias, tudo isso demora o seu tempo e pode ser o suficiente para a criança regredir. Para contornar esta situação, a mesma Educadora diz ser muito importante haver um intercâmbio entre os Educadores e os Professores do Primeiro Ciclo, para que haja uma passagem rápida da informação relevante de cada criança, de forma a rentabilizar a aula. Por exemplo: indicar os meninos que não podem ficar juntos, os que se têm de sentar mais à frente ou mais atrás, os que podem ter mais dificuldades em integrar-se no grupo, entre outros aspetos.

2- Categorias exclusivas aos Pais

Estas categorias inseriram-se num exemplo inspirado numa situação referida na literatura (livro abaixo referenciado), segundo o qual foram dadas várias atitudes que os Pais poderiam adotar, face à situação apresentada. Portanto, foi-lhes pedido que indicassem as atitudes que, na sua opinião, seriam corretas e incorretas e porquê. Para facilitar a análise dos dados, agruparam-se essas mesmas atitudes em duas categorias: Atitudes de repreensão/ inibição e Atitudes de Relativização.

Situação descrita no livro:

“Um exemplo concreto: imagine que o seu filho partiu um prato.” (Diekmeyer, 1998, p.150).

▪ **ATITUDES DE REPREENSÃO/ INIBIÇÃO**

- Quando lhes pedi a sua opinião em relação ao gritar com a criança por esta ter partido, neste caso, o copo, todos consideraram não ser uma boa atitude a adotar.

- Relativamente à pergunta “porquê que não tiveste cuidado?”, as opiniões foram unânimes: “Não”. O Pai II ainda acrescentou: “se calhar até teve cuidado mas é pequenino... ainda não controla bem os movimentos...” Perante o exemplo acima descrito, Diekmeyer (1998, p.150) diz que “seria um erro perguntar: “Porque não prestaste atenção?” O seu filho está convencido que teve cuidado.”).

- “Dizer-lhe que assim não gosta dele” foi outra das opções dadas, com a qual nenhum Pai concordou. Para Alcântara (1997), a autoestima é também um elemento de conduta, isto é, a intenção, a decisão de agir e de levar à prática um comportamento coeso. É a autoafirmação em busca de consideração e reconhecimento dos outros, ou seja, o empenho para conseguir honra, estima e respeito pelos outros e de nós mesmos.

- Nenhum Pai concordou em não deixar o filho continuar a colaborar nas tarefas da casa. “Fora de questão também. Quanto mais colaborar melhor, habitua-se (risos) faz-lhe bem!” – Pai II. Relativamente ao exemplo acima descrito, Diekmeyer (1998, p.150) aconselha-nos para que “em todo o caso, deixe a criança continuar a levar o prato.”

- Obrigar o filho a apanhar os cacos do chão também não foi uma ideia que agradasse aos Pais. Os Pais I e II, ainda revelaram o seu receio em o filho cortar os dedos.

- Mais uma vez, todos os Pais – à exceção do Pai I – partilharam a mesma ideia: “não”, quando lhes foi questionado se concordavam em dizer aos seus filhos que já esperavam que ele fosse partir o copo. Diekmeyer (1998, p.150), afirmou no mesmo exemplo: “Não deve dizer-lhe: “Logo vi que isso ia acontecer!” (se já tivesse pensado nisso, não devia ter-lhe posto o prato nas mãos!)”

- “Chamar-lhe desajeitado”, é uma atitude que nenhum dos Pais considerou correta. O Pai II ainda referiu que isso “cria trauma nas crianças.”. Realmente a desvalorização destrói a comunicação entre pais e filhos e enfraquece seriamente a autoestima das crianças (Gottman & DeClair, 1999). Além disso, Diekmeyer (1998) acredita que a criança se esforçará mais se ouvir uma opinião positiva do que se ouvir uma negativa, como desajeitado, trapalhão, etc.

- Na última opção desta categoria, “alertá-lo constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lha dar”, as Mães I e II e o Pai II, afirmaram ser uma atitude incorreta. Também na perspectiva de Diekmeyer (1998), se deve evitar alertar a criança constantemente com avisos do género “tem cuidado, não pegues nisso!”, “vê lá se não partes isso!”, pois farão com que a criança sinta que só faz asneiras e que é desajeitada. Estas atitudes vão torná-la receosa e insegura e farão dela uma pessoa desajeitada e acanhada.

▪ **ATITUDES DE RELATIVIZAÇÃO**

- Na hipótese “acalmá-lo, dizendo que não faz mal”, todos os pais à exceção do Pai I, consideraram ser uma boa opção. A Mãe II e o Pai II, para além disso acrescentavam que para a próxima a criança teria de ter mais cuidado. “A reacção mais adequada para Diekmeyer (1998, p.150) é a seguinte: “Que pena o prato ter-se partido! Vamos comprar outro.”

- No que toca à hipótese “confessar-lhe que também já partiu alguma coisa”, todos os respondentes consideraram ser uma boa atitude, à exceção do Pai II: “ele depois pode pensar “ah o meu pai já partiu por isso eu posso partir””. Mais uma vez, para Diekmeyer (1998, p.150), a melhor opção é relativizar dizendo, por exemplo: “Que pena o prato ter-se partido! Vamos comprar outro. Também já aconteceu comigo.”

- A opção seguinte foi “começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia de novo ao chão”. Aqui as opiniões dividiram-se: as Mães consideraram ser uma boa atitude, já os Pais não, porque “senão eles vão passar a vida a brincar” – Pai II. Diekmeyer (1998, p.150) partilha da mesma opinião que os pais

entrevistados: “A louça de madeira ou de plástico não é, no entanto adequada para esta situação. Se a louça cair e não se partir, a criança pensa que não há motivo para ter cuidado com ela”

- Já a possibilidade “passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta” teve comentários mais semelhantes: Apenas a Mãe II não concordou. No entanto, o conselho de Diekmeyer (1998, p.150) é: “opte por lhe dar a louça que não se importa que se parta”.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Síntese sobre as respostas às questões de investigação colocadas

Este estudo teve como principal objetivo perceber, de que modo, as atitudes dos adultos podem influenciar o desenvolvimento da autoestima em crianças, entre os três e os seis anos de idade. Para isso, foi necessária uma vasta pesquisa que acabou por se complementar com os casos reais relatados pelos entrevistados, que colaboraram neste estudo. Para orientar todo este estudo foram formulados três tópicos de pesquisa, apresentados em seguida:

- 1) *Quais as representações de educadores e pais sobre a autoestima nas crianças e o seu papel no desenvolvimento da mesma?*

De acordo com as opiniões transmitidas pelas Educadoras e pela Psicóloga, apercebemo-nos que, no que toca aos Pais, ainda existe uma subvalorização da criança no sentido de ainda ser muito pequena e ainda ter muito tempo para definir e trabalhar esta área. No entanto, os mesmos sujeitos afirmam que ainda existem pais que se preocupam com esta problemática e demonstram vários cuidados na forma como falam e lidam com os seus filhos. Ou seja, neste momento, as opiniões dividem-se de igual modo, entre os pais que se mostram sensíveis ao tema e os que não se parecem importar. No entanto, estes dados alteram-se quando se pergunta diretamente aos pais a sua opinião: três deles mostraram-se interessados e empenhados em ajudar os seus filhos nestes aspetos; outro acredita que a autoestima do seu filho já nasceu com ele e que não vão ser as suas atitudes a definirem isso.

Relativamente à sensibilização das Educadoras, todas afirmaram ser um tema bastante importante e ao qual o Educador tem de estar atento, mas a Psicóloga, a Mãe I e o Pai II, mostram-se um pouco reticentes a esta ideia. A Mãe I, anteriormente referida, relatou situações de retrocessos na autonomia do filho e o Pai II, problemas comportamentais após o ingresso da criança numa sala específica.

Em suma, percebemos que, no geral, tanto os Pais como as Educadoras se dizem informados e conscientes da importância da autoestima que as crianças formam nestas

idades, no entanto, na prática, cometem alguns erros que levam as outras pessoas a pensar o contrário. Aliás, duas das Educadoras admitiram isso mesmo, devido a alguns fatores stressantes, como o elevado número de crianças que têm à sua responsabilidade e a influência de todos os colaboradores e questões burocráticas da Associação.

2) *Como identificar a autoestima de uma criança?*

As informações recolhidas permitem concluir que uma criança cuja autoestima seja elevada demonstra extroversão, iniciativa e vontade de dialogar e de expor as suas ideias. Quanto à autoestima baixa, são referidas (pela maioria dos entrevistados) como atitudes preocupantes: a insegurança face às suas capacidades e o isolamento demonstrando-se inibida em relacionar-se com os pares.

As respostas registadas mostram-nos que apesar de haver um maior número de perguntas direcionadas para a autoestima baixa, a maioria dos entrevistados revelou uma maior tendência para indicar atitudes negativas nas questões menos específicas. Esta discrepância pode ter a ver com inúmeros fatores, mas eu sugiro uma das possíveis interpretações que a mim me parece fazer mais sentido: isto revela uma demonstração de uma maior preocupação face ao possível desenvolvimento de uma autoestima baixa do que face à importância do desenvolvimento de uma autoestima elevada.

3) *Compreender e analisar o tipo de atitudes que promovem e inibem o desenvolvimento de uma autoestima alta.*

Tendo em conta os dados referidos pelos entrevistados, este tópico foi dividido em duas subcategorias: *feedback positivo* e *feedback negativo*. Relativamente ao primeiro, referido por todos os entrevistados, destacam-se atitudes como elogiar e valorizar a criança bem como as suas capacidades. Relativamente ao feedback negativo, as atitudes que assumiram um maior relevo foram os insultos e a desvalorização da criança. Ou seja, exatamente o oposto do anterior.

Curiosamente tanto as Educadoras como os Pais referiram o elogio e/ou o incentivo, no entanto cada um direccionou o seu discurso e os exemplos dados para a sua área, ou seja, as Educadoras focaram-se nos exemplos e nos casos que trabalham no

jardim-de-infância, enquanto os Pais se focaram mais nas situações quotidianas dos seus lares.

Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional

Foi com bastante entusiasmo e curiosidade que realizei esta pequena investigação na área da educação pré-escolar, tendo sido sem dúvida algo que me preencheu totalmente, tanto a nível pessoal como profissional. Primeiro por ter explorado um tema acerca do qual me interrogo há bastante tempo e depois pelos conhecimentos que adquiri, não só através da leitura dos grandes autores, mas principalmente através das entrevistas e das conversas informais que realizei. Estes foram sem dúvida diálogos que me enriqueceram a todos os níveis, por todos os conselhos e histórias partilhadas – principalmente com a Psicóloga e com as Educadoras.

Penso que a autoestima das crianças é um tema bastante pertinente, uma vez que a sua desvalorização (ou esquecimento) é algo que perdura nos dias de hoje e na educação em Portugal, não só em contexto familiar, mas em alguns casos também em contexto de jardim-de-infância – tal como referem os entrevistados. Por esta razão, e dada a paixão que tenho pela educação e pelas crianças, gostaria que a leitura deste trabalho transportasse o leitor para uma reflexão profunda acerca das suas atitudes e das crianças que se estão a criar neste país.

Investigações futuras a partir deste trabalho e possíveis reformulações

O objetivo deste trabalho foi responder às questões de investigação inicialmente formuladas, com base na informação recolhida. Apesar de procurado abordar os principais tópicos que englobam a autoestima na infância, tenho noção de que poderiam ter sido muito mais aprofundados, mas infelizmente o pouco tempo disponível não me permitiu que assim o fizesse, sendo uma limitação do trabalho.

Ainda assim, este relatório poderá servir como um ponto de partida para outros estudos mais aprofundados. Poderão entrevistar-se mais sujeitos a fim de ter uma visão mais global e credível da problemática e implementar não só alguns projetos de intervenção como também mais ações de formação dirigidas aos profissionais da área.

Contudo, e tendo em conta as limitações acima referidas, penso que este trabalho retrata de uma forma bastante real toda esta problemática, deixando-nos certos de que é uma área que necessita de uma rápida intervenção.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Recuperado em 11 agosto, 2015, de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf>

Albernaz, T., (2013). *A Resiliência em Crianças Vitimas de Abuso Sexual no Processo Intrafamiliar*. Recuperado em 20 agosto, 2015, de <http://psicologado.com/atuacao/psicologia-social/a-resiliencia-em-criancas-vitimas-de-abuso-sexual-no-processo-intrafamiliar>

Alcântara, J. (1997). *Como Educar a Auto-estima*. Lisboa: Plátano Editora.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Brazelton, T. (1995). *O Grande Livro da Criança*. Lisboa: Editorial Presença.

Coutinho, C. (2008). *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Minho: Universidade do Minho. Recuperado em 11 agosto, 2015, de http://faadsaze.com.sapo.pt/12_tecnicas.htm

Diekmeyer, U. (1998). *O Desenvolvimento da criança – 2 anos*. Lisboa: Editorial Presença.

Erra, (2005). *Introdução de um Programa de Orientação Sócio-Afetiva em Crianças em Idade Pré-Escolar: Modificação das Relações Interpessoais*. Lisboa. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Fishel, E. (1998). *Relações entre Pais e Filhos*. Lisboa: Editorial Presença.

GAF (1997). *Violência Doméstica: consequências da violência nas crianças*. Porto. Recuperado em 31 maio, 2015, de <http://www.gaf.pt/intervencao/prevencao/intervencaoaviolenciadomestica/informacoes/consequenciasviolenciadomestica.php>

Gottman, J., & DeClair, J. (199). *A Inteligência Emocional na Educação*. Lisboa: Pergaminho.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, H. & Fragnani, E. (1998). *A auto-estima dos filhos: A Família influencia na (des)construção?*.

Maia, J., & Williams, L. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13, 91-100.

Miranda, B. (2008). *Investigação Educacional: Paradigmas da Investigação Educacional*. Lisboa. Recuperado em 8 agosto, 2015, de <http://adrodomus.blogspot.pt/2008/06/paradigmas-da-investigao-educacional.html>

Moresi, E. (2003). *Metodologia de Pesquisa*. Programa de Pós-graduação strictosensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação da Universidade Católica: Brasília.

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2011). *O Mundo da Criança*. Alfragide: McGraw-Hill.

Sapienza, G., & Pedromônico, M., (2005). Risco, Proteção e Resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. São Paulo. Recuperado em 20 agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a07>

Unidade de Saúde Familiar Marginal, (2014). *Negligência Infantil*. Lisboa. Recuperado em 31 maio, 2015, de <http://www.usfmarginal.com/?p=121>

Vale, V. (2009). *Do tecer ao remendar: os fios da competência sócio-emocional*. Coimbra. Escola Superior de Educação.

Vicente, A. (2009). *Saúde infantil: dicas para identificar e aumentar a auto-estima das crianças*. Porto. Recuperado em 16 agosto, 2015, de

<http://saudeinfantilfeira.blogspot.pt/2009/06/dicas-para-identificar-e-aumentar-auto.html>

ANEXOS

ANEXO 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA À PSICÓLOGA

A presente entrevista visa conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- A relevância do trabalho da autoestima durante a idade pré-escolar;
- Que atitudes prejudicam e favorecem o desenvolvimento da autoestima da criança;
- Que características nos permitem prever a qualidade da autoestima de uma criança e quais as atitudes mais corretas a ter em cada caso;
- A importância que os pais e restantes familiares depositam no desenvolvimento da autoestima dos seus filhos nesta idade.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo:
- Idade: 0-20__ 21-30__ 31-35__ 36-40__ 41-45__ 46-50__
>50__
- Habilitações Académicas:
- Local de Formação:
- Anos de serviço:
- Local onde trabalha:
- Funções que exerce presentemente:
- Funções que já exerceu na Área da Psicologia Infantil:

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

1- Considera relevante abordar o tema “autoestima” quando se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

2- A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

3- Na sua opinião, as atitudes que os adultos que rodeiam a criança, como os pais por exemplo, têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, indique algumas dessas atitudes, bem como as suas respectivas repercussões para a criança.

4- Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? De que forma? Dê exemplos.

5- Considera correto - numa situação familiar ou de jardim-de-infância – castigar a criança isolando-a? Por exemplo, fechá-la no quarto, colocá-la sentada virada para a parede, mandá-la sair da sala, entre outras situações. De que forma estas atitudes influenciam o desenvolvimento da autoestima dessa criança?

6- Como vê a ideia da “palmadinha” na educação de uma criança? Considera-a relevante no desenvolvimento da sua autoestima?

7- Que características são comuns nas crianças cuja autoestima é baixa?

8- Que características nos permitem afirmar que a criança tem uma autoestima elevada?

9- Uma fraca autoestima pode prejudicar o desenvolvimento global da criança?

10- Que benefícios traz uma elevada autoestima para o desenvolvimento de uma criança?

11- Há Pais e Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”, “estúpidos”, “parvos”, entre outros.

Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.

Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Psicóloga? Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?

12- Na sua opinião, os Pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?

13- Considera relevante o ambiente familiar para o desenvolvimento de uma autoimagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, dê exemplos.

14- Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?

15- Haverá atitudes que beneficiem a autoestima das crianças? Se sim, quais?

16- Segundo a sua opinião, qual a importância que as pessoas, em geral, dão à autoestima das crianças?

17- Tendo em conta a sua experiência, qual/quais são as atitudes mais comuns nos adultos, que prejudicam a autoestima das crianças?

18- E quais as que mais beneficiam?

19- Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.

**ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS
EDUCADORES DE INFÂNCIA**

A presente entrevista visa conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- A relevância do trabalho da autoestima durante a idade pré-escolar;
- As suas atitudes na prática pedagógica enquanto Educador de Infância;
- Que atitudes prejudicam e favorecem o desenvolvimento da autoestima da criança;
- Que características nos permitem prever a qualidade da autoestima de uma criança e quais as atitudes mais corretas a ter em cada caso;
- A importância que os pais depositam no desenvolvimento da autoestima dos seus filhos nesta idade.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo:
- Idade: 0-20__ 21-30__ 31-35__ 36-40__ 41-45__ 46-50__
>50__
- Habilitações Académicas:
- Local de Formação:
- Anos de serviço:
- Função que exerce presentemente:
- Funções que já exerceu na área da Educação:

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

1- Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” quando se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

2- A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

3- Na sua opinião, as atitudes que os Educadores (ou os adultos que rodeiam a criança, como os pais por exemplo) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)

4- Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação que apresentou na questão anterior?

5- Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou).

6- Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente para a questão nº. 8. Que reações observou por parte da criança perante a situação que apresentou na questão anterior?

7- Alguma vez sentiu que a sua atitude para com uma criança a inibiu de realizar ou dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.

8- Considera correto, colocar as crianças de castigo fora da sala, quando estas agem de uma forma que considera ser menos correta? Até que ponto essas atitudes influenciam o desenvolvimento emocional da criança?

9- Compreende e apoia a opinião dos Educadores que consideram importante dar uma “palmadinha” à criança de vez em quando, para que esta perceba onde errou e seja educada? Porquê?

10- Já trabalhou com alguma criança, cuja autoestima fosse visivelmente baixa? Que reações/ atitudes demonstrava essa criança? Como contornou essa situação?

11- Há Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”, “estúpidos”, “parvos”, entre outros.

Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.

Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Educador de Infância? Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?

12- Na sua opinião, os pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?

13- No geral, os pais do seu grupo de crianças, demonstram ter atitudes meigas e carinhosas para com o seu filho?

14- Desconfia que na sua sala haja algum caso, cujo ambiente familiar é propício ao desenvolvimento de uma autoimagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, exponha sucintamente o caso.

15- Tem na sua sala, alguma criança, cuja autoestima seja visivelmente baixa? Se sim, explique qual a razão que encontra para explicar essa situação.

16- Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?

17- Haverá atitudes que beneficiem a autoestima das crianças? Se sim, quais?

18- Segundo a sua opinião, como considera que seja o trabalho realizado nos Jardins-de-Infância acerca da autoestima das crianças?

19- Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.

ANEXO 3 – GUIÃO DE ENTREVISTA A UM PAI OU MÃE

A presente entrevista visa conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- A relevância do trabalho da autoestima durante a idade pré-escolar;
- As suas atitudes para com o seu filho(a) dia-a-dia;
- Que atitudes prejudicam e favorecem o desenvolvimento da autoestima da criança;
- A qualidade do trabalho desenvolvido nos jardins-de-infância que conhece no que diz respeito à autoestima das crianças.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo:
- Idade: 0-20__ 21-30__ 31-35__ 36-40__ 41-45__ 46-50__
>50__
- Habilitações Acadêmicas:
- Profissão atual e respetivos anos de serviço:
- Profissões anteriores e respetivos anos de serviço:
- Número de Filhos:
- Idades dos Filhos:

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

1- Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

2- A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê?

3- Na sua opinião, as atitudes que os pais (ou os adultos que rodeiam a criança) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)

4- Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente para a questão nº. 4. Que reações observou por parte da criança perante a situação que apresentou na questão anterior?

5- Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou).

6- Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação que apresentou na questão anterior?

7- Alguma vez sentiu que a sua atitude com o seu filho o inibiu de realizar ou dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.

8- Imagine a seguinte situação:

O seu filho(a) está a ajudá-lo a pôr a mesa para o jantar. A mesa está a ficar linda e direitinha, mas quando a criança vai colocar o último copo na mesa, este cai-lhe das mãos e parte-se, deixando vários cacos de vidro espalhados pelo chão.

Assinale com um (x) a(s) atitude(s) do adulto que considera mais correta(s) para esta situação. Explique o porquê da(s) sua(s) escolha(s):

- Gritar com a criança para lhe mostrar a sua autoridade e colocá-la de castigo por não ter tido o devido cuidado
- Perguntar-lhe porque não teve cuidado
- Acalmá-lo, dizendo que não faz mal
- Dizer-lhe que assim não gosta dele
- Confessar-lhe que também já partiu alguma coisa
- Começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia de novo ao chão
- Não o deixar colaborar mais nas tarefas da casa
- Obrigá-lo a apanhar os cacos do chão
- Continuar a deixá-lo participar nas tarefas da casa
- Passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta

- Dizer-lhe que já estava à espera que aquilo acontecesse
- Chamar-lhe desajeitado, para ver se para a próxima tem mais cuidado
- Alertá-la constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lhe dar

9- Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?

10- Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?

11- Tendo em conta o desenvolvimento emocional e as atitudes do seu filho, qual é a sua opinião em relação ao trabalho realizado no Jardim-de-Infância acerca da autoestima das crianças? Que atitudes do seu filho o levam a crer que esse trabalho esteja a ser (ou não) desenvolvido? Vê bons resultados?

12- O elogio é um factor de extrema importância no desenvolvimento da autoestima do seu filho. Elogia o seu filho sempre que ele merece? Quantas vezes o faz (em média) por semana?

13- Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PSICÓLOGA

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Feminino
- Idade: Entre os 36 e os 40
- Habilitações Académicas: Pós-Graduação
- Local de Formação: ISCTE
- Anos de serviço: 10
- Local onde trabalha: Escola Primária e uma Empresa; Consultório próprio
- Funções que exerce presentemente: Psicoterapeuta há 9 anos, Formadora há 11 e Psicóloga Clínica há 1 ano e meio;
- Funções que já exerceu na Área da Psicologia Infantil: -

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante abordar o tema “autoestima” quando se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

P: Sim considero que é muito importante porque é uma idade em que a criança claramente está a estruturar a sua identidade, a sua personalidade, e a questão da autoestima nestas idades pode condicionar depois a forma como ela sente segurança, não só o amor-próprio, a forma como se vê, como se sente e percebe face aos outros, como também depois face ao amor dos outros perante ela. E pronto, pode depois despoletar mais tarde situações mais complexas como seja desvalorização pessoal, intenção suicida, ou seja, mesmo casos mais problemáticos e, portanto dos 3 aos 6 é muito importante.

E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

P: Influencia sim. Influencia porque influencia lá está como eu dizia, não só a forma como ela depois se percebe, vai condicionar depois disso toda a relação que é estabelecida com os pares não é? Portanto uma criança que tenha desde logo uma autoestima mais fragilizada, naturalmente que vai ter mais dificuldade em estabelecer

35 relação e socializar como grupo de pares, portanto isso vai também condicionar todo o
36 desenvolvimento socioafetivo da criança, e por consequente, depois de pré-
37 adolescência, na adolescência e a vida adulta.

38
39 *E: Na sua opinião, as atitudes que os adultos que rodeiam a criança, como os*
40 *pais por exemplo, têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, indique*
41 *algumas dessas atitudes, bem como as suas respectivas repercussões para a criança.*
42

43 P: Como eu estava a dizer, ao nível da própria construção da sua estrutura de
44 personalidade, ou seja, o *feedback* externo, nomeadamente dos pais ou dos educadores
45 que é dado à criança é fundamental para que ela se estruture e para que ela se valorize,
46 ou seja, nestas idades há muita procura da aprovação e da valorização externa como
47 forma de confirmação do seu valor pessoal. Não sei se estou a ser clara. E, portanto
48 perguntas de influência, claro que sim, influencia todo o elogio que é dado à criança vai
49 ser a confirmação do seu próprio valor assim como o castigo ou a punição vai ser
50 precisamente o contrário. E... se sim, indique algumas dessas atitudes bem como
51 respectivas repercussões... ah... estou a pensar mais dos 3 aos 6 o que é que...dos 3 aos 6
52 há também um grande desenvolvimento em termos cognitivos, ou seja, criança vai
53 começando, ainda, não vai aprender a ler ainda, não é? Mas vai provavelmente começar
54 a aprender a contar progressivamente, começar a reconhecer algumas letras, as cores,
55 todas essas aprendizagens que vão sendo, e é de facto uma grande evolução em termos
56 cognitivos e intelectuais, portanto elogiar todas essas aprendizagens é fundamental para
57 que depois a criança acredite que tem capacidade para integrar outras aprendizagens. E
58 o contrário, se uma criança falha e mais importante do que nós demonstrarmos que a
59 criança falhou, é elogiarmos a tentativa. Porquê? Mais que não seja porque assim dessa
60 forma, a criança vai continuar a tentar, se nós dermos demasiado ênfase ao insucesso,
61 progressivamente a criança vai acabar por não tentar sequer e ter isso em atenção.
62 Portanto é... Pois respectivas repercussões, ou seja, nós não elogiarmos a tentativa e os
63 sucessos vai levar que a criança minimize determinado tipo de iniciativas que possa ter,
64 iniciativas quer sejam dela própria não é? De tentativas de fazer algo que ainda não
65 consegue como também depois na relação com o grupo de pares ou com os próprios
66 adultos que a rodeiam.

68 E: Estava a pensar naquilo que disse do castigo... pronto é assim, tem de se castigar
69 na mesma não é? Mas se calhar depende um bocadinho da forma como a criança é
70 castigada não?

71
72 P: Exatamente, a questão dos limites e dos castigos e das regras é fundamental para
73 a estruturação da criança, ou seja, no fundo também uma forma de nós lhe
74 transmitirmos segurança e de que nós estamos lá para aprender... a ajudá-la a que ela
75 aprenda o que é correto e o que é errado e assim também que existem outras vontades
76 para além das dela própria, ou seja, quando alguma criança nos bate nós dizemos olha
77 não me podes bater porque isso me deixa triste, me deixa zangada, por um lado vai
78 impor a regra do limite do que é que é socialmente esperado da criança, mas também
79 que existe alguém para além dela com uma vontade e com um desejo próprios. Ah... E a
80 tua questão era a questão da punição, sim, e, portanto é importante nós, é extremamente
81 importante nós mantermos os limites e a regra, a questão é que muitas das vezes a nossa
82 tendência é para subvalorizar o que é errado, ou seja, o insucesso, quando elas não
83 correspondem aquilo que é suposto e subestimarmos quando de facto elas conseguem
84 fazer aquilo que é esperado. Porque quando elas não conseguem nós "ai não consegues
85 e porquê?" e comparamos relativamente com os outros, quando elas conseguem, é
86 normal, portanto é mais do que é esperado, e aqui o que acontece muitas vezes é que
87 depois apesar de a punição ser muito importante só há espaço para a punição, ou seja, só
88 há espaço para o castigo e não havendo depois o espaço do elogio relativamente à
89 autoestima, isto depois acaba por haver um grande descrédito da própria criança, ou
90 seja, porque aquilo que é presente é aquilo que ela não consegue fazer, as suas falhas,
91 aquilo que ela faz de errado enquanto que o resto acaba por não ser valorizado.

92
93 *E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade*
94 *tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? De que forma? Dê exemplos.*

95
96 P: Sim, é muito importante, ou seja, utilizar uma linguagem positiva, mesmo no
97 *feedback* que se dá à criança nomeadamente se nós vimos que, nós não devemos estar
98 permanentemente a elogiar quando a criança não merece, porque senão aí também às
99 tantas o elogio acaba por perder o seu efeito, acaba por... Porque lhes suscita também
100 outro lado, "então, mas estão sempre a dizer que eu sou bom?"... porque depois também
101 entram outro tipo de desconfianças e que também vai... ah... vai comprometer depois o

desenvolvimento da autoestima, mas a questão da linguagem, porque a forma como falamos não é ao que te referes? O facto de a linguagem ser muito positiva e uma vez mais confirmação da tentativa, ou seja, se a criança não conseguiu nós não vamos dizer que ela conseguiu, por exemplo, dizemos olha ainda não consegues, mas tenho a certeza de que um dia vais conseguir... e repara nas outras coisas que tu fazes tão bem, ou seja, tentar valorizar sempre. Na estruturação dos 3 aos 6, uma vez mais é muito importante porque é, como eu dizia, é mesmo a construção da sua própria autoestima, ou seja da valorização do eu, para que ela depois a partir daí consiga... ou seja, dos 0 aos 3 é como se ela se estivesse a estruturar a ela própria face aos pais, não é? Ou às pessoas que são responsáveis por ela e dos 3 aos 6 uma construção mais inteira dela própria a partir dos 6, que houvesse a passagem então para construção dela própria face ao grupo de pares, a ideia é que haja interação dos 3 aos 6, até essa altura é a estruturação do eu e portanto, isso depois vai comprometer tudo o resto.

E: *Considera correto - numa situação familiar ou de jardim-de-infância – castigar a criança isolando-a? Por exemplo, fechá-la no quarto, colocá-la sentada virada para a parede, mandá-la sair da sala, entre outras situações. De que forma estas atitudes influenciam o desenvolvimento da autoestima dessa criança?*

P: É assim a questão de, por exemplo, fechá-la no quarto, a criança não ser deve colocada, por exemplo, no quarto porque isso depois pode levar a terrores noturnos, ou seja, o quarto é suposto ser um espaço que seja tranquilizador, pode ser fechada... pode ir de castigo para a cozinha ou, por exemplo, para a sala se a televisão estiver desligada.

E: Mas fechada... não há problema?

P: Ah... a questão é o estar fechada?

E: também... lembrei-me do quarto porque normalmente é "vai para o teu quarto..."

P: Sim é, vais para o teu quarto... depende, por exemplo, depende muito do estado emocional, do desenvolvimento da própria criança, depende muito da própria estruturação da autoestima dela, que já foi construída até aqui e da segurança ou não que a criança tem porque, enquanto, por exemplo, estivermos a falar de uma criança, por exemplo, se for desafiante - opositora e esteja numa birra completamente descontrolada, aí deve ser mesmo... quer dizer... deve ser contida e de facto se não for... Mas aí não há problema em ser fechada... Ainda que eu ache que na minha perspectiva, o castigo nessa forma também deve ser sempre acompanhado porque é um pouco abandonico, ou seja,

136 o fechá-la numa divisão é um pouco “olha fica para aí e depois quando voltares ao
137 normal, volta para mim” e é um pouco abandonico, ou seja, eu acho que é mais ajustado
138 e mais adequado nós dizermos “olha, enquanto estás ficas... pronto aí sentado, quando
139 tu quiseres falar ou quando acabares de chorar eu falo contigo, quando parares com essa
140 birra eu falo contigo”, do que propriamente o fechá-la.

141 E: E mais numa situação de jardim-de-infância, pôr de castigo fora da sala, ficar lá
142 fora sentada?

143 P: Pronto, uma vez mais, pode passar a mensagem de que é... hmm... ou seja, por
144 um lado eu não sei resolver o teu problema e portanto vai lá para alguém que saiba
145 cuidar de ti porque eu não sei, portanto volta também a ser abandonico. Ah... e por outro
146 lado, pôr o problema fora da sala, quase como um... é... corre-se o risco de poder estar a
147 catalogar aquela criança e mesmo face ao grupo de pares como um elemento que nós
148 não queremos, é desestabilizador da sala e portanto nós não o queremos aqui porque ele
149 está... isto depois pode também influenciar a forma como as crianças... elas próprias
150 depois podem vir a discriminá-lo ou a excluí-lo. De qualquer forma, depende, lá está, é
151 assim, pô-lo na sala só por si acho que não mas imagina que...

152 E: Em casa neste caso?

153 P: Não, estou a falar no jardim-de-infância. Pô-lo fora da sala, ou fora da sala da
154 educadora...ah...por exemplo ir ter a outra sala, lá está, vai depender muito da questão
155 da criança, no fundo, do próprio funcionamento da criança.

156 E: Ou seja, até pode ser positivo de alguma forma mas vai depender muito...

157 P: Vai depender muito, sim...

158 E: Tanto pode resultar, como...

159 P: Muito positivamente, como pode agravar a situação, exatamente. Porque repara,
160 se uma criança tem uma conduta que seja desajustada não é? Se nós a vamos por de
161 castigo é porque ela está a fazer qualquer coisa que não devia de fazer, ah... e as razões
162 que estão subjacentes a isso podem ser variadíssimas...pode ser por estar numa fase... e
163 dos 3 aos 6 quer dizer, há uma grande margem para poder ser diferentes tipos de causas,
164 pode ser uma criança que seja mais desafiante, não é? Mais desafiante mais opositora e
165 nesse sentido então temos de ser mais rígidos, pode ser uma criança que esteja... que
166 tenha um enquadramento... Ah... social e familiar mais complexo e que essa seja uma
167 forma de chamada de atenção e de amor da nossa parte... e se nós pegamos nela e a
168 colocamos fora da sala, estamos a confirmar ainda mais a insegurança do amor que ela
169 tem face aos outros e portanto é muito importante nós percebermos com que crianças é

que estamos a lidar, todo o seu historial, todo o seu contexto em que elas estão inseridas para que nós consigamos adaptar a forma de agir mais adequada... porque isso depois vai depender muito.

E: Como vê a ideia da “palmadinha” na educação de uma criança? Considera-a relevante no desenvolvimento da sua autoestima?

P: Ah... Só no desenvolvimento da autoestima na questão de poder ser uma forma de nós de alguma maneira estabelecermos os nossos limites e a criança também conhecer os limites dela própria. Desta forma, a tal palmadinha chamada palmadinha pedagógica (risos) é assim...em contexto escolar acho complicado não é? Nem é permitido... em contexto familiar, na minha perspetiva acho que pode acontecer e muitas das vezes não há forma, mas ah... sempre em último recurso, porque... lá está, mais que não seja quando nós batemos numa criança, mesmo que ela se esteja a portar mal a mensagem que nós lhe estamos a transmitir é: “se alguém se portar mal contigo tu podes-lhe bater”, porque nós somos um exemplo e as crianças crescem e desenvolvem-se a partir também do exemplo que vêm à sua volta... e o que nós estamos a transmitir de alguma maneira é que os problemas resolvem-se de facto de uma forma agressiva, portanto o ideal é sempre que não aconteça por exemplo mesmo que uma criança nos venha bater, por exemplo, e se calhar a nossa tendência é para lhe dar de volta, lá está quer dizer que nós estamos a dizer tu não me podes bater mas eu posso-te bater, porquê? Porque eu sou adulto, é como se nós nos estivéssemos a colocar num patamar superior. Estamos no sentido de haver uma hierarquia naturalmente de educação mas que isto depois acaba por condicionar a autoestima como estavas a dizer.

E: Quer dizer, quando ele for adulto também pode fazer isso.

P: Exatamente, quando tu fores adulto já podes... pronto e não... ou seja, tem de haver um respeito mútuo, recíproco, não é “eu que sou adulta posso-te bater e tu és criança não me podes bater”, é claro que socialmente é aquilo que é instituído, psicologicamente, acho que isto depois acaba por ter um efeito muito perverso mesmo no próprio desenvolvimento da criança. E como eu dizia, se uma criança nos vem bater, eu acho que é muito mais ajustável nós lhe agarrarmos a mão, parámo-la a tempo e dizer não e contemo-la, do que propriamente lhe estarmos a bater-lhe, até porque isto depois muitas vezes vai levar a um crescendo maior, ou seja, na minha perspetiva, eu acho que nós conseguimos sempre... há coisas que não são negociáveis com as

crianças, há coisas que não são julgáveis, no sentido que é assim porque é assim e as crianças às vezes “ah mas porquê? Mas porquê? Porquê que não é de outra forma?” E aí dizemos “porque eu te estou a dizer que é assim”, mas uma vez mais vai depender muito também do próprio funcionamento da criança, ou seja, se ela claramente nos estiver a desafiar é assim porque eu te estou a dizer que é assim, ponto, e se nós desde logo, e então a partir dos 3 que é a fase precisamente em que ele começam nos porquês a desafiar, ver precisamente até onde é que eu posso ir, até onde é que vai a minha liberdade, até onde é que vai a liberdade do outro, a questão da estruturação dos limites é muito importante, mas para mim a questão da palmada, corre-se o risco de depois haver um crescendo, até porque se determinado tipo de comportamentos vier a partir da revolta, lá está, da falta de amor, uma palmada vai precisamente confirmar essa insegurança que a criança tem face ao amor dos outros e portanto pode vir a agravar ainda mais a situação.

E: e às vezes também ocorre em jardim-de-infância, por exemplo, um amigo bate e ele “ah o não sei quantos bateu-me” “então bate-lhe também para ele ver que isso não se faz e para ver se ele gosta.” Vai dar mais ou menos há mesmo coisa...

P: Exatamente, a mensagem que nós estamos a dizer é “olho por olho dente por dente”, ou seja, olha bateu-te então vai bater de volta, então mas não é suposto se bater, logo a ideia não é dar de volta, porque aí não é integrada a ideia de que não se deve bater, não é? Tem de se saber defender de outra maneira, tem que saber... quanto ao... ou seja, tem que, na relação que ela estabelece com o grupo de pares, ela tem de se saber defender não permitido que o outro lhe bata, mas lá está de uma forma interventiva e antecipatória e o dar de volta não vai dar em nada, ou seja, se as crianças... elas querem lá saber, preferem bater mesmo que depois levem a seguir, do que depois desenvolver um auto-controlo de perceber que não se faz, portanto... não... de todo.

E: Que características são comuns nas crianças cuja autoestima é baixa?

P: Insegurança face ao próprio amor mas, também face ao amor dos outros, ou seja uma criança com uma baixa auto... estima ah... como não considera ter valor nela própria, dificilmente consegue perceber que os outros podem gostar dela e por isso está permanentemente em dúvida e insegura face ao amor dos outros. Ah... que outros efeitos? Ao nível de introversão, ou seja, de iniciativas e de relação entre pares, pode

238 haver uma inibição de iniciar o diálogo não só com crianças, ou seja, imaginemos uma
239 criança que entra nova na escola, a nível da sua integração vai ser mais difícil do que
240 uma criança que tenha uma autoestima mais adequada, mais ajustada, ah... depois
241 mesmo em nível de participação no desenvolvimento das atividades da aula, ou seja, se
242 tem uma autoestima mais baixa naturalmente que vai também ter mais dificuldade em
243 perceber que é capaz e por isso vai arriscar menos, vai tender a “eu prefiro fazer pouco
244 mas saber que faço bem” do que tentar fazer mais coisas e depois falhar e neste sentido
245 vai levar a que ela depois tenha menos iniciativa também mesmo nas próprias atividades
246 das aulas; depois pode levar a um excessivo perfeccionismo, porquê? Porque tenho uma
247 autoestima mais baixa e neste sentido tudo aquilo que eu quero fazer quero fazer bem e
248 portanto, um maior controlo sob aquilo que faz, portanto estou a pensar muito no
249 jardim-de-infância não é? Dos 3 aos 6 o que é que... mas pronto são mesmo muitas
250 questões a nível de insegurança. Pensando num caso mais drástico, pode mesmo levar a
251 um quadro depressivo...

252 E: Nestas idades?

253 P: Nesta idade, sim... e levando a um quadro mais depressivo pode levar mesmo a
254 um maior desvio em relação ao afastamento – isolamento, não só dos pares, mas
255 também mesmo da família ou dos outros elementos que a circundam.

256
257 ***E: Pronto e agora ao contrário... Que características nos permitem afirmar que a***
258 ***criança tem uma autoestima elevada?***

259 P: Portanto que permite afirmar que a criança... que características. Ah...
260 extroversão, a sua capacidade de socialização com os pares e com os adultos, a sua
261 capacidade de iniciativa... se eu acredito que sou capaz não vou ter medo de falhar, não
262 vou ter medo de errar e por isso leva-me a tentar e naturalmente que depois ao tentar
263 mais, eu provavelmente vou conseguir... há momentos em que eu não vou conseguir
264 mas se tento mais, tenho mais probabilidade de conseguir, pelo menos tento mais vezes
265 e isso depois leva a uma confirmação da autoestima, enquanto que o inverso não, não é?
266 Se eu não tento vou acreditando cada vez menos que sou capaz e isso faz também com
267 que depois a autoestima vá sendo cada vez mais baixa.

268 ***E: Uma fraca autoestima pode prejudicar o desenvolvimento global da criança?***

P: Pode. Pode prejudicar o desenvolvimento social da criança; pode... prejudica claramente o desenvolvimento emocional e afetivo da criança, uma vez mais não só dela para com ela, mas também dela para com os outros; e depois também o próprio desenvolvimento intelectual e cognitivo porque não só porque as questões de insegurança levam a sentimentos de ansiedade, por exemplo, que bloqueiam os... as características... as capacidades cognitivas de atenção, de concentração não é? Porque se uma, se temos uma criança ansiosa e que não se sente capaz, a sua capacidade de atenção e concentração é menor, e neste sentido vai integrar também, vai ter menos capacidade para integrar as aprendizagens que estão a ser administradas porque vai estar naturalmente menos atenta por todas as questões emocionais.

E: *Que benefícios traz uma boa autoestima para o desenvolvimento de uma criança?*

P: Lá está, vai relacionar-se de uma forma mais ajustada, mais adaptada. Vai ser uma criança mais tranquila, mais calma e em termos cognitivos como eu dizia pode também ah... ter influência.

E: *Há Pais e Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”, “estúpidos”, “parvos”, entre outros.*

Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.

Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Psicóloga? Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?

P: Pode ter um impacto muito negativo não é? Claramente é muito negativo, lá está, porque assim, à semelhança da palmada, nós estamos a transmitir à criança que nos devemos insultar uns aos outros e isso é uma forma muito agressiva de nós nos relacionarmos, estamos a incutir uma forma de relacionamento também dela própria agressiva e por outro lado, imaginemos, por exemplo, uma criança que chega aos 3 anos e ainda não tirou a fralda, pode ter a ver com questões emocionais, portanto se nós a catalogamos de porco ou de badalhoco claramente isso não vai ajudar em nada a criança

304 que se sinta de uma forma melhor e que consiga progredir neste sentido, antes pelo
305 contrário, pode precisamente levar a uma perpetuação desses mesmos comportamentos.
306 Depois, ah...

307 E: Portanto o burro e estúpido por não conseguir fazer e...

308 P: Como eu dizia se eles são burros e estúpidos, se nós dizemos “és burro e
309 estúpido” uma vez mais estamos a confirmar de que eles não são capazes, se eles não
310 são capazes eles já não vão tentar...ao não tentarem já não vão efetivamente conseguir
311 porque também não tentaram. E por outro lado, se nós transmitimos às crianças que elas
312 não estão a corresponder às nossas expectativas isto vai aumentar também os índices de
313 ansiedade como eu referia e, portanto claramente as suas questões... ah... as suas
314 capacidades cognitivas vão efetivamente ficar comprometidas e depois acaba por ser
315 aquilo a que nós chamamos as profecias auto-confirmatórias que é, “eu acho que não
316 sou capaz e, portanto estou muito ansioso em fazer, por exemplo, uma determinada
317 atividade, mesmo que seja pintar qualquer coisa, estou a achar que não vou ser capaz, e
318 como estou tão ansioso e tão nervoso para fazer é claro que não vou pintar bem e como
319 não pinto bem, ao ver alguém dizer “és mesmo burro, estúpido, não consegues pintar
320 isto” Eu vou confirmar a minha crença, aquilo em que eu acreditava, e por aí adiante e
321 portanto esta confirmação vai rigidificando e cristalizando cada vez mais a baixa
322 autoestima que eu tenho.

323 E: Bem... coitadas, aqueles crianças... enfim

324 P: É porque eu acho que há um descuidar do quão grave pode ser e do impacto que
325 tem depois de facto na criança todas as experiências pelas quais ela vai passando.

326 E: Pois eu acho que depois deixam de ter noção, aquilo já é tão diário, tão
327 automático... que se convencem de que aquela forma é a forma correta de agir...

328 P: Pois, não é um momento em que ela até possa agir por impulso e depois
329 refletidamente “epá não devia ter feito isto” não... se ela depois vai contar é porque ela
330 está convicta de que deve ser feito dessa forma... o que é grave.

331 Há uma experiência de um cientista japonês que eram... estão três frascos de
332 arroz e durante 1 mês ele faz: um elogia; outro insulta e diz coisas como burro, estúpido
333 e no outro não faz nada, e então o que é que se demonstra? Que o que ele elogia, e,
334 portanto durante 1 mês o arroz está num frasco portanto acaba por criar algum bolor,
335 tem um bolor mediano, mas ainda tem algumas partes brancas, o neutro, está um pouco
336 mais podre do que o que é elogiado e o que é ofendido está podre, mas podre, podre,
337 podre, preto mesmo! Mais que não seja até de uma perspectiva mesmo genética e

338 biológica, tudo... a forma como se relacionam connosco vai condicionar mesmo toda a
339 estruturação, porque segundo este cientista tem a ver com... ele tira fotos de cristais de
340 água e lá está submetidas a frases ditas no holocausto, a elogios, musica de Mozart e vê
341 que de facto há uma diferença no cristal, naqueles cristaizinhos da água,
342 microscopicamente, portanto nos somos setenta por cento de água... se nós pensarmos
343 que todo esse tipo de comportamentos vai interferi numa molécula de água,
344 naturalmente que isso depois vai condicionar... ou seja é mesmo até mais para além do
345 psicológico é mesmo ate mais fisiológico que depois acaba por ter efeito...

346 E: Bem...

347 P: É grave...

348 E: Sim, realmente...

349
350 E: *Na sua opinião, os Pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima*
351 *nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?*

352
353 P: Alguns, não tanto quanto deviam, acho que há muito a subvalorização no sentido
354 “ah ele ainda é uma criança” ou seja, ele ainda vai crescer, ainda se vai...ele vai formar a
355 personalidade dele... e a personalidade de uma criança começa a formar-se
356 efetivamente, para já para já a partir de que nasce, logo a partir do primeiro momento e
357 da relação que é estabelecida com os cuidadores, quer sejam os pais, os educadores ou
358 quem quer que seja, ou os avós, vai depois condicionar o próprio desenvolvimento dela
359 e portanto há uma preocupação mas não de todo, acho que ainda há uma subvalorização
360 não só por parte dos pais mas também por parte dos educadores, o impacto que isso
361 depois tem na estruturação da criança e o impacto que isso depois tem em todo o resto
362 da sua vida, porque isto são anos... ah... quer dizer, nos quais devia haver de facto uma
363 intervenção precoce porque são... podem comprometer tudo o resto. Há aquele filme de
364 animação que está agora no cinema, “divertidamente” já viste?

365 E: Não...

366 P: Não? Se puderes vê, porque pronto é claro que tem a ver com as emoções não é?
367 E das emoções que nós vamos registando também no nosso cérebro e que vamos
368 guardando para nós face aquilo que nós vamos experienciando, é claro que se nós
369 somos elogiados a emoção vai sendo positiva não é? Naturalmente, se somos reprimidos
370 ou insultados, a emoção vai ser negativa, quer seja tristeza ou zanga... e é giro o filme,
371 porque... eu acho que alerta muito para isso, ou seja, a perspetiva que nós temos dos

registos que vão ficando na nossa memória e de quantas caixinhas nós vamos guardando aqui em nós próprios de uma forma mais positiva ou mais negativa. Algo que não disse também tem a ver com o pessimismo, ou seja, uma criança com uma autoestima mais baixa, tendencialmente é uma criança mais pessimista, não só vai acreditar menos nela própria como vai acreditar menos nos outros e de que seja capaz face ao futuro independentemente do esforço que é investido na atividade, ou seja, tende geralmente a esperar o pior.

E: Considera relevante o ambiente familiar para o desenvolvimento de uma autoimagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, dê exemplos.

P: Pode. Sim, sim e porque é na relação, lá está, na relação que é estabelecida, é claro que nós não podemos fazer um rótulo de uma criança... uma família socialmente mais, ou financeiramente mais desfavorecido, poder haver uma relação directa entre poder ser menos atentos, mas é claro que existe por questões culturais, questões de educação e mesmo questões financeiras não é? Se eu estou preocupada em saber o que é que vou pôr na mesa para dar de comer aos meus filhos é claro que a minha disponibilidade emocional para estar com eles e me relacionar com eles de uma forma positiva é naturalmente menor. Ah... mas eu lembrei-me de outra coisa qualquer...

E: Não sei se tem que ver com as agressões... não?

P: Sim, a questão do contexto familiar era aquilo que eu te dizia há pouco é que muitas das vezes só há espaço par as rotinas, para as regras, para os limites e há pouco espaço para a relação positiva, e isto na relação positiva entra também a questão da brincadeira, que é fundamental depois para... Outra questão também da autoestima para além do pessimismo tem a ver com a excessiva interiorização das emoções, ou seja, se eu estou inseguro e se eu tenho medo de perder o amor face aos outros, naturalmente que eu vou ter mais... ou menos capacidade de conseguir expor e exprimir aquilo que eu sinto ou aquilo que eu quero, porquê? Porque tenho medo que os outros se vão embora, tenho medo que os outros deixem de gostar de mim... porque eu própria não gosto de mim, como eu não gosto de mim não confio que seja possível que os outros gostem de mim e desta forma pode levar também a uma excessiva interiorização das minhas emoções, dos meus pensamentos, dos meus sentimentos, das minha necessidades, também dos 3 aos 6, até às vezes o ter medo de dizer por exemplo que se quer ir à casa de banho, por exemplo com 3 anos, um criança mais insegura, ter medo de pedir e

406 poder fazer efetivamente nas cuecas, não ter... por ter medo de confrontar o adulto,
407 como tão simples como isto. Mas se a criança distorcidamente sente que isto pode ser,
408 lá está, que o adulto se calhar vai-se zangar comigo, porque se calhar este não é o
409 momento para eu fazer xixi, acaba por fazer.

410 E: E depois isso pronto, vai deixá-lo envergonhado em relação ao grupo e ainda
411 piorar mais...

412 P: Piorar mais a situação, sim...

413
414 E: *Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

415 E: Pronto acabámos por já referir, mas não sei se tem mais alguma coisa que queira
416 acrescentar.

417 P: Sim, mas tentar sintetizar, não prejudicar era aquilo que tu dizias, a questão dos
418 insultos; das agressões verbais ou mesmo físicas, ah... e depois porque o problema dos
419 insultos, é há uma generalização, ou seja, se a criança não consegue por exemplo
420 adquirir... contar até 5 imaginemos, se é aí dos 3 aos 6, contar até 5 ou até 10, e nós
421 dizemos “és mesmo burro”, nós estamos a generalizar, estamos a dizer que a criança
422 não tem capacidade, ou tem uma maior dificuldade em aprender a contar, ela sendo
423 burra, estamos-lhe a transmitir a mensagem que de ela é burra para todas as aquisições,
424 estamos a generalizar o comportamento, por isso a questão de generalizarmos também é
425 mau, não damos *feedback* ah...porque a própria criança vai generalizar essa sua
426 incapacidade a tudo o resto... os insultos agressão verbal, a punição... ah... lá está, ser
427 um castigo ajustado não só à faixa etária como também ao comportamento que deve ser
428 regulado.

429
430 E: *Haverá atitudes que beneficiem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

431
432 P: Sim. Elogiar, dizer o quão gostamos da criança, muitas das vezes nós, e falo do
433 ponto de vista dos pais, ah... eu oiço muitos pais em consulta “é suposto a criança saber
434 que nós gostamos dela, mas é claro que sabe, nós somos os pais dela!” pois, isso é
435 verdade, ou seja, na teoria, é assim, racionalmente as crianças devem saber que os seus
436 pais as amam, mas nem sempre isto corresponde ao sentir da criança e por isso a
437 verbalização de que nós gostamos dela, que ela é muito importante para nós, é muito,
438 muito importante.

439

440 *E: Segundo a sua opinião, qual a importância que as pessoas, em geral, dão à*
441 *autoestima das crianças?*

442

443 E: Pronto, a anterior era mais focada nos pais e esta é no geral, se bem que se calhar
444 tem mais ligação com pais...

445 P: Sim... apesar de estar numa escola também, portanto acabo por ver o impacto
446 que tem dos educadores ou dos professores. E é como digo, há uma sensibilização mas
447 não tanto como devia, ou seja, acho que as pessoas dão alguma importância mas não
448 dão a importância do verdadeiro impacto que isso tem depois... ah... lá está, que pode
449 efetivamente condicionar de uma forma muito drástica o futuro daquela criança... é
450 porque ainda são só crianças... ainda vão ter tempo para crescer, e que supostamente
451 “ah isto agora acaba por não ter... não ser assim tão mau porque ela ainda é pequenina”,
452 mas não, porque depois, lá está, como vai condicionar a relação desde logo, com ela
453 com tudo o resto, a partir daí vai condicionar também a relação dos outros para com ela
454 e portanto acaba por ser uma bola de neve.

455

456 *E: Tendo em conta a sua experiência, qual/quais são as atitudes mais comuns nos*
457 *adultos, que prejudicam a autoestima das crianças?*

458

459 P: Acho que... o que é que prejudica, é a falta de tolerância, ah... a pouca
460 disponibilidade emocional, as tais generalizações, os insultos que referi há pouco...

461

462 *E: Pronto e esta é só para o caso de ter mais alguma coisa a acrescentar, que*
463 *considere que seja relevante para a conclusão deste estudo:*

464

465 P: Assim de momento não me ocorre nada (risos)... Outras conclusões que eu acho
466 que também, pronto... poder acrescentar qualquer coisa é que eu acho que o sistema
467 educativo e quer seja os jardins-de-infância como depois no ensino básico, no primeiro
468 ciclo, acho que há pouco espaço e possivelmente tempo, porque os professores têm de
469 responder às metas do Ministério da Educação e... que eu entendo tudo isso, mas acho
470 que há pouco espaço e tempo para haver um ensino de facto mais personalizado e mais
471 adaptado às características de cada criança especificamente. Eu acho que isso depois
472 acaba por, lá está, como falámos há pouco, agravar depois determinado tipo de

473 problemas ao invés de os tentar solucionar... desde logo. Se calhar, se têm contextos
474 familiares difíceis é que a escola ainda ganha, e o jardim-de-infância, ainda ganham um
475 peso maior, porque às tantas é a única relação afetiva e emocional que eles estabelecem
476 e, portanto se é uma relação mais do mesmo, entre aspas, ou seja, se eles saem de casa,
477 vão para ali... e não há amor, antes pelo contrário, só há agressão, quer seja verbal,
478 porque para mim estúpido e burro é uma agressão... é lá está, é a destruturação
479 completa, ou seja, não há nenhum contexto em que a criança se sinta amada ou que se
480 sinta integrada.

**ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À
EDUCADORA I**

1 IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- 2
- 3 ○ Sexo: Feminino
 - 4 ○ Idade: Entre os 46 e os 50
 - 5 ○ Habilitações Académicas: Licenciatura
 - 6 ○ Local de Formação: Instituto Jean Piaget
 - 7 ○ Anos de serviço: 25
 - 8 ○ Funções que exerce presentemente: Educadora de Infância
 - 9 ○ Funções que já exerceu na área da Educação: Educadora de Infância e
 - 10 Responsável de A.T.L durante 2 anos.

11

12 AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

13

14 *E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” quando se trata de*

15 *crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?*

16

17 E.I: Sim porque se eles tiverem uma boa autoestima conseguem organizar, defender

18 e conseguem fazer as escolhas deles. Eu penso que se eles tiverem uma boa autoestima

19 nesta idade, melhor a autoestima pela vida toda. Uma criança com uma boa autoestima

20 dos 3 aos 6, tirando situações muito pontuais, consegue gerir-se pela vida fora

21

22 *E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida*

23 *enquanto adulto? Explique porquê*

24 Muito. Porque uma criança que tenha uma grande autoestima, que tenha

25 resolvido... tenha o seu eu... a... certeza das escolhas, mesmo quando ele em adulto

26 quer fazer escolhas e pela vida fora, adolescente... adulto, quando ele quer fazer as

27 escolhas dele, se ele tiver uma boa autoestima e souber aquilo que escolhe... defender...

28 a razão porquê que está a escolher aquilo, acho que é mais fácil diante a vida ele ter

29 sucesso nas escolhas dele.

30 *Na sua opinião, as atitudes que os Educadores (ou os adultos que rodeiam a*

31 *criança, como os pais por exemplo) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se*

32 *sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)*

34 E.I: Sim, muito. Um exemplo... dar opções às crianças para eles poderem... para
35 eles escolherem... uma das coisas que eu enquanto Educadora faço nos 3, 4 e 5... mas
36 faço muito, é na manta, principalmente de manha, nas atividades, eles podem
37 escolher... ah... dar oportunidade a todos eles de escolher... para quebrar um
38 bocadinho os líderes e eu por exemplo posso escolher um, mas depois aquele tem de
39 escolher outro a seguir, tanto pode ser para brincar, como para uma atividade, e depois
40 esse escolhe outro amigo, para que eles estejam sempre a ser escolhidos e a escolher. Eu
41 acho que isso... eles terem de estar sempre a decidir o que é que vão fazer e a ser
42 escolhidos, ah... ajuda o ego deles e faz com que aqueles que se consideram mais
43 líderes, ou melhores por estarem sempre à frente deixem de estar para que se... se eles
44 agora fossem escolhidos, a seguir já iam escolher eles, portanto estão sempre com essa
45 opção de poder fazer.

46
47 *E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de*
48 *idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos.*
49 *(Dê prioridade aos casos que experienciou)*

50 E.I: Sim considero e principalmente nas crianças mais... nos mais tímidos, entre
51 aspas, nos mais apagados (risos). O facto de dizermos a eles “olha agora é a tua vez de
52 escolher, tens de escolher... eles... ou “agora é a tua vez de mandar”... “tu é que vais
53 mandar o que é que ele vai fazer”... isso influencia mais tarde eles... o eles poderem...
54 o eles saberem quando alguém os manda fazer alguma coisa ou quando acham que
55 alguém vai mandar neles, eles têm a opção de saber que mandas mas não é assim e eu
56 não concordo e posso... e a seguir eu vou fazer aquilo que eu acho que tenho de fazer...
57 sem ser o que é que o outro vai mandar fazer.

58 E: E em relação à forma como nós falamos com eles? Porque há várias maneiras de
59 dizer a mesma coisa não é? (risos)

60 E.I: Eu acho que quando estamos a falar com eles e dizemos, “agora podes...”
61 mesmo quando é uma briga entre dois meninos, podemos dizer “olha fizeste assim...
62 achas que fizeste bem? E sabes de outra maneira? Como é que devias ter feito? O facto
63 de ele pensar que afinal tem duas escolhas e pode fazer a correta... acho que ajuda na
64 autoestima deles. Assim como nos casos negativos, quando a criança faz o que não deve
65 e nos perguntamos “achas que fizeste bem? Ou gostavas que te fizessem o mesmo?

66 Achas que isso está certo?” eles mais do que ninguém são justos e sabem que o que
67 estão a fazer não é certo... que não é certo e que devem fazer de uma outra maneira
68

69 *E: Alguma vez sentiu que a sua atitude para com uma criança a inibiu de*
70 *realizar ou dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

71 E.I: Acho... ai eu acho que já (risos)... eu acho que nós estamos sempre a fazer
72 isso... quando alguma criança... “agora espera” “agora estamos a fazer outra coisa”..
73 nós sem querer, não devíamos, nos estamos sempre a toda a hora a cortar-lhes a
74 autoestima deles... a autoestima ou aquilo que eles querem com o numero de crianças,
75 com as atividades, com o tempo que temos reduzido, se nós pensarmos durante um dia,
76 todos os dias estamos a quebrar o espaço deles, portanto queira ou não queira... é
77 difícil. É difícil num dia, mesmo com um ou dois, mas mesmo com muitos é difícil num
78 dia fazermos aquilo que devíamos fazer sempre, estar disponíveis para eles, ouvi-los,
79 dar-lhes o tempo que eles precisam... hoje... (risos) numa atividade que fizemos da
80 reciclagem, para eles terem tempo de fazer... e eu queria...vamos fazer... a seguir faz
81 tu... ah... ele sabe que a seguir não vai dar para fazer, que amanhã faz (risos) mas isso é
82 constantemente... por defeito ou feitio... e ninguém consegue durante o dia trabalhar
83 sem... (risos) isto depois apercebo-me das reflexões que faço quando chego a casa,
84 porque nós depois ficamos a pensar... (risos) mas acontece muito, num dia inteiro...
85 nós hoje de manhã na manta, na canção dos bons dias, eu às vezes quando estou com
86 menos meninos ou temos aquele tempo mais disponível... eles realmente têm uma
87 atitude completamente diferente connosco... ah... eu noto com o meu grupo, e nestes
88 anos tenho vindo a notar isso... de manha estão todos mais juntos, depois quando
89 acordam, vão acordando um de cada vez... aquele bocadinho que eles acordam e vêm
90 ter connosco e estamos a fazer alguma coisa, eles estão com outra disponibilidade
91 completamente diferente... e nós também... aliás as entrevistas que eu tenho deles é
92 sempre nessa hora depois da sesta... aqueles que acordam primeiro, e estão ali dois três
93 até os outros acordarem... não tem nada a ver aquele menino naquele momento do que
94 quando está ao pé dos outros todos... o ambiente é muito mais calmo, quando acordam
95 e de manhã...de manha se tiverem ali 10, 15, a disponibilidade que nos temos para ele,
96 para receber 1 enquanto estão 10,15, e estão todos a brincar ou quando chegam os 25...
97 já têm de estar todos muito mais organizados, a maneira como nós os recebemos e a
98 maneira como eles chegam, ah... não é todos os dias, mas quase todos os dias é

completamente diferente... hoje... (risos) foi o hoje, o meu R. veio hoje de férias, quando chegou já estávamos todos na sala... deu um beijinho como ele dá sempre normalmente, hoje chegou à sala e eu estava lá sozinha a arrumar a sala, veio... deu-me um abraço e esteve ali imenso tempo... e a mãe disse “ai ontem não teve tanto tempo de antena, porque ele não gosta de se revelar em público... ele não fala em público... daquelas coisas normalíssimas ele não fala, e em privado ele conta a vida toda (risos) ele esteve ali imenso tempo a contar tudo das férias (risos)... mas isto que acontece com ele, também acontece com a maioria. Às vezes dizemos “ai este é terrível” mas depois se estivermos com eles, o comportamento que eles têm em casa não é? Dois ou três ali, acaba por ser completamente diferente do que quando eles têm de se exhibir perante os outros todos... e os outros que gostam de chamar um bocadinho à atenção em relação aos outros... se estiverem ali todos sossegadinhos, se não estiver ali ninguém eles não precisam de fazer nenhum disparate porque ninguém está a ver... aquilo não tem sucesso nenhum... agora se estiver em grande público, aquilo já é... (risos) isto naqueles mais irrequietos, quem têm mais energias acumuladas (risos)

E: Considera correto, colocar as crianças de castigo fora da sala, quando estas agem de uma forma que considera ser menos correta? Até que ponto essas atitudes influenciam o desenvolvimento emocional da criança?

E.I: Primeiro não gosto dos castigos fora da sala... nem gosto dos castigos dentro da sala, gosto de os tentar de lhes dizer que vão aprender, ah... se fizeram uma coisa que não deviam fazer então vão aprender com os amigos a fazer bem... porque o eles estarem fora, para mim... ah se influencia? É assim para alguns, o sair fora é mesmo muito mau, mas eu acho que para os ajudar a crescer e ver aquilo que fizeram, a penar nos erros que fizeram ou naquilo que não foi tão bem feito, para mim é muito mais positivo deixá-los estar sentados na sala a ver os outros a fazer e dizer “olha o J. está a portar-se bem, aprende com ele”... porque tem de se explicar que ele está ali para aprender a fazer bem. Porque se alguém está a fazer bem ele não tem de imitar quem faz mal, só tem de imitar quem está a fazer bem... eu às vezes quando me dizem assim “ai o não sei quantos está-me a imitar” eu digo “então porta-te bem para ele te imitar, imitar as coisas boas não faz mal, as boas ideias podem-se aproveitar, as más é que não (risos). E gosto sempre na sala e no grupo elogiar quem se porta bem, eu pelo menos uma vez por semana elejo quem se está a portar melhor, se não for ao fim do dia é durante a

132 semana e eles próprios abrem a eleição quem na sala se portou melhor, comeu melhor, não
133 fez disparates, não fez... quem está mais lá em cima e quem está mais ou menos ou
134 quem está lá quase no fundo (risos) que é quem se porta mal que é para tentar subir,
135 subir, subir... e depois também têm as suas regalias, quem está mais lá em cima, quem
136 se porta bem, pode ir mais vezes à frente, pode escolher... para ver se os outros tentam
137 imitar... porque se eles estão lá em cima têm de ter regalias por estarem lá em cima,
138 para continuarem e aliás se for à sala perguntar quem costuma estar mais vezes lá em
139 cima eles dizem logo (risos). Eu acho que nestas idades, e cada vez mais, os reforços
140 têm de ser pela positiva e não pela negativa, porque é muito mais fácil para nós dizer
141 “olha saí daí já não brincas mais” dá menos trabalho e é mais fácil, mas eles dão luta
142 (risos) agora se nós dissermos “olha vai lá para ao pé daquele menino ver se consegues
143 fazer tão bem como ele” é muito mais difícil para a criança dizer “não quero fazer bem,
144 não quero, não quero”. Ou por exemplo às vezes no comboio, eu digo “olha quem é que
145 é capaz de ir ali ajudar o D. a pôr-se direito na sala que ele não está a conseguir?” e eles
146 ficam danados (risos) como quem diz eu sei fazer, só não estou a fazer... mas tentam
147 logo fazer bem para não terem ajuda (risos) isto normalmente resulta muito, muito bem.

148
149 ***E: Compreende e apoia a opinião dos Educadores que consideram importante dar***
150 ***uma “palmadinha” à criança de vez em quando, para que esta perceba onde errou e***
151 ***seja educada? Porquê?***

152 E.I: Não... é assim... eu acho que lhes faz falta, em casa (risos) ah... nós...
153 educadores pais acho que sim, que na hora certa uma palmadinha, mas os pais em casa
154 (risos) uma palmadinha na hora certa eles têm que saber que... na escola... eles depois
155 não sabem diferenciar muito bem a palmadinha pedagógica ou da palmadinha... porque
156 depois pode cair no... passar da palmadinha pedagógica para a palmadinha,
157 palmadinha... e a palmadinha primeiro para eles não lhes diz grande coisa e eu acho
158 que tirarmos-lhe uma coisa que ele gosta é a melhor palmada que lhe podemos dar
159 (risos) mas mesmo... tirar aquilo que eles mais gostam... nós acho que nos jardins-de-
160 infância não estamos para as palmadinhas... eles e os pais também... se eles dão
161 palmadas a sério aos pais e a nós também se nós deixarmos, se nós damos a palmadinha
162 pedagógica eles dão-nos o troco... depois nós querendo ou não querendo a única coisa
163 que nos queremos é responder se ser com a palmadinha pedagógica (risos) e se for uma
164 coisa que nós lhe tiramos eles já não podem dar o troco porque não há nada que eles nos

possam tirar, que nós não gostemos (risos). Mas que a palmadinha pedagógica faz falta a muitos deles lá em casa, faz (risos). Eles às vezes quando os pais chegam a primeira coisa que fazem é dar nos pais... eu tenho meninos que batem nos pais, dão pontapés nos pais, mas dão... não é nada a brincar! Eu tenho um que às vezes me levanta a mão e eu digo “vais fazer adeus é? Adeus, adeus!” e eles fica danado porque não era essa a intenção dele (risos) ou então digo-lhe “dá cá mais cinco!” (risos) e agora ganhou o hábito de cuspir e eu às vezes pego-lhe na mão, encosto-a à boca e digo “o que é que tu queres fazer? Está a suja a boca, é?” e ele fica pior do que sei lá o quê... e o J. às vezes pede-lhe um livro, ele não dá, dá-lhe caneladas nas pernas que aquilo deve ficar bem negro... que aquilo até dói de ver (risos). Isso e às vezes digo-lhes quando eles começam com a mãe e o pai, digo-lhe que naquela sala mandou eu, e se eu ouvir alguma coisa no corredor também posso lá ir mandar um bocadinho! Porque se há coisa que me incomoda é eles estarem muito bem e depois chega a mãe ou o pai e eles acham que podem fazer o que lhes apetece (risos) eu digo logo, a eles e aos pais, aqui dentro da sala sou eu que mando (risos), lá fora manda o pai e a mãe, tu mandas lá em casa nos teus brinquedos se o pai e a mãe deixarem. Porque depois há pais que vêm e os chamam à atenção, outros não fazem nada... e eles sabem que quando lá estão os pais nos não temos a mesma reação (risos).

E: *Já trabalhou com alguma criança, cuja autoestima fosse visivelmente baixa? Que reações/ atitudes demonstrava essa criança? Como contornou essa situação?*

E.I: Hm... já. Tive duas, mas uma delas marcou-me imenso. Era uma criança que estava sempre num canto da sala, sentada e enrolada quase em posição fetal... se lhe dissessem vai brincar para a mesa porque os meninos estão ali vai brincar para ali, ela ficava ali, se lhe dissessem podes sair e podes ir brincar com outra coisa ela ficava ali... completamente apagada. Toda a agente mandava nela, toda a gente... era sempre a ultima, que tinha paciência para... mas depois foi melhorando, foi melhorando... essa foi uma... que agora está uma despachada! (risos) depois começou a responder... porque depois houve uma altura que às vezes as meninas lhe batiam e depois perguntei à mãe como era em casa e ela disse ai lá em casa não, lá em casa não é assim ... ela também andava sempre com muito sono é verdade, os horários andavam um bocadinho trocados... mas ela o que me fazia mais impressão era... se eu não lhe dissesse nada a

198 manhã toda, ela era capaz de ficar lá no canto da sala ao pé da janela a manha toda...
199 que ate quando eu a tive a primeira vez, nos primeiros meses cheguei a questionar-me se
200 aquilo era só autoestima se era algum problema... porque ela reagia bem áquilo que nós
201 falávamos com ela, mas depois... ficava lá sempre à espera que... e depois começou a
202 crescer, e agora está...

203 E: E o que é que fez nessa altura para contornar a situação?

204 E.I: Ao início deixava-a lá no canto, quando eu a chamava ela já lá estava, porque
205 ela não incomodava nem para o barulho, nem para as chatices... mesmo que alguém lá
206 fosse chateá-la, ela era capaz de chorar em silêncio e ficar ali... e depois comecei a
207 chamá-la... a ser das primeiras não, mas a ser ali das primeiras... e às vezes dava-lhe
208 tempo para ela mandar, para dar ordens... escolhe tu, faz tu... para ela se ir
209 apercebendo que afinal sabia escolher e sabia... no caso dela resultou. Depois tive um
210 menino... eu chamava-o, ia buscá-lo... sentava-o numa cadeira e ele ficava ali... eu tive
211 aquele miúdo assim durante meses... nós tínhamos quase que o mandar mexer de um
212 lado para o outro senão ele ficava... e tinha dias que ele chorava em silêncio que era o
213 que mais me fazia confusão, era estar naquele choro muito baixinho, muito baixinho,
214 que parecia que tinha um sofrimento lá dentro... mas depois lá começou a melhorar.
215 Mas eu nunca consegui descobrir o que era... eu falava com a mãe, e ela dizia que ele
216 não gostava muito de ir para a escola, que era muito calado... mas que em casa não era
217 assim, quando a mãe o largava do quarto para a sala era capaz de ficar logo a chorar
218 para ela ir para ao pé dele... São três casos: este menino, a menina que te falei e a A.
219 que era por outras questões... era o não faço, não sei fazer, não consigo... mas se
220 estivéssemos a falar com ela individualmente ela fazia, ela não gostava era de falhar em
221 público, ela se fosse uma coisa para fazer todos primeiro olhava e depois eu dizia que
222 ela ia conseguir e ela lá ia fazendo. Uma vez disse à mãe que não queria que falasse mal
223 dela à frente dela (risos), porque a mãe à frente dela estava sempre a dizer que ela tinha
224 de fazer, que não conseguia, queria o perfeito... mas ninguém é perfeito... mas essa
225 autoestima da A. era diferente, era por causa da perfeição... ela tinha medo que aquilo
226 que fizesse estivesse mal feito aos olhos dos outros, dos adultos e dos amigos... bastava
227 um amigo dizer-lhe que aquilo estava mal feito que ela ficava logo...

228

229

230 E: *Há Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está*
231 *a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”,*
232 *“estúpidos”, “parvos”, entre outros.*

233 *Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem*
234 *apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda*
235 *não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.*

236 *Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Educador de Infância?*
237 *Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?*
238

239 E.I: Esses nomes não devem ser usados, nem em frente às crianças, nem em frente
240 aos colegas, nem de ninguém... ah... essas atitudes só ajudam a que eles em vez de
241 tentarem melhorar e não fazer, por vezes fiquem a pensar se aquilo é... se eu sou
242 mesmo assim ou não e os ajuda a ater outra posição... e... pronto, devemos ajudá-los e
243 dar exemplos ou explicar-lhes o que é que devem fazer para eles... questioná-los se eles
244 gostam, em relação à comida, como eles ficam sujos, se nós dissermos “gostas de ver a
245 roupa assim? Gostas de ter as mãos todas sujas?” se perguntarmos se não ficaria melhor
246 limpo, ou para quê que ele tem os talheres, ele acaba por perceber que outra atitude tem
247 outro resultado. E em relação aos trabalhos devemos sempre incentivá-lo a dizer que ele
248 é... não comparar com os outros, mas incentivá-los e dizer-lhes que eles conseguem
249 fazer, ou dizer se eles querem alguma ajuda, ou então por vezes quando nós... pedir a
250 um amigo... e por vezes com as crianças resulta, eles escolhem um amigo que queira
251 que ajude e eles depois aceitam melhor a ajuda do amigo que, vá lá, está ao nível deles,
252 ah... ou copiarem, porque eles às vezes... as cópias nestes casos faz bem (risos)
253 perguntar só qual é o trabalho que eles mais gostam ou quem é que acha que já
254 consegue fazer e perguntar-lhe se quer ajuda...e tentar mostrar que ele se calhar não
255 consegue pintar tão bem mas consegue brincar bem na garagem... fazer uma troca... o
256 que é que ele consegue fazer mesmo, mesmo bem que pode ensinar a outro e o que é
257 que o outro o pode ensinar mesmo, mesmo a fazer e eles aceitam melhor a ajuda dos
258 amigos do que se formos nós a dizer “vá faz assim porque é assim que se deve fazer”
259

260 E: *Na sua opinião, os pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima*
261 *nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?*

262 E.I: Ah.... Não. E acho que os pais, a maior parte porque há exceções, acham
263 sempre que eles quando... quando não conseguem fazer é porque são pequeninos mas
264 se for comparar a outro já acham que devia saber fazer porque já tem aquela idade e
265 anda na escola (risos) eu acho que o complicado tem a ver com a autoestima mas
266 também tem a ver com outras coisas, outros pais, por exemplo, eles não saberem comer
267 ou não saberem estar sentados ou não saber ouvir, são pequeninos, mas se for perguntar
268 a um pai de 3 anos se acha que eles dá deviam estar a aprender as letras e os números, a
269 maior parte diz que já devia saber e que se estão na escola é para saber fazer (risos)

270 E: E será que eles têm cuidado por exemplo, em incentivar a criança, com a forma
271 como falam com ela?

272 E.I: Eu acho que cada vez mais há menos pais a ter esse cuidado, infelizmente.
273 Cada vez mais os pais se preocupam com aquilo que... há exceções ainda (risos) mas
274 cada vez mais temos pais a preocuparem-se com o que não devem ou... e com aquilo
275 que é essencial cada vez menos, e... tanto nas brincadeiras, como na... como no
276 tempo... o tempo que lhe dedico e a qualidade que lhe dedico. Antes era, as crianças
277 chegavam a casam aqui há uns 6 ou 7 anos e iam ver desenhos animados, hoje em dia
278 isso já está quase ultrapassado, o que querem é ou jogar nos *tablets* ou no telemóvel ou
279 nas *playstations* e depois não conseguem... aquelas coisas mínimas de saber brincar, de
280 saber estar ali, eles cada vez menos têm tempo para cada um... tem ali jogos, tem um
281 *tablet*, tem tudo, mas depois não sabe pegar num lápis, mas sabe no computador pintar
282 tudo. Eu acho que é... (risos)

283

284 E: *No geral, os pais do seu grupo de crianças, demonstram ter atitudes meigas e*
285 *carinhosas para com o seu filho?*

286

287 E.I: Sim... no geral até... com os filhos e acho que, que é uma coisa que eu gosto
288 de ver, é os pais a brincar com os filhos dos outros (risos) eu acho que se os pais
289 tiverem uma boa relação com os filhos... com os colegas do filho, é mais fácil eles
290 aceitarem quando um amigo ou lhes magoa, ou essas coisas... no bom e no mau, mas
291 nas coisas negativas é mais fácil aceitar um menino que “olha aquele menino magoou-
292 me”, aceitam melhor quando são amigos também... isto depende muito de nós, das
293 atividades que nós, eu pessoalmente tento sempre isto, quando tenho grupos de 3 anos e
294 quando chegam aos 5 anos, os pais conhecem-nos todos e conhecem tanto o seu filho
295 como quase os filhos dos outros (risos). Ah... e sabem do que é que eles gostam, do que

é que gostam de brincar e das atividades que realizam é sempre muito mais com todos, porque isso depois ajuda no relacionamento deles próprios com os filhos deles e perceber os amigos com quem eles gostam de brincar. E se o seu filho chegar a casa e disser “olha o meu amigo João magoou-me”, se o pai até brincar com ele e o conhecer até é capaz de chegar cá e falar diretamente com ele, do que saber que é um qualquer que anda ali, que nem conhece, nem os pais, nem... pronto.

E: *Desconfia que na sua sala haja algum caso, cujo ambiente familiar é propício ao desenvolvimento de uma auto-imagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, exponha sucintamente o caso.*

E.I: Ah, este ano... tenho vários casos...tenho muitas crianças de famílias separadas... tenho alguns... mas, que possam influenciar a autoestima não... mas já tive, já tive vários casos, de eles assistirem a violência física, verbal, intervenção da polícia, eles a serem levados...

E: E eram eles que contavam?

E.I: Sim, contavam tudo

E: E eram crianças mais inseguras comparativamente às restantes crianças do grupo que viviam num ambiente familiar estável?

E.I: Às vezes eram situações em que a ida ao jardim-de-infância era a parte boa do dia. Em relação à autoestima, às vezes aquelas atitudes de dizermos “não se bate” ou “não se faz” já me aconteceu eles responderem “mas o meu pai fez” ou “mas a minha mãe fez”, “mas o meu pai partiu” ou... isso já me aconteceu várias vezes... e... também já tive casos de crianças, não sei se era no ATL ou no pré... crianças cujos pais eram traficantes e ele servia pombo-correio... explicava-me tudo...onde é que ele ia, na carrinha, que ele era pequeno a polícia não o prendia, ele saía daquela carrinha, a levar, sabia o que é que levava, o que é que fazia... uma criança com... 7 anos.

E: Mas era uma criança insegura ou nesse aspeto era uma criança “normal”?

E.I: Oh é assim são crianças completamente diferentes das crianças que eu tenho agora, porque são crianças que com 7 anos têm uma vida, uma vivência que... aquelas coisas básicas: comer, dormir, jantar, horas, horas do banho, não sei quê, essas coisas naquela gente não existe... é a lei da sobrevivência... se está ali comes, se não está vai ali ao lado (risos) e que às vezes há para todos, outras vezes não há e.... não há horas nem para acordar nem para dormir, a imagem que eu tenho deste miúdo, foi... ele dizer

330 “hoje não fui... a minha mãe ficou a dormir” porque às vezes chegava às tantas à
331 escola, “é que ontem tive de ir levar o saco noutra carrinha” (risos)

332 E: Credo. E os pais sabiam que ele contava essas coisas?

333 E.I: Oh é assim... o pai nem tinha... nessa altura nem estava lá, ora ia dentro ora
334 estava fora.... E a mãe tinha aqueles amigos todos... ele era o pombo-correio pronto,
335 mas ele tinha consciência que era o pombo-correio e o que é que estava a fazer... que
336 não podia mexer naqueles sacos e que aquilo era para os crescidos... são outros
337 mundos... são outros mundos mesmo... para essas crianças nós falarmos num desenho
338 bonito, ou na pintura, eles depois também têm a outra fase que fazem fazer e sabem
339 valorizar mas... não tem nada a ver com estas vidas destes casais... ditas “normais”.
340 Isto depois quando me perguntam se eu tenho alguma criança complicada... isto ao pé
341 daqueles que já tive tão complicados... isto nem é nada (risos). E isto é mesmo aqui ao
342 lado...

343

344 E: *Tem na sua sala, alguma criança, cuja autoestima seja visivelmente baixa? Se*
345 *sim, explique qual a razão que encontra para explicaressa situação.*

346

347 E.I: Eu tenho... Há uma criança que me preocupa muito... já falei várias vezes com
348 a mãe e passado um ano ainda não consegui perceber o que é... se são os mimos
349 exagerados em algumas coisas... se é ele mesmo que tem dificuldade em se concentrar
350 e em se relacionar com os amigos, está sempre sozinho... ele é tratado como um bebé
351 recém-nascido tanto pelos pais como pelos avós, mas o que eu acho é que se fosse só
352 isso... ele passa aqui muito tempo...passou aqui o ano todo connosco, já era para ter
353 outro tipo de atitude e tem uma linguagem muito pobre... por isso é que eu acho que
354 tem a ver com qualquer coisa da audição... ah... o tempo que ele passa com os amigos
355 e connosco mesmo com os mimos todos lá em casa já era para ele ter outro tipo de... é
356 desinteressado, não se interessa por nada... era arrumar os carrinhos aqui ou ali ou
357 naquele canto, o resto ainda é muito... é apressado de mais para a idade que ele tem, vai
358 fazer 4 anos mas ainda não... é o que eu acho mas ainda não cheguei a conclusão
359 nenhuma... (risos)

360

361 E: *Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

362 (já respondeu em questões anteriores)

363

364 E: *Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?*

365 (já respondeu em questões anteriores)

366

367 E: *Segundo a sua opinião, como considera que seja o trabalho realizado nos*
368 *Jardins-de-Infância acerca da autoestima das crianças?*

369 E.I: É assim no geral eu penso que há mas depois cometem-se muitos erros e
370 ouvem-se histórias de pessoas e colegas que.... que evidencia muito ah... cria muito os
371 líderes da sala, ou por simpatia dos pais, ou porque os pais são mais simpáticos ou
372 menos simpáticos ou pela posição dos pais, ou pela roupa ou pela... pelas horas que
373 estão na escola, por... e que isso... eu enquanto Educadora noto que às vezes também
374 não há muitas oportunidades para falar alguma coisa com a colega do lado, mas sempre
375 que posso dou a minha opinião (risos) porque eu acho que eles próprios têm de ter
376 defesas e eles têm de ser tratados de igual forma... e tentar dar sempre lugar a todos,
377 não é todos os dias porque nós não conseguimos... podemos não fazer atividade
378 nenhuma, não lhes dar nada, mas se dermos 2 minutos, nem é preciso ser 5, a cada um,
379 eu acho que... “está tudo bem?” “precisas de alguma coisa?” uma palavra diretamente
380 àquela criança fá-los ver que “espera afinal ela vê que eu estou aqui” porque se
381 pensarmos... durante o dia, se calhar há crianças... ou falamos para o geral, há aqueles
382 que chamamos uma data de vezes pelo bom ou pelo mau e há outros que nós durante o
383 dia não dirigimos a palavra... olhos nos olhos... ou.... Isto se nós pensarmos... (risos)
384 porque há uns que estão sempre a ser ditos, a ser chamados pela parte boa, ou pela parte
385 positiva ou negativa e há outros que andam ali... a fazer número... e muitas vezes de
386 forma inconsciente! Eu às vezes e nas horas, nas poucas horas, que nós temos para fazer
387 aquelas fichas de avaliação, se eu começar a pensar “afinal durante esta semana quantas
388 horas é que eu estive com esta criança?” é assim... às vezes não temos lá minutos...
389 sabemos no geral que o menino fez aquilo, mas depois, nós nisto... Educadoras... eu
390 costumo dizer que não ligo muito aos trabalhos expostos, mas sabemos dizer que ele
391 não fez a pintura, não fez a dobragem, não fez não sei o quê, está feito não está feito,
392 não fez aquela ficha, temos que por ali para depois meter na capa, mas se pensarmos no
393 trabalho todo no geral é o menos importante... porque aquilo que se calhar, se

394 pensarmos “esta semana quanto tempo ou quantos minutos eu estive com aquela
395 criança? E às vezes fez uma data de trabalhos mas se calhar metemos-lhe o trabalho à
396 frente, tirámos e não tivemos tempo nenhum com ele... isso tem a ver com os pais
397 também. Eu gosto muito do Daniel Sampaio... ele disse uma coisa há uma data de anos,
398 foi há 10 ou 11 anos que eu ouvi isto e às vezes explico isto aos pais. Que os pais
399 durante o dia se pensarem assim, vou chegar a casa e vou ter 5 minutos com o meu
400 filho, mas é com o telemóvel desligado, sem telemóvel, em estar a fazer o jantar, sem
401 nada, sem banhos, pronto... vou ficar aqui contigo... o que é que queres fazer? Queres
402 conversar? Queres brincar? Porque os pais estão com eles mas é olha eu estou a fazer o
403 jantar fica aqui ao pé de mim, liga a televisão que nós estamos aqui todos a ver
404 televisão, ou vamos passear, mas vamos às compras e são as compras que a mãe precisa.
405 Agora a qualidade... e ele estava a dizer vale mais estar 5 minutos só com a criança, a
406 fazer uma coisa que ela escolheu com ela, aqueles 5 minutos são deles, e quem tem
407 vários filhos devia fazer isso para todos, 5 minutos para um, 5 minutos para outro...
408 vale mais 5 minutos de qualidade do que estar uma tarde inteira com o filho e não estar
409 verdadeiramente com eles... e nós educadores também muitas vezes estamos com
410 eles... por exemplo hoje tive 19 e estivemos a fazer uma atividade na mesa... agora
411 desses 19 deixa-me ver com quantos é que eu estive mesmo (risos) deixa-me pensar... a
412 pessoa começa a pensar e chega a uma conclusão desastrosa (risos) mas quando nós
413 pensamos nisto já é bom... percebe aquilo que não estamos a fazer... porque há aqueles
414 que têm sempre tempo de antena e depois há aqueles... se formos pensar nisso...
415 estamos sempre, sempre a cometer erros (risos).

416
417 ***E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências***
418 ***ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.***

419 E.I: Eu enquanto Educadora, ao fim destes anos todos, continuo a acreditar que vou
420 fazer aquilo a que dou mais importância e tentando deixar de fazer aquilo que é menos
421 importante fazer, mas tenho consciência que estou sempre a fazer coisas que não devia
422 fazer... mas porque somos obrigados por um lado, há coisas que temos que cumprir,
423 somos obrigados e há coisas que... e nós Educadoras, tanto vocês que acabam como nós
424 há muitos anos, devíamos ter mais tempo... nós temos reuniões para combinar as
425 atividades que vamos fazer mas depois falta-nos tempo para partilhar ideias que

426 consideramos importantes em relação a eles... A tal qualidade (risos) mas pronto...
427 (risos)

**ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À
EDUCADORA II**

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Feminino
- Idade: Entre os 21 e os 30
- Habilitações Académicas: Mestrado
- Local de Formação: ESE de Setúbal
- Anos de serviço: 2
- Funções que exerce presentemente: Educadora de Infância há 2 anos
- Funções que já exerceu na área da Educação: Não teve

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: *Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” quando se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?*

E.I: Ah... sim, considero importante, porque a autoestima... portanto, aquilo que eu acho que define a autoestima é um conhecimento que nós temos sobre nós próprios. Tanto naquilo que somos bons a fazer como naquilo que somos maus, e eu acho que é muito importante nós conhecermo-nos a nós próprios, termos amor por nós próprios, para que consigamos viver em sociedade, aceitar os nossos defeitos e as nossas virtudes e isso é uma coisa que tem de ser trabalhada com as crianças, porque muitas vezes eles não sabem lidar com a frustração e isso é uma coisa que eles necessitam, portanto, de aprender. Por isso eu acho que é um tema muito... pertinente... bastante pertinente. Até porque isto é uma coisa que nos acompanha o resto da vida. Em adultos, se tiverem uma baixa autoestima têm problemas de inserção na sociedade, inserção nos mercados de trabalho, tudo... na vida. Por isso eu considero que é um tema muito importante.

E: *A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.*

E.I: Sim, exatamente, em relação àquilo que eu estava a dizer na questão anterior, porque... ah... eu considero que nós, todo o ser humano, é feito de virtudes, não é? Temos qualidades e temos defeitos. E a autoestima é um pouco esse conhecimento que temos sobre nós próprios, por isso é que nós muitas vezes dizemos que um adulto ou

uma criança com uma baixa autoestima é alguém que acha que é mau ou que só tem defeitos, que só consegue ver os seus defeitos, e é bom nós conseguirmos, para vivermos bem em harmonia connosco próprios e com os outros, é bom nós termos um contrapeso e medida, é sabermos as nossas virtudes e os nossos defeitos e tentarmos trabalhar para melhorar os defeitos, mas também elogiar sempre as nossas qualidades, porque senão nós vamo-nos muito abaixo e como tudo na vida tudo é uma bola de neve: se nós estamos em baixo, vamos andar mal com os outros, andar mal com nós próprios... etc., etc. Porque pronto, eu acho que a autoestima é muito este circuito, por assim dizer: autoestima, autoconhecimento, uma avaliação subjectiva de nós próprios, relaciona qualidades com defeitos, não é? Porque o ser humano, aprende a viver com ela, seja em criança, seja em adulto, em criança ainda melhor se começarmos, como em tudo na vida, será mais fácil em adulto de viver com isso porque é tudo a sociedade, não é? A sociedade engloba-nos a nós, nós temos de saber viver com os outros, e se não temos autoconhecimento de nós próprios (sabemos até onde é que podemos ir, o que é que podemos fazer, no que é que somos bons, no que é que não somos tão bons) até para... nós num grupo de amigos, que é o que acontece numa sala de jardim-de-infância, eles têm de saber no que é que alguém é melhor do que eles, no que é que eles são melhores do que alguém para conseguirem-se aceitar-se uns aos outros.

E: Na sua opinião, as atitudes que os Educadores (ou os adultos que rodeiam a criança, como os pais por exemplo) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou).

E.I: Sim, sem dúvida. Seja adulto, seja um pai, seja um educador, seja o senhor da mercearia, quem quer que seja, influencia sempre a autoestima de uma criança e até de um adulto, isto é idêntico. Ainda mais nas crianças porque são seres mais, nesse ponto de vista, um bocadinho mais debilitados do que nós adultos que temos outra experiência de vida. Mas sim, as atitudes, nomeadamente... vou-me centrar mais na questão dos pais e dos educadores, não é? Nos educadores... ah, por vezes há certos comentários que se têm para com as crianças, ah... coisas que às vezes podem ser ditas sem pensar mas que não devem ser ditas poderão de certeza influenciar a autoestima de uma criança, como por exemplo às vezes dizer “tu não percebes nada” ou “o que é que estás a fazer? Não é nada isso que te pedi”, pronto, isto são comentários que às vezes podem sair tanto um pai como às vezes a um educador, porque infelizmente, nós sabemos que

isso acontece, mas que são comentários que podem inibir a criança de no futuro ah... demonstrar, portanto, fazer as coisas quando nós propomos uma actividade ou uma simples brincadeira livre, não é? E eles quando estão a fazer pensam que estão a dar o seu melhor, não é? Por norma é isto que acontece. Nem sempre pode ser o que o adulto às vezes espera que esse também é um problema muito na educação de infância que é os educadores às vezes pensam numa actividade ou até os pais, planeiam tanto uma coisa que depois se aquilo não acontece, às vezes sai esse tipo de comentários pronto... ah, que são infelicidades que às vezes se têm na vida... E isso influencia muito a criança porque possivelmente vai inibir a criança de numa próxima vez ter uma reacção espontânea. Um caso que te posso dar da minha experiência... ah, pronto, há esses comentários “tu não percebes nada do que eu te digo”, “tu não fazes nada do que estou a pedir”, pronto assim esses comentários que ou... às vezes inclusive chamar alguns nomes, não é? “És burro”, isso são, às vezes, coisas assim que não ditas por mim mas que já presenciei.

E: E qual é que foi a reacção da... quer dizer, não há uma reacção imediata assim...

E.I: Das crianças?

E: Sim.

E.I: Pronto, da reacção às vezes das crianças é... ou ficam assim perplexas... E depois é assim, isto tem o verso da medalha como se costuma dizer, é que eles depois aprendem também a usar estas expressões. Nós somos um modelo a imitar, não é? Pelas crianças. E primeiro que tudo acho que isto não deve ser dito pela questão da autoestima e segundo porque eles repetem e vão fazer a outra criança, a outro coleguinha, portanto isto... Se nós estamos a educar, nós temos de dar o exemplo não é? E por isso não devemos partir por aí, mas a reacção muitas vezes deles é: se não estão habituados a ouvir ficam perplexos, se estão, reproduzem muitas vezes. Numa situação idêntica que venha a acontecer reproduzem a expressão que foi dita pelo adulto.

E: Mas para eles?

E.I: Eles próprios ou para com outro. Se virem um colega a fazer uma coisa idêntica à que ele fez, podem ter esse comentário.

E: *Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)*

103 E.I: Sim, a forma como falamos muito, sem dúvida, e aquilo que dizemos também.
104 Porque é a tal questão, há expressões às vezes que temos que pode influenciar
105 negativamente. Mas pronto, a forma como falamos muito, porque às vezes podemos
106 utilizar um tom mais agressivo também, porque também há diferentes formas, às vezes
107 podemos dizer “oh, não compreendeste o que eu te disse” é diferente de dizer “epá,
108 nunca percebes nada do que eu te digo”, desta forma (agressiva). Portanto, a forma
109 como se fala influencia muito e os modos como falamos mais brusco, mais agressivo,
110 mais meigo, mais atencioso, pronto, isso influencia muito mas aquilo que se diz também
111 porque nós sabemos que a língua portuguesa é muito traiçoeira e há muitas formas de se
112 dizer a mesma coisa, pronto. E há formas mais meigas e há umas formas mais bruscas
113 e... o pior é quando a forma brusca se junta ainda a termos que não são propriamente
114 muito adequados porque baixa muito a autoestima da criança, faz com que eles
115 aprendam e reproduzam, o que depois também não é bom, por isso eu acho que sim, a
116 forma como se fala e aquilo que se diz, pronto, os termos que se utilizam. Porque é
117 totalmente diferente eu dizer “não compreendeste o que eu te disse” ou “epá, nunca
118 percebes nada do que eu te estou a dizer” ou “és burro”, porque isto é mesmo dizer “és
119 burro” mas de outra forma.

120
121 E: *Alguma vez sentiu que a sua atitude para com uma criança a inibiu de realizar*
122 *ou dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

123
124 E.I: Ah, não. Até hoje não. Ah... sinto que possivelmente já posso ter inibido, não
125 por a minha atitude, mas às vezes pela forma como me vou dirigir a eles ou quando olho
126 para eles, como eles às vezes também já sabem o que é permitido e o que não é
127 permitido, que isso às vezes condiciona um bocadinho, agora nunca por uma atitude que
128 eu tenha tudo sinto que uma criança se iniba, isso não. Noto é por exemplo às vezes se
129 eu digo “não se metam dentro do armário”, que às vezes acontece, gostam muito de
130 brincar no armário, digo “não se metam dentro do armário”, se eles estão a dirigir-se
131 para o armário e se eu ficar a olhar para eles, eles inibem-se e não fazem possivelmente
132 porque sabem que não é um comportamento que é propriamente correcto, o esperado,
133 sim.

135 E: *Considera correto, colocar as crianças de castigo fora da sala, quando estas*
136 *agem de uma forma que considera ser menos correta? Até que ponto essas atitudes*
137 *influenciam o desenvolvimento emocional da criança?*

138
139 E.I: Ah... Colocar a criança de castigo fora da sala influencia de certeza absoluta o
140 desenvolvimento emocional de uma criança. Primeiro porque nós não nos podemos
141 esquecer que temos um grupo e que todas as crianças fazem parte desse grupo e ao
142 estarmos a colocar uma criança fora da sala estamos ligeiramente a dizer que ela não faz
143 parte daquele grupo. É como, desculpa a expressão, ela fosse a “ovelhinha negra”
144 naquele momento. Portanto de certeza que influencia o desenvolvimento emocional da
145 criança. A minha opinião sobre a questão dos castigos fora da sala... primeiro eu nunca
146 uso o termos “castigo”, para mim não existem castigos. Mesmo quando os pais dizem
147 “hoje estiveste de castigo?” eu costumo dizer “aqui não há castigos, há pensar na vida”.
148 Eu costumo colocá-los a pensar na vida, e nunca é fora da sala, ah... O que eu costumo
149 fazer é: sento-os numa cadeira e digo “agora vais ficar a pensar um bocadinho no que tu
150 fizeste”. Pronto, e eles já têm idades em que têm capacidade de perceber e de pensar
151 sobre aquilo que fizeram, porque acho que também não podemos fingir que nada se
152 passou e que por vezes há situações em que de facto é preciso que eles pensem naquilo
153 que fizeram porque é preciso que se coloquem um bocadinho no papel do outro para
154 que percebam que as atitudes deles para com os outros têm consequências, não é?
155 Porque da mesma forma que nós nos preocupamos com a nossa autoestima também nos
156 devemos preocupar-nos com a autoestima do outro. E... portanto acho que de facto
157 deve existir o “pensar na vida”. Acho que é importante tanto um pai como um
158 educador... As crianças têm, como todas, atitudes menos corretas para com os
159 amiguinhos e a gente não deve passar ao lado também de tudo isso, pronto, é preciso
160 que eles pensem naquilo que fizeram, que percebam que magoaram ou que não
161 estiveram tão bem, que o amigo ficou triste. Isto tudo à base de uma conversa, eu nunca
162 utilizo a palavra castigo. Nem sequer na questão do “fora da sala”, acho totalmente
163 ultrapassado já.

164
165 E: *Compreende e apoia a opinião dos Educadores que consideram importante dar*
166 *uma “palmadinha” à criança de vez em quando, para que esta perceba onde errou e*
167 *seja educada? Porquê?*

169 E.I: Ah... Não compreendo e não apoio. Ah... Acho que a questão da palmadinha é
170 um, para mim, um dever e um direito que é consumado só à família, ao pai e à mãe.
171 Acho que nós enquanto educadores que passamos muitas horas, e, às vezes, mais horas
172 do que o pai e a mãe, ou o avô e a avó, com eles, temos o direito de educar, repetindo
173 centenas de vezes ao dia, aquilo que for preciso e, tentando evitar que certas situações
174 aconteçam, não através da palmada, mas às vezes simplesmente puxando o braço,
175 sacudindo uma mão que às vezes acontece eles fazerem e nós mostramos a mão para
176 eles saírem... Agora, palmada nunca. Acho que é uma questão que ainda perdura na
177 educação, que é antiga e que está muito relacionada já com métodos mais tradicionais.
178 Porque acho que esta questão da palmada acaba por ser um medir de forças, de
179 autoridade, e acho que o adulto não deve... o adulto é quem tem a autoridade máxima e
180 nós adultos temos essa consciência, as crianças é que não a têm e acho que não é bom
181 também o adulto fazer o exercício máximo da sua autoridade. Acho que o ideal é
182 explicar, dar hipóteses às crianças, e explicar sempre porque é que aquele
183 comportamento não se faz. Isso é muito importante, dizer “olha, isso não se faz porque
184 tu o magoas”, pronto. E às vezes, a gente sabe, são teimosos e tentam ir fazer ou para
185 tirar simplesmente o outro do sério. E uma coisa é brincarmos e dizermos “não sejas
186 tonto” ou “não faças isso” ou afastarmos uma mão, e eles voltam a mexer e nós
187 tornamos a afastar, isso é uma coisa... Agora uma palmada é uma coisa que é feita com
188 outra intenção, de outra forma... Isso é uma coisa que não concordo nem apoio.

189 E: Já não educa em nada?

190 E.I: Não, acho que é medir forças e acho que faz com que as crianças reproduzam
191 também isso não é? Aprendem... e eu sei de casos de pessoas que utilizam isso nas suas
192 práticas, e que depois o que acontece é que quando outra criança faz qualquer coisa que
193 é um disparate o pequenino vai lá e bate.

194
195 E: *Já trabalhou com alguma criança, cuja autoestima fosse visivelmente baixa?*
196 *Que reações/ atitudes demonstrava essa criança? Como contornou essa situação?*

197
198 E.I: Sim, no ano passado tive uma menina que tudo o que... portanto, uma das
199 áreas que é tratada na educação pré-escolar é a autonomia e há muitas crianças que
200 passam uma fase em que parece que têm a autoestima muito em baixo e estão
201 constantemente a dizer “eu não consigo”. E eu tive uma criança no ano passado assim
202 que aparentava ter uma autoestima muito em baixo, tudo o que nós pedíamos para fazer

e que incentivávamos para fazer sozinha ela dizia “eu não consigo, eu não consigo, eu não consigo” e esperava que fossemos fazer por ela ou que a ajudássemos. O que eu fiz para contornar essa situação, foi dizer que o “Sr. Não Consigo” não existia naquela sala, só existiam os outros meninos e não esse senhor. E ao início tentava que a criança tivesse um conjunto de tarefas e ela dizia “eu não consigo” e eu ajudava. E depois de estar a ajudar, mais ao menos a meio das tarefas que lhe dava, eu dizia “vá, agora tentas tu sozinha”, pronto. E tantas vezes isto aconteceu que eu ia reduzindo o meu tempo de ajuda, nas tarefas que lhe dava até que comecei a perceber que ela ganhou a sua autonomia... porque neste caso não sabia se a questão era ela não ser autónoma ou se a sua autoestima estava tão em baixo que ela simplesmente não queria fazer com medo de falhar. Então foi isto que eu fiz, o que eu fiz foi ir dizendo-lhe “olha, vais à casa de banho, baixas as cuequinhas, sentas-te, limpas-te...”, dava-lhe ali um conjunto de tarefas que fazia parte da rotina e depois eu ia ajudando. Uma vez ajudava até ao “limpar”, outras vezes já só ia ajudando até ao “baixar a cueca”. Fui reduzindo o meu tempo durante essa execução da tarefa que lhe dava até chegar ao ponto em que percebia que ela fazia tudo sozinha.

E: Há Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”, “estúpidos”, “parvos”, entre outros.

Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.

Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Educador de Infância? Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?

E.I: Ah... Enquanto educadora e mesmo enquanto adulto... Para já, são termos que nenhum adulto deve usar para uma criança, porque... nomeadamente burro, estúpido, parvo, são nomes que um adulto poderá chamar a uma criança, mas é a tal questão do modelo: a criança vai reproduzir e vai chamar isso a um amigo em qualquer fase do dia. Em relação aos casos das crianças que não fazem tudo como as nossas expectativas... Pronto eu tenho uma opinião que é assim: os educadores que trabalham um bocadinho para a parede, como nós costumamos dizer, têm uma certa dificuldade em lidar com isso, porque esperam que o trabalho seja completamente perfeito e depois não é nada

237 daquilo que sai, nomeadamente as prendas do dia da mãe ou do pai, isso acontece “n
238 vezes”. “Tem de ir perfeitininho, não está aqui bem pintado, vou pintar por cima”. É
239 assim, nós sabemos que se é uma criança de 3 anos ou 4 que está a aprender a segurar
240 no pincel, que está a dar os primeiros passos na área da expressão plástica, as coisas não
241 podem sair perfeitas, porque para sair perfeito era feito por um adulto que já manuseia
242 um pincel como deve ser e que sabe as técnicas de pintura. Uma criança está a
243 experimentar. Na minha opinião os trabalhos têm mais significado quando são feitos por
244 eles, quer estejam para a direita, para a esquerda, para baixo ou para cima, sejam
245 amarelos ou azuis. Eu nunca fui muito, também devido à minha formação, muito
246 apologista de livros de fichas. Saí muito formatada com esta ideia de que é possível
247 trabalhar muitas coisas sem o recurso a fichas. Não é preciso trabalharmos o círculo e o
248 quadrado numa ficha para as crianças saberem fazer um círculo e um quadrado.
249 Portanto esta questão toda de “aquele tem de ser amarelo, aquele cor-de-rosa, ter de ser
250 para a esquerda ou para a direita”, eu não tenho muito isso. E quando o trabalho não
251 corresponde às nossas expectativas... Eu não crio muitas expectativas em relação aos
252 trabalhos. Primeiro porque cada criança é uma criança e eu acho que eles têm de fazer à
253 sua maneira. E depois, mesmo que o trabalho não tenha minimamente ficado como nós
254 poderíamos ter pensado, não se deve optar por chamar nomes. Porque as crianças estão
255 na escola para ter os primeiros contactos, para aprender e fundamentalmente porque eu
256 acho que estas atitudes e comportamentos baixam a autoestima, inibem as crianças de
257 no futuro terem certas atitudes mais espontâneas e singulares, inibem às vezes as
258 crianças de participarem num momento da higiene, pode inibi-las de fazer atividades.
259 Imagina o que é estares numa sala dos 5 anos e teres uma criança que passou por uma
260 situação destas e de repente tem pavor cada vez que lhe dás um simples desenho para
261 fazer ou simplesmente deixou de gostar de o fazer. E isto acontece. Acho que são
262 atitudes que devem ser ponderadas porque têm muitos impactos.

263
264 E: *Na sua opinião, os pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima*
265 *nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?*

266
267 E.I: Ah... Pela experiência que tenho, creio que há pais... É assim, a autoestima
268 não é um termo que seja muito utilizado na linguagem dos pais, mas acho que há muitos
269 pais que têm isso em conta. Podem não designá-lo de autoestima nem ter consciência
270 que estão a trabalhar isto mas têm cuidado com aquilo que dizem e termos que utilizam,

acredito que sim. E tentam puxar pela criança para conhecerem aquilo que já são capazes de fazer e o que não são. Infelizmente também temos outras realidades que há pais que lhes passa completamente ao lado e “toca a andar” e “não consegues, paciência”. E utilizam aqueles termos já mais pesados e não tão adequados. Nós hoje em dia vivemos numa era em que há muita coisa misturada e cada vez mais há os dois pólos: os pais que dão mais valor à escola e se interessam mais e aqueles que vêm a escola como um depósito de crianças. Mas eu creio que ainda temos alguns, e da experiência que tenho tido nestes dois anos, diria que temos mais daqueles que se interessam do que propriamente aqueles que não se interessam. O grupo de pais do ano passado era um grupo de pais extraordinário. Eram super cuidadosos e viam a escola como um centro de educação e um centro de aprendizagem, de interesse e viam que os filhos gostavam. E tinham estima pelo trabalho que era feito. Os pais deste ano já é mais 50-50, mas nestes dois anos acho que há mais dos que dão importância a esta questão.

E: *No geral, os pais do seu grupo de crianças, demonstram ter atitudes meigas e carinhosas para com o seu filho?*

E.I. Sim, têm. São pais, do grupo deste ano, que apesar do trabalho lhes ocupar muito tempo, e de eu ter crianças que permanecem bastantes horas na instituição, se nota que quando os vêm buscar, o tempo todo é para eles, para os filhos, e demonstram atitudes carinhosas.

E: *Desconfia que na sua sala haja algum caso, cujo ambiente familiar é propício ao desenvolvimento de uma autoimagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, exponha sucintamente o caso.*

E.I: Sim, por acaso até acho. Em casos em que o marido e a mulher não se dão muito bem, nomeadamente em caso de separação, e que os pais não compreendem que a criança não teve culpa de ter vindo ao mundo, e que aqueles vão ser sempre os pais para o resto da vida. Isso sem dúvida, e influencia o desenvolvimento da autoestima porque as crianças sentem-se inseguras, não sentem um ambiente familiar muito estável, muito afável e muito desejável e acabam por sentir falta de atenção, falta de carinho, porque os adultos estão tão focados no problema que não se conseguem abstrair e acabam por se esquecer um bocadinho da criança. E também tenho um caso que destrói um bocadinho

a questão da autoestima, não proporciona o desenvolvimento da autoestima, em que tenho um caso de um desfalde em que por vezes creio e acredito que comentário um bocadinho seja na brincadeira, mas não acho que seja correcto. Às vezes acontece e é completamente normal, as crianças descuidarem-se. Quando o pai chega à escola, eu explico o que aconteceu, a roupa está no cabide e o pai às vezes diz “Ah, és um badalhoco, isso não se faz”. Às vezes são comentários que podem ser uma brincadeira mas não acho que seja uma brincadeira muito exemplar.

E: *Tem na sua sala, alguma criança, cuja autoestima seja visivelmente baixa? Se sim, explique qual a razão que encontra para explica essa situação.*

(já respondeu em questões anteriores)

E: *Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

(já respondeu em questões anteriores)

E: *Haverá atitudes que beneficiem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

E.I: Sim, sem dúvida. Incentivar quando as crianças conseguem fazer uma tarefa sozinhas, incentivar, elogiar “conseguieste!” ou quando não conseguem dizer “não faz mal, amanhã consegues”. Acho que muito à base do incentivo verbal e às vezes até palmas e coisas assim, porque eles gostam e a nós também nos sai naturalmente. Nós passamos tanto tempo com eles que eles acabam por ser também um bocadinho nossos e quando eles conseguem alguma coisa, a alegria acaba por ser também para nós. Mas sim, nomeadamente o incentivar, o dizer “experimenta, vais ver que és capaz”, pronto, utilizar muito essas expressões acho que beneficia bastante a autoestima.

E: *Segundo a sua opinião, como considera que seja o trabalho realizado nos Jardim-de-infância acerca da autoestima das crianças?*

E.I: Muito sinceramente, considero que o trabalho nos jardins-de-infância em relação à autoestima seja um bocadinho ainda entre dois termos, porque muitas vezes os educadores são pessoas formadas e os auxiliares são pessoas que também têm cursos

que sabem o que supostamente é mais ou menos correcto. Às vezes ao longo do dia ocorrem situações que nós temos consciência que não são as mais correctas e que não devíamos ter feito e eu acho que a realidade é mesmo esta: acho que há uma distância muito grande entre aquilo que a gente acha que é correcto e é o que devíamos fazer e o que de facto é praticável. Porque nós estamos dentro duma instituição que tem ritmos, rotinas, hábitos, pessoas, tem um conjunto de circunstâncias que influencia muito o trabalho que é feito nessa instituição. E acredito que uma pessoa que acredite que não se deva fazer qualquer coisa dentro de uma instituição pode ser de uma forma e dentro doutra instituição pode ser de outra forma. Eu acho que o meio influencia muito também o trabalho da pessoa e o que a pessoa pratica. No entanto eu acho que a grande parte do trabalho que é feito nos jardins-de-infância ainda é muito a ter em conta. Uma vez ou outra que possa sair uma atitude menos feliz ou assim, também acredito que aconteça. O ideal é a pessoa pensar, reflectir sobre isso e perceber que não leva a lado nenhum e emendar. Acho que é esta a realidade dos estabelecimentos. Porque também acho que quando as pessoas dizem “eu nunca fiz nada disso” Às vezes também não é bem assim. E às vezes eu sinto mesmo isso. Eu sinto que há coisas que eu acredito e às vezes sem querer faço e há coisas que eu não acredito e que às vezes faço porque sinto que estou ali entre a espada e a parede. Porque o nosso trabalho é muito influenciado não só por nós, mas pelas crianças, pelos pais, pelos adultos com quem trabalhamos, os auxiliares, o superior, a cozinha, é tudo o que um colégio possa envolver influencia muito o trabalho.

E. Então basicamente a tua opinião é...

E.I: É os dois lados. Eu acho que existe um bom trabalho em relação à autoestima, porque há de facto esses cuidados da linguagem e de incentivar a criança. Acho que isso tudo é feito, essa é a realidade. Mas acho que às vezes esta realidade é condicionada pelas estruturas, pelo pessoal, por tudo no jardim-de-infância e que por vezes possa levar a que nem sempre este trabalho possa ser aplicado. Não estou a dizer que não é aplicado, mas que por vezes possa haver uma saída mais infeliz numa manhã, por exemplo.

E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.

372 E.I: Não... acho que não... assim de repente (risos) penso que referiste tudo o que é
373 relevante... anda tudo à volta disto...

**ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À
EDUCADORA III**

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Feminino
- Idade: mais de 50 anos
- Habilitações Académicas: Licenciatura
- Locais de Formação: ISEC e Maria Ulrich
- Anos de serviço: 35
- Funções que exerce presentemente: Educadora de Infância há 35 anos e Coordenadora Pedagógica há 23.
- Funções que já exerceu na área da Educação: Fez parte da direção da Associação, fez parte do concelho municipal de educação de Loures; trabalhou com várias estagiárias dos cursos de Educadora e Auxiliar de Educação e realizou várias apresentações em escolas e ações de formação.

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” quando se trata de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

E.I: Claro que sim é sempre importante trabalhar a autoestima, porque por vezes há crianças que são mais tímidas, que ficam um pouco anuladas com aqueles... os chamados líderes (risos) e por isso é preciso trabalhar a autoestima para que as crianças consigam ultrapassar essa sua timidez e essa sua baixa... às vezes dizer-se propriamente baixa autoestima não será o mais correto em crianças, não é? Ah... são mais tímidas, mais introvertidas e por isso mesmo precisam de uma ajuda para realmentedesabrocharem e saberem estar num grupo de crianças... ah... de todos os quadrantes de todas as idades e ate dos 3 aos 6 pronto

E: Mas acha que não é propriamente autoestima?

E.I: Eu não digo que é propriamente... quer dizer, nós dizemos que é sempre autoestima... mas depois... baixa autoestima? Não é propriamente...eles não têm esse... damos-lhes o rótulo mas ele não têm esse... eu considero mais que a criança é tímida, introvertida e que por isso não consegue manifestar ah... como é que ela é na realidade, a sua forma de estar... e por isso ah... como se retrai dá a sensação que tem uma baixa

35 autoestima, mas eu não considero nestas idades uma baixa autoestima porque eles ainda
36 não têm essa consciência não é? Nós é que rotulamos como baixa autoestima e alta
37 autoestima... ah... quando nós dizemos que trabalhamos a autoestima trabalhamos nesse
38 sentido, de ajudar a criança a ultrapassar aquela timidez, o poder ser mais expressiva,
39 mais expansiva, ah... de conseguir estar em grande grupo... por vezes as crianças quando
40 são assim mais retraídas ou isolam-se um bocado ou só em grupos muito restritos... é
41 assim, se for um grupo maior já não conseguem estar, já se anulam um bocado... e é por
42 isso que às vezes se diz que é baixa autoestima não é? E é nesse aspecto que nós temos
43 de trabalhar para que ela consiga desinibir-se e para que ela consiga realmente estar em
44 qualquer situação... eu considero assim (risos)

45
46 ***E:A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida***
47 ***enquanto adulto? Explique porquê.***

48
49 E.I: Pode influenciar. Porque se sem dúvida a criança logo em pequena... este lado
50 não for trabalhado... a criança vai estando sempre assim, sempre retraída, sempre
51 reservada, sempre afastada dos outros e depois chega à escola, ao ensino básico, ainda
52 pior porque é um mundo diferente não é? Não há a capacidade dos professores que é
53 impossível num grupo grande, estar a dar atenção muito individualizada a cada um deles
54 não é? É tudo muito mais para o grande grupo... e se uma criança que é reservada, que é
55 inibida, vai ficando caladinha, vai ficando lá no canto dela, se calhar até fica na última
56 fila, se o professor não tiver um bocadinho de atenção... não é? É difícil e isso depois
57 vai pela vida fora e acaba por... em adolescentes por vezes acontece a mesma coisa,
58 depois... pronto na adolescência pode acontecer... é as situações problemáticas, porque
59 de repente eles querem desabrochar e desabrocham para o lado errado (risos) ah...
60 agrupam-se ao lado errado... porque realmente também querem mostrar que são capazes
61 e eu também estou aqui e às vezes dão aquele grito um bocadinho fora do contexto, não
62 é? Ou seja, fora daquele que deviam estar... e às vezes associam-se a grupos... e isso
63 nota-se muito que são crianças sempre com baixa autoestima que estão associadas a
64 grupos mais marginais, não é? E isso depois vai acabar por influenciar a vida adulta,
65 sem dúvida nenhuma, por isso é que logo nestas idades há que ter atenção a esta
66 problemática e... ter em atenção ao isolamento da criança... irmos começando a ver que
67 ela está isolada, então vamos chamar, vamos estimular, vamos fazer com que ela

consiga mostrar ao grupo que também é capaz e também faz e isso vai-lhes... lá está... a autoestima vai subindo.

E: *Na sua opinião, as atitudes que os Educadores (ou os adultos que rodeiam a criança, como os pais por exemplo) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)*

E.I: Sim... tem muita influencia... porque se essa criança é realmente introvertida, está mais isolada e às vezes há uma tendência, não quer dizer que seja também... há também educadores que os podem fazer, há auxiliares que também o fazem, há pais que também o fazem, “ah é um palerma” “nah, ele não é capaz de fazer nada!” pronto... isso ainda vai fazer pior numa criança que já tem a sensação que não é capaz... ele até... de certeza que é capaz só que precisa de estímulo para conseguir fazer e conseguir realizar...depois às vezes quando se dá o tal clique e ele vê e verifica “afinal eu sou capaz” e isso às vezes é o suficiente para que ele a partir daí seguir... mas se realmente nós fizermos isso não é? Ou não puxarmos, ou o deixarmos ficar no seu canto sempre... outivermosa tendência de dizer que ele não é capaz ou isto está feio, está mal feito, ou assim... pronto, estamos exatamente a fazer o contrário e estamos a prejudicar a criança e a levar que ela ainda fique com mais baixa autoestima e não a ajudar para que ela possa elevar essa autoestima.

E: *Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)*

E.I: Tem... vai ter um bocadinho tudo ao mesmo... se nós lhes dissermos “anda cá fazer” e eles dizem “ah mas eu não sei fazer”... “ai és, és, então experimenta lá, vamos lá experimentar vá, eu dou uma ajuda”... às vezes esse... só do ponto de vista verbal não é? Só verbalizando isto, às vezes é o suficiente para que a criança realmente sinta coragem para começar e... realmente a linguagem tem importância não é, como eu te disse há bocadinho... se nós em lugar de estarmos a dizer “não... tu és capaz, dissermos “ah ele não é capaz! Fica tudo mal feito, é só riscos!” isso vai interiorizando e cada vez mais a sua autoestima vai por aí abaixo... e cada vez mais ele é capaz de fazer menos coisas e não tenta porque a seguir o adulto diz-lhe que aquilo está feio, pronto por isso

as palavras são muito importantes na forma como se fala com a criança, porque senão estamos a prejudicar a criança em não conseguir ultrapassar esse problema, porque isso é, muitas vezes nem é...a pessoa nem pensa, nem é por mal que diz... ah... “opa isso está feio! Faz lá melhor que tu és capaz!” pronto, se calhar dizer a mesma coisa mas de outra forma... porque se nós lhe dissermos “ah tu ainda és capaz de fazer melhor, vamos lá experimentar aqui os dois...” já é outra maneira, não dizemos que está feio... e depois os miúdos já são muito críticos uns com os outros... e se ouvem o que o educador está a dizer, cada coisa que o outro fizer os outros vão estar a dizer “ah é feio, ele não é capaz”! pronto... por isso há que ter muito cuidado com as palavras e com as atitudes...

E: Alguma vez sentiu que a sua atitude para com uma criança a inibiu de realizar ou dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.

E.I: Sim, acredito que sim... ninguém é super... é natural que eu também já tenha dito isso, é natural que eu também já tenha dito “epá isso está feio” ou... é natural que sim, que isso vai inibir a criança, como é lógico, se eu acabei agora mesmo de dizer isso... (risos) que este tipo de atitudes inibe a criança e faz com que... a sua autoestima ainda vá mais para baixo... é provável que sim e acredito que sim, porque ninguém está livre de fazer isso e cometer esses erros... ninguém... é preciso é ter sempre muito cuidado e muita atenção e se virmos que erramos tentarmos que não volte a acontecer não é? Fazermos aquela avaliação e aquela introspeção e dizer assim “meu Deus... acabei de fazer a maior asneira”... e portanto... para a próxima vez já não e tentar realmente ajudar, porque isso é normal que aconteça... às vezes nem é por mal nem é com segunda intenção... com intenção de rebaixar a criança mas saiu... e depois temos é que pensar que saiu mal e depois temos é de mudar isso e emendar esse erro.

E: Considera correto, colocar as crianças de castigo fora da sala, quando estas agem de uma forma que considera ser menos correta? Até que ponto essas atitudes influenciam o desenvolvimento emocional da criança?

E.I: É assim, eu ainda hoje pus um... não foi fora da sala, fui pô-lo na sala dos vizinhos do lado porque fez um disparate enorme na minha sala... foi buscar duas cadeiras, meteu em cima uma da outra e pôs-se em cima das cadeiras para chegar à ultima prateleira do armário, pronto... (risos) e eu tinha dito que não podiam fazer isso,

136 que era perigoso, que podiam cair e ele está sempre a fazer constantemente isso e eu
137 disse-lhe “agora não te quero na sala porque tu ouviste muito bem o que eu disse, que
138 não se podia fazer isso na sala, agora não quero meninos que não sabem ouvir na sala,
139 portanto vais para a sala dos vizinhos... e esteve um bocadinho na sala da G. ... pronto...
140 que isso possa influenciar, não sei...eles têm de saber que, quando nos portamos mal há
141 consequências e não é por nós... eu normalmente não digo a palavra castigo, não digo
142 “estás de castigo” ou “vais de castigo”, não... estás... sentas-te um bocadinho a
143 descansar a pensar no disparate que fizeste... quando pensares bem vens-me dizer o que
144 é que pensaste... se foi bem feito, e foi mal feito... agora dizer “estás de castigo, vou-
145 te... não” isso por norma não uso.

146 E: Mas acha que faz diferença?

147 E.I: É assim, lá está a tal história... eles têm de saber que se há disparate há castigo,
148 há... mas como nós não queremos realmente influenciar muito pela negativa, devemos
149 tentar sempre que as coisas sejam feitas de forma mais positiva, mesmo quando é um
150 “não” (risos) ah... se calhar pronto, eu acho que dizer “ficas a pensar um bocadinho na
151 vida” eles dizem “Ó Isabel já pensei” “então o que é que pensaste?” “que não vou fazer
152 mais” “então pronto”... É um bocadinho diferente, percebes? Agora se for uma criança
153 que está constantemente ser posta de castigo, que está sempre de castigo, isso aí vai
154 influenciar... acaba por ter o efeito contrário... essa criança vai ser uma revoltada, e vai-
155 se revoltar e... há-de estar sempre de castigo porque está sempre revoltada (risos)
156 portanto isso às vezes é uma bola de neve, portanto há que dosear, há coisas que nós
157 temos que... distrair para outra situação, tentar... porque senão estavam sempre de
158 castigo... o M. Estaria sempre de castigo (risos) de certeza (risos) é disparate atrás de
159 disparate (risos) estaria sempre de castigo, portanto não pode ser assim, há coisa que
160 nós temos de desviar dali do sítio onde está para outro sitio, para brincar de outra forma,
161 com outro grupo... para... para ver se o distraio daquilo que estava a... daquilo que ele ia
162 fazendo mal outra vez... (risos) pode-se ir um bocadinho por aí... mas eles saberem que
163 quando há disparate há consequência isso sim... isso faz parte da educação.

164 E: Então pronto, para si não tem problema esse castigo ser fora da sala...

165 E.I: Acho que não... desde que não seja rotineiro não é? Lá está, tudo tem um
166 bocadinho de... e às vezes quando ponho, depois vou perguntar, já pensaste bem? Já
167 sabes como é que te deves portar dentro da sala?” pronto, não é? Porque se estamos
168 constantemente a por fora da sala também acaba por perder o efeito, eles já estão tão

169 habituados a isso que querem lá saber, tanto lhes faz estar fora como dentro (risos) é
170 indiferente.

171

172 E: *Compreende e apoia a opinião dos Educadores que consideram importante dar*
173 *uma “palmadinha” à criança de vez em quando, para que esta perceba onde errou e*
174 *seja educada? Porquê?*

175

176 E.I: Não, se bem que às vezes apetece (risos) mas pronto... às vezes merecem a
177 palmadinha, mas lá está... é a tal coisa, tudo quanto é às vezes demais... acaba por... às
178 vezes dar a palmadinha só surte o efeito naquele momento e a partir daí esqueceu...
179 naquela altura doeu, mas também quando se dá uma palmadinha nunca dá para doer
180 assim, mas penso que não, que isso... o bater, os pais é que têm de bater não somos nós
181 (risos) às vezes digo-lhes “epá levás aqui uma belinha” (risos) mas é a brincar e eles
182 entendem que é a brincar mas que está mal... mas pronto... acho que há outras maneiras.

183

184 E: Já *trabalhou com alguma criança, cuja autoestima fosse visivelmente baixa?*
185 *Que reações/ atitudes demonstrava essa criança? Como contornou essa situação?*

186

187 E.I: Sim, quase em todos os grupos há sempre... as crianças agora já são um
188 bocadinho mais despachadas mas pronto, mas há sempre algumas crianças um
189 bocadinho mais reservadas, mais tímidas, com medo de fazer as coisas, por exemplo eu
190 tenho uma miúda que é espetacular a pintar, pinta lindamente, cada vez que eu digo para
191 fazer uma coisa específica que normalmente eu também não especifico muito as coisas,
192 mas se lhe dou uma cosia mais específica ela começa logo a choramingar a dizer que
193 não é capaz... ora se eu continuar a dizer-lhe “ah sim não fazes isto porque não és
194 capaz” “ah não fazes porque não és capaz”, ele vai... a autoestima dela vai começando
195 sempre a diminuir, a diminuir, a diminuir, não é? E ele próprio se autoconvence de que
196 não é mesmo capaz. Por isso, quando ela me diz isto, eu digo assim “és capaz és” “não
197 sou!” e quer dar logo para a minha mão para eu fazer! “Não... eu vou-te dando uma
198 ajuda, mas tu vais fazer sozinha”, por exemplo, ela pinta lindamente e para fazer um
199 boneco não é capaz, diz ela (risos) eu digo assim “então vamos lá, vamos fazer primeiro
200 a cabecinha... estás a ver a tua cabeça o que é que tens?” ela faz logo a bolinha...
201 “então e o que é que tens na tua cara? “os olhos...” E começa a por... “estás a ver
202 como foste capaz? Olha tão bonito que ficou!” pronto, é nesse aspecto. Para a próxima

vez, ela se calhar já não vem dizer que não é capaz, já vai fazer... e eu penso que é a forma que nós temos par contornar estas situações de crianças que vão aparecendo que tenham um bocadinho mais de baixa autoestima, é tentar inseri-las no grupo, através de jogos, das brincadeiras, quando eles às vezes se retraem e não são escolhidos nunca para brincar com outros, porque isso acontece muito... crianças que são mais excluídas dos grupos... é tentar encontrar forma através de jogos e de eu própria intervir na brincadeira... vamos todos brincar e agora a Maria (que estava fora) vai ser a mãe, a Maria vai fazer o almoço, ou o Manuel vai andar com o carrinho aqui na pista, vamos fazer a pista... tentar se calhar incluir-me a mim também para tentar inclui-la a ela não é? E eles depois, os outros, começam a ver que a criança ate brinca e até faz e depois começam a chamá-la mais para brincar com eles, porque as crianças chegam a uma determinada idade começam... começamos a vê-los a separar-se e a formarem grupinhos, por afinidades e depois às vezes há alguns que vão ficando excluídos porque não sobressaem no grupo exatamente... pronto... vamos lá chamar de baixa autoestima (risos) e não se conseguem encaixar num grupo, por isso aí é que nós devemos estar atentos... ver se isso acontece, tentar inclui-lo e fazer jogos... os chamados jogos cooperativos, os chamados jogos de grupo em que ele terá de estar nesse grupo e depois puxar um bocadinho mais por essa criança para os outros verem que eles afinal até são capazes... e acho que é mais por aí.

E: Há Educadores que, por vezes, ao verem que o trabalho das crianças não está a corresponder às suas expectativas, os acabam por intitular de “burros”, “estúpidos”, “parvos”, entre outros.

Noutros casos, em que as crianças ainda não têm os hábitos de higiene bem apreendidos (lavar as mãos, não colocar o dedo no nariz, etc.) ou cuja refeição ainda não é feita de forma aceitável, adoptam nomes como “porco” e “badalhoco”.

Qual a sua opinião em relação a estes casos, enquanto Educador de Infância? Que impacto poderão estas atitudes e comportamentos do adulto ter sobre a criança?

E.I: Negativo, exatamente. Porque se a criança... era aquilo que estávamos a dizer, se a criança não é capaz, se nós não estimularmos para ser capaz e ainda estivermos a pô-lo mais para baixo, é lógico que essa criança nunca vai... vai influenciar o seu comportamento. O nosso papel enquanto educadores e enquanto adultos, já nem digo enquanto educadores de profissão, mas enquanto educadores no geral não é? É ajudar a

criança a ultrapassar e a aprender essas situações não é? Aprender a fazer... lógico que os educadores... há educadores que gostam muito de ver o bonequinho muito bem feitinho, o não sei quantos... mas é o trabalho da criança, as capacidades daquela criança e nós temos de respeitar aquelas capacidades e o trabalho deles. Ah... eu não me esqueci... e isso acontece, quando no início eles são mais pequeninos e os desenhos deles são uns riscos e os pais dizem “ai para quê que eu quero isso? Isso são só riscos!” e há uma coisa que eu digo aos pais que é: “esse risco ele disse-me que era a mãe, disse-me que era o pai, disse-me que era o cão, por isso, para ele na sua cabeça está lá, só que não conseguiu ainda realizar e mostrar que realmente o boneco é o pai e que a casa é da mãe e que há um cão e que não sei quê... porque ainda não conseguiu mostrar isso, mas na sua cabeça está lá, portanto quando a mãe diz que aquilo é uma porcaria e que é um risco que é uma coisa que não presta, é a sua ortografia, é a sua imagem, eu costumo dar esse exemplo e até tenho um texto muito giro que é “com vários riscos se faz uma flor” exatamente sobre isso, pronto, por isso nós nunca podemos estar a dizer a uma criança, a desvalorizar o trabalho dela. Temos é de perceber quando a criança não faz porque não consegue e aí precisa de um estímulo e quando não faz porque se está marimbando e está a despachar. Por exemplo, no outro dia o meu M. estava na brincadeira, riscou, riscou e riscou e depois veio-me mostrar e eu disse “olha desculpa lá achas que isso está em condições?” e ele lá chegou à conclusão que não e quis mete-lo no lixo e pediu-me uma folha nova... e eu dei! Que nós podemos dizer consegues fazer melhor isso sim, como um estímulo para ele fazer melhor e se esforçar para fazer melhor, agora dizer que não presta e que aquilo é uma porcaria, isso não. Chamar de badalhoco, isso a nossa função é ensina-lo a não ser (risos). É nossa função um bocadinho ajudá-lo a saber ter essas normas de higiene. Claro que essa primeira função é a de casa mas a nossa daqui é de apoiar isso mesmo e ajudar nisso.

E: Na sua opinião, os pais dão a devida importância ao trabalho da autoestima nestas idades? Parecem interessar-se pelo tema?

E.I: Depende... é assim há o 8 e o 80, há aqueles que é coitadinho do menino que é assim, muito coitadinho, muito bebezinho não o ajudam a desenvolver-se aí e acabam por ainda rebaixá-lo um bocadinho por estar sempre “coitadinho, coitadinho” e depois há os outros que querem lá saber (risos) ... há as duas coisas, isso é verdade... mas na grande maioria tem alguma preocupação com isso sim, até têm... não dando-lhe o

nome, mas pelas atitudes... sim. Ajudar os filhos a ultrapassar esses problemas... a maioria... pelo menos aqui não há assim... também não há grandes discrepâncias aqui meninos muito de bem e meninos muito de mal, estás a ver? Portanto não há aqui... socioeconómicas... pronto, é mais ou menos equilibrado, claro que isso também influencia, porque se for um meio... ah... se calhar mais baixo não é? Aí se calhar há mais aquela “é um burro!” “é um estúpido!” há mais essa tendência... se for num meio socioeconómico muito alto, também há o “o meu é o maior, dos outros não quero saber” (risos) pronto... ah... mas aqui como está mais ou menos ali no meio-termo, as coisas mais ou menos, pode haver um caso ou outro, mas por norma não... às vezes quando notam que a criança tem alguma dificuldade, até perguntam e até pedem ajuda... às vezes é... pedem-nos ajuda e isso já é bom, terem essa consciência de que alguma coisa não está bem não é? E que a criança precisa de ser estimulada, que é isso que nós às vezes nas reuniões vamos dizendo... em relação aos estímulos que as crianças precisam... nestas idades precisam de ser estimuladas... nestas idades já devem saber fazer isto, isto e isto... mas no entanto, há crianças que têm ritmos diferentes, ritmos de aprendizagem diferente e não é por isso que são burros... ah... demora é mais tempo a chegar lá... mas hão de lá chegar.... Portanto é nesse sentido que... que os pais vão percebendo também as coisas... acho que também está no nosso papel, um bocadinho ajudar nesse aspecto e alertá-los também para estas situações.

E: No geral, os pais do seu grupo de crianças, demonstram ter atitudes meigas e carinhosas para com o seu filho?

E.I: Sim, sim, sim...

E: Desconfia que na sua sala haja algum caso, cujo ambiente familiar é propício ao desenvolvimento de uma autoimagem e autoestima baixas ou empobrecidas? Se sim, exponha sucintamente o caso.

E.I: Há, há... um caso de disfunção parental, pronto, vamos lá, em que, nem sei bem como posso explicar... pronto, há uma grande, pais que não são casados, nunca foram, com muitas brigas e muitos namorados pelo meio e muitas brigas a que a criança assiste e muitas situações que levam a que depois a criança também tenha um comportamento mais agressivo, porque é aquilo que ele vê e... isso relacionado com a

autoestima acaba por se refletir no comportamento dele, porque se ele tem este comportamento as pessoas são capazes de o estar sempre a puxar um bocadinho para baixo não é? Porque lá está, ele tem um mau comportamento e por isso influencia sem duvida nenhuma os comportamentos familiares influenciam muito o comportamento da criança... e se não há uma família harmoniosa, podem ser separados ou não, isso não tem nada a ver para o caso, podem ser separados e serem equilibrados... mas aqui não... Há um grande desequilíbrio realmente entre os pais e portanto isso reflete-se muito no comportamento da criança, muito mesmo... por isso é que às vezes nos dizemos “ah porta-se tão mal” mas depois se nós analisarmos todo o contexto... ele tem um porquê ... e é o caso.

E: *Tem na sua sala, alguma criança, cuja autoestima seja visivelmente baixa? Se sim, explique qual a razão que encontra para explicar essa situação.*

E.I: Assim com baixa autoestima não... crianças um bocadinho mais tímidas que precisam de um estímulo suplementar vamos lá... agora dizer assim “aquela criança é muito isolada, muito coisa... não!”

E: *Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

(já respondeu em questões anteriores)

E: *Haverá atitudes que beneficiem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

(já respondeu em questões anteriores)

E: *Segundo a sua opinião, como considera que seja o trabalho realizado nos Jardins-de-Infância acerca da autoestima das crianças?*

E.I: Eu acho que trabalham... e a forma de trabalhar lá está, é aquilo que eu tenho estado a dizer, tem de ser um bocadinho por aí... é tentar incluir o mais possível a criança em todo o trabalho da sala e em todo o trabalho que é feito com todas as crianças exatamente e... elogiar e... estimular para que a criança sinta que faz parte do grupo e que realmente consegue fazer tudo e consegue estar bem no grupo e isso eu

339 acho que é mais ou menos trabalhado... é trabalhado pelos Educadores... pronto é certo
340 que eu já trabalho há muitos anos e onde eu trabalhei, foram só dois sítios, de resto,
341 nunca trabalhei em mais sítio nenhum... mas pronto, das reuniões, das ações de
342 formação, das... onde vou e onde trocamos ideias ah... percebemos que sim, que
343 realmente isso é trabalhado, eu acho que isso acaba por ser uma preocupação de todos
344 nós, pronto, que a criança saia dali com capacidades para continuar a evoluir e para isso
345 ela tem de estar desperta e no seu todo na sala, não é? E por isso tem de ter sempre o
346 estímulo e incentivo para poder trabalhar e... fazer e... aprender e para isso, lá está, tem
347 de ter autoestima não é? Olhar para ela própria e ver que é capaz de fazer e que eu sou
348 como os outros, por isso... penso que isso é uma preocupação dos educadores, que é
349 trabalhado, com certeza absoluta.

350
351 *E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências*
352 *ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.*

353
354 E.I: Hm não... acho que mais ou menos é aquilo que temos estado a falar... acho
355 que se baseia muito nisto, pelo menos tendo em conta a minha experiência que é aquilo
356 que conta aqui não é? Nunca vi casos assim... tão graves que nós não possamos
357 contornar e controlar e ajudar a resolver... mas, por exemplo, uma criança que é assim,
358 há sempre a possibilidade de voltar à estaca zero, principalmente quando vai para um
359 sítio que desconhece, como a ida para o primeiro ciclo, por exemplo... com grupos de
360 crianças que desconhece... se ela já tem essa dificuldade, primeiro que consiga entrar
361 no grupo, primeiro que consiga verbalizar no meio de um grupo grande, expor as suas
362 ideias... ah... demora o seu tempo... aí é que pronto, os professores depois no básico
363 têm que ter essa atenção para essas crianças, normalmente até os puxam mais para a
364 frente porque eles têm sempre a tendência de ir para trás... pronto, mas... e depois se
365 houver realmente, nós aqui até sabemos à partida a escola para onde eles vão e há
366 sempre uma conversa com os professores, mas há sítios em que não, uns vão para uma
367 escola, outros vão para outra... em que não há esse intercâmbio vá lá, esse contacto entre
368 os profissionais, o educador e o professor do ensino básico, por acaso é uma coisa que
369 eu acho que é importante e devia haver... seja de forma verbal ou escrita, devia haver
370 esse contacto a alertá-lo para essas coisas... várias coisas... mas uma dessas que seria
371 realmente muito importante, porque depois também influencia o desenvolvimento da
372 criança não é? Porque às vezes demora a perceber que há esse problema e depois às

373 vezes já é um bocadinho tarde... e por isso se houvesse um relatório que acompanhasse
374 a criança...e pronto, é isso. (risos)

ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À MÃE I

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Feminino
- Idade: entre os 36 e os 40
- Habilitações Académicas: 12º ano
- Profissão atual e respetivos anos de serviço: Assistente Comercial desde Junho de 2015
- Profissões anteriores e respetivos anos de serviço: Empresa durante 10 anos
- Número de Filhos: 3
- Idades dos Filhos: 4; 2 e uma menina que está para nascer em Dezembro

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

M: Sim porque acho que a partir dos 3anos é uma fase, eu estou a notar pela minha filha, muito frágil. Porque levam tudo a peito, ah... porque se nós lhe dizemos um “não” eles acham logo que já não gostamos deles. Eu estou a notar isso agora, porque antes eu dizia “não” e ela ficava triste mas dali a um bocadinho já passava e agora ela chora... “não gostas de mim mamã” e eu comecei a notar essa parte, que acho bom porque, ah... para que aquilo não fique no interior deles guardado e um dia mais tarde vá-lhes fazer alguma confusão... acho que sim, que... ah.... Para eles é muito bom trabalhar essa parte.

E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

M: Eu acho que sim, porque há coisas que ficam no nosso subconsciente (risos) e depois pode acordar, como eu costumo dizer (risos), e às vezes não me lembro o que é que eu fiz com... com 5 anos, mas depois há outras alturas em que eu tenho flashes de certas coisas que me marcaram... e se marca pela positiva, também deve marcar pela parte negativa, por isso... acho que sim.

35 *E: Na sua opinião, as atitudes que os pais (ou os adultos que rodeiam a criança)*
36 *têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos*
37 *casos que experienciou)*

38
39 M: Sim... nós temos de ter, os adultos, principalmente os pais, lá está nós quando
40 viramos pais também não vimos com manual de instruções (risos) e vamos aprendendo
41 ao longo dos anos, ah... mas nós, muitas coisas que nós dizemos e pensamos que não
42 estamos... não estamos a dizer por mal ou... ah... mas que não devíamos dizer porque
43 para eles é muito chocante. Ah... discussões entre o casal, por mais que nós tentemos
44 não discutir ou discutir baixinho, há certas palavras que nós dizemos se calhar um ao
45 outro, mesmo que não dizemos em tom alto... tom normal mas que eles se apercebem
46 e... por exemplo eu já tenho discutido com o meu marido e dizer “epá... estou farta de
47 ti” e a minha filha mais tarde numa conversa dizer “já não queres o pai?” tudo isso lhes
48 vai ficar e eu acho que nós temos de ter muito cuidado e... e agora também uma
49 pessoa... também lá está, eu também erro e vou aprendendo também com os erros... e
50 percebo que a minha filha me está a explicar, me está a dar a tender que eu erro, não sou
51 uma mãe perfeita, mas... (risos)

52
53 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
54 *para a questão nº. 4 Que reações observou por parte da criança perante a situação*
55 *que apresentou na questão anterior?*

56
57 *E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de*
58 *idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos.*
59 *(Dê prioridade aos casos que experienciou)*

60
61 M: Sim, isso tem não é? Tem bastante... ah... casos... (risos) o facto de “mamã és
62 má!”, “má és tu!” (risos) e depois... “eu sou má mamã? mas sou má? Sou má filha?” e
63 eu percebo que fica não é? Eu fico... ok... não se deve dizer assim e às vezes noutras
64 conversas, se “ah vá senão ficas de castigo”, “pois eu sou má, sou má...” pronto...
65 (risos)

67 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
68 *para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação*
69 *que apresentou na questão anterior?*

70
71 *E: Alguma vez sentiu que a sua atitude com o seu filho o inibiu de realizar ou*
72 *dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

73
74 M: Se calhar sem querer... não sei... ela... às vezes... a minha mais velha sempre
75 foi um bocadinho reservada, ela nunca diz o que é que se passa na escola; a outra por
76 meias palavras...

77 E: Ah pois, acho que é geral... (risos)

78 M: Pois é, mas ela nunca... temos de puxar, temos de... e mesmo assim nunca me
79 diz, vou sabendo é pela Educadora (risos)... mas às vezes ela tem... ela para expressar-
80 se muito é muito complicado, ela quando às vezes está ali qualquer coisinha na cabeça
81 que lhe está a fazer confusão, nós tentamos... “diz... fala... podes dizer à mamã!” e ela
82 começa a chorar... nós percebemos que ela tem qualquer coisa ali a atormentá-la, mas
83 ela não... não diz... e... e eu não sei se serei eu... nós... a forma como tentamos falar
84 com ela “vá filha diz!” se isso lhe faz aflição, faz com que ela se sinta mais retraída...
85 hm... se é mesmo dela, mas eu penso que também nós às vezes ficamos, começamos a
86 ficar nervosos, porque há ali qualquer coisa que a está a... está ali a angustia-la, e
87 depois a maneira como falamos, se calhar angustiamo-la mais... acho que sim! (risos)

88
89 *E: Imagine a seguinte situação:*

90 *O seu filho(a) está a ajudá-lo a pôr a mesa para o jantar. A mesa está a ficar*
91 *linda e direitinha, mas quando a criança vai colocar o último copo na mesa, este cai-*
92 *lhe das mãos e parte-se, deixando vários cacos de vidro espalhados pelo chão.*

93 *Indiquei qual/quais a(s) atitude(s) do adulto que considera mais correta(s) para*
94 *esta situação. Explique o porquê da(s) sua(s) escolha(s):*

95
96 **1-** *Gritar com a criança para lhe mostrar a sua autoridade e colocá-la de castigo*
97 *por não ter tido o devido cuidado: Não*

98
99 **2-** *Perguntar-lhe porquê que não teve cuidado: ah... não é a melhor mas essa*
100 *acontece sim.*

101 *E: mas considera correta?*

102 *M: não, não acho que esteja correta mas acho que acontece muito, mas acho que*

103 *não esta correto.*

104

105 **3-** *Acalmá-lo, dizendo que não faz mal: Sim, essa é correta!*

106

107 **4-** *Dizer-lhe que assim não gosta dele: Não... (risos)*

108

109

110 **5-** *Confessar-lhe que também já partiu alguma coisa: Ah sim! (risos)*

111

112 **6-** *Começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia*

113 *de novo ao chão: uma boa alternativa, porque se voltarem a partir, não*

114 *começarem a... ficar com medo.*

115

116

117 **7-** *Não o deixar colaborar mais nas tarefas da casa: Não... isso não*

118

119 **8-** *Obrigá-lo a apanhar os cacos do chão: Não!!! (risos)*

120

121 **9-** *Passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta: também, olha... apesar*

122 *que... também não é muito bom andar a partir os pratos não é? E a loiça... não,*

123 *não, não! (risos) mais vale o de plástico, o de plástico é mais interessante! (risos)*

124

125

126 **10-** *Dizer-lhe que já estava à espera que aquilo acontecesse: Não...*

127

128 **11-** *Chamar-lhe desajeitado, para ver se para a próxima tem mais cuidado: Não*

129 *(risos)*

130

131

132 **12-** *Alertá-la constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lha dar:*

133 *Constantemente, não é preciso estar sempre a dizer, mas sempre que ela... olha*

134 *vai tendo cuidado, pronto... mas constantemente acho que não, porque eles*

135 *ainda ficam mais “ai não posso, não posso” e tem tendência a ser assim...*

136

137 *E: Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

138

139 M: Há... atitudes como... ah... acho que quando eles se portam mal, que é normal
140 não é? Se portarem... não é portarem mal pronto! Tentar falar com eles e explicar-
141 lhes... certos castigos é bom para eles perceberem que... erraram mas o gritar acho que
142 assusta-os mais e acho que essa parte é que é uma coisa a evitar... eu prefiro mais os
143 castigos... “ok, então vais-te sentar aí e vais pensar um bocadinho na vida” e... e ela
144 chora... deixa chorar (risos) ela depois vai parar e vai dizer “mãe, já me calei já posso?”
145 “vais ficar só mais um bocadinho” “está bem” e depois fica ali... e depois “posso?” “já
146 podes”, ah... mas se gritar acho que mais birra eles fazem, vão ficar ainda mais... acho
147 que é uma coisa a evitar... eu acho que o gritar para eles é muito, muito mau... se nós
148 falamos um bocadinho mais alto, eles já ficam... gritar então... porque eles ficam...
149 para já, a minha mãe velha, se alguém fala mais alto com ela, ela fica logo nervosa
150 (risos) e acho que o gritar não é bom...

151

152 *E: Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?*

153

154 M: Para já elas perceberem que, ter alguém que lhes explique... “puseste isto não é
155 assim”... expliquem... ah... Tenham ali um apoio, elas sintam que têm ali... não têm
156 uma mãe ou um pai sempre a ralhar mas uma mãe ou um pai para lhes explicar o que é
157 certo e o que é errado... tentar da melhor forma, e acho que isso é que é muito
158 importante, é nos tentarmos explicar-lhes, erraste... e o porquê, para não voltares a
159 fazer...

160

161 *E: Tendo em conta o desenvolvimento emocional e as atitudes do seu filho, qual é*
162 *a sua opinião em relação ao trabalho realizado no Jardim-de-Infância acerca da*
163 *autoestima das crianças? Que atitudes do seu filho o levam a crer que esse trabalho*
164 *esteja a ser (ou não) desenvolvido? Vê bons resultados?*

165

166 M: (risos)... pronto, ah... (risos) em relação à A. (a mais crescidinha), o ano
167 passado era excelente! Porque eu via... para já ela vinha todos os dias, ela havia
168 semanas que ela não podia ficar em casa, ela tinha de vir para a escola... fazia-me
169 confusão (risos). Ah... “não, não quero estar em casa, não quero!” “Ó filha é fim-de-

170 semana!” (risos) “não, não!” ah... e este ano foi muito mais complicado... tem sido
171 muito complicado... e...nestes últimos meses ainda pior... ah... não quer vir à escola,
172 ah... eu já tentei saber o porquê mas como ela também é muito fechada na sua concha
173 também é complicado... ah... e... lá está... noto que este ano se calhar o trabalho não
174 está... não sei para os restantes colegas até foram bons, para a A. não foi dos
175 melhores... não é não foi dos melhores, é não foi muito proveitoso para ela... não foi...
176 porque ela em vez de continuar a gostar de vir à escola, ela voltou para trás... ah... e
177 assim a mim foi o que me fez mais confusão, ah... a AR., a do meio agora (risos),
178 quando saiu do berçário eu tinha muito medo porque ela era muito agarrada... aquilo ate
179 me fazia confusão “a G., a G., a G.... meu Deus!”(risos) ah... ainda quando a vê!
180 Mas... hmm... pronto, por caso apanhou a Educadora do ano passado da A. e eu já sei o
181 trabalhar dela e conquistou-a e... ela adora-a e... vem para a escola sempre que a vê
182 aqui começa logo “ah I., I! A.!” (risos) a A. tinha isso o ano passado e este ano
183 perdeu... e... pronto, eu acho que... lá está... não é criticar pelo lado negativo, mas é...
184 por exemplo ela já comia sozinha, começou a pedir sempre ajuda para comer... ah...
185 ficou mais... como hei de dizer? Em vez de andar para a frente parece que andou um
186 bocadinho para trás... para que... lá está, a irmã já se desenrasca mais a comer e ela
187 ainda temos de estar a dar-lhe a comida... e ela já comia sozinha e tudo e essas coisas a
188 mim fez-me um bocado de confusão... e pronto, o que eu penso é que se calhar a forma
189 de trabalhar que eles tiveram com ela na pré, a ela não lhe deu bom resultado... não
190 sei...

191

192 *E: O elogio é um factor de extrema importância no desenvolvimento da*
193 *autoestima do seu filho. Elogia o seu filho sempre que ele merece? Quantas vezes o*
194 *faz (em média) por semana?*

195

196 *M:* Bastante! É assim se eu também a chamo a atenção do que ela faz mal, também
197 sou muito de dizer “muito bem filha, fizeste bem”. Às vezes há situações que fazemos...
198 eu vejo às vezes nos nossos trabalhos não é? (risos) faz qualquer... e fizeste bem não
199 dizem nada, mas se fazes mal, estão logo lá em cima! (risos) mas eu não... eu sou muito
200 ao contrário... até com colegas de trabalho eu sou muito assim, se tenho de dizer, olha,
201 chamar a atenção porque fizeste mal, também tenho de dizer epá olha fizeste muito
202 bem, boa, continua assim! E com as minhas filhas também sou assim, se ela... muitas
203 vezes quando ela... ah... agora começou a querer vestir o pijama sozinha... ah....

204 querer pronto, essas coisas, então sempre que ela faz, eu já sei que ela sabe fazer, mas
205 sempre que ela faz digo “boa filha é isso mesmo! cada vez estás melhor!” (risos) então
206 eu digo muitas vezes isso... (risos) porque ela até é... lá está, a mais pequenina é aquela
207 que se porta pior (risos) ela não tanto, por isso... ela... tento sempre mais encorajá-la,
208 até porque como ela está numa fase assim... (risos) mais frágil, a idade dos 3... os 3
209 anos é complicado (risos) e então eu elogio bastante, agora o número de vezes não sei,
210 mas deve ser para aí 10 vezes, não sei se exagero se calhar, mas... às vezes penso assim
211 “se calhar alguém se me vê a fazer isso tantas vezes, diz “eiii isso é mimo de mais...”
212 mas eu não acho... eu para mim não acho que é mimar, é puxar por eles, é olha boa
213 consegui, vou conseguir fazer também outra coisa... melhor! Ela às vezes diz que não
214 consegue fazer alguma coisa e eu digo “não consegues? Consegues sim! Respira fundo
215 e diz: eu consigo! E consegues! E então ela agora anda sempre com o “sim, eu
216 consigo!” (risos)

217
218 *E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências*
219 *ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.*

220
221 *M:* A única que eu acho que deviam... porque é assim na creche, vê-se muito a
222 trabalhar essa parte da autoestima das crianças... ah... Pelos menos... Quer dizer, eu
223 pelo menos apanhei na creche a mesma Educadora, mas eu penso que seja igual para
224 todos. No pré... também foi a primeira vez que eu tive a experiência do pré... não dessa
225 parte, ensinam muitas coisas mas a parte da autoestima não... não... eu acho que é um
226 bocadinho deixado de lado e devia ser mais, para já porque é uma preparação para a
227 primária, que para eles é a escola dos grandes (risos) e... mas assim na primária é
228 diferente não é? Eles não... é um bocadinho... não são largados, mas é um bocadinho
229 tipo vá... és mais obrigado a desenrascar-te e... e se eles não tiverem com a autoestima
230 bem preparada aquilo vai dar um choque (risos) eu lembro-me que eu ficava com a
231 minha avó.... (risos) os meus pais iam trabalhar e eu ficava com a minha avó, a minha
232 avó era a minha ama não é? (risos) quando eu fui para a primária, eu durante um ano
233 sempre que a minha mãe me deixava na escola eu “chorava baba e ranho”, parecia que
234 me matavam! E eu tenho lembranças disso! (risos) e pronto, naquela altura era assim,
235 não se trabalhava... ou ia para os infantários, ou quem tivesse os avós em casa melhor
236 ainda... mas acho que isso tem de ser trabalhado, principalmente na parte da pré,
237 quando eles entram para a pré, para começar a prepará-los para a fase da escola

238 mesmo... para aquela responsabilidade, porque é uma responsabilidade mesmo não é?
239 Eles têm de estar sentados aquele tempo todo... eles têm de ter aquelas regras... eu
240 acho que eles têm de ter a autoestima bem preparada... lá está, os pais também têm que
241 ajudar em casa e isso também é um trabalho da família, eu acho que tem de ser um
242 trabalho em conjunto! E pronto, é só isso que eu tenho a dizer (risos)

ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À MÃE II

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Feminino
- Idade: entre os 36 e os 40
- Habilitações Académicas: 10º ano
- Profissão atual e respetivos anos de serviço: Desempregada há 1 ano
- Profissões anteriores e respetivos anos de serviço: Empregada de escritório durante 15 anos.
- Número de filhos: 2
- Idades dos filhos: 18 e 3

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

M: Acho que sim, é muito bom. Eu acho que a autoestima deles, se for ajudada, acho que para o futuro ficam mais confiantes. Apesar do trabalho da mãe e do pai... o pai e a mãe têm de estar sempre presentes, mas fora isso acho que na escola tem de se trabalhar sempre esses pontos... é focal, para mim é focal.

E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

M: Vai, vai muito. Porque é assim, se for uma criança que é sistematicamente repreendida e fazemos com que a autoestima dela seja baixa é lógico que quando ele for adulto ele não vai ter essa força... vai sentir-se reprimido, logo vai ter sempre na cabeça aquilo que foi a infância dele, logo aí, se não for trabalhada logo desde o início, a vida dele vai ser um caos, completamente. Digo isto porque eu também senti isso na pele e quando fui também para a psicóloga uns dias mais tarde, vi que isso já vinha de trás, portanto logo, eu sei ver por mim, mais depressa vejo pelos... e os miúdos de agora são completamente diferentes, mais ajudados têm que ser. Tudo bem que são inteligentes, vêm com escola, vem com... por ter esse grau já têm que ainda ser mais ajudados, para serem mais controlados, para serem... para serem mais atinadinhos (risos) senão eles...

35 “eu quero, posso e mando”, e “vai ser tudo à minha maneira”... não. Então vamos pôr
36 os valores e a autoestima deles sempre ali no mesmo patamar, isto falo por mim, eu
37 estou a dar a minha opinião. (risos) Por mim é mesmo logo desde pequenino... até em
38 bebé, nós falando com eles calmamente e... com peso e medida eles vão-se sempre
39 sentir seguros... não ser brutos, ser queridos para eles... dar-lhes tudo o que eles
40 merecem e eles merecem isso... eles não pediram para nascer (risos).

41
42 *E: Na sua opinião, as atitudes que os pais (ou os adultos que rodeiam a criança)*
43 *têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos*
44 *casos que experienciou)*

45
46 M: Sim, sim, como é óbvio. Os avós são para estragar... ponto número um (risos).
47 É assim os pais educam, os avós deseducam... há um ou outro que segue a linhagem
48 que os pais dizem, mas de 1 a 100, 99,9% estragam... pronto, é verdade. Agora, as
49 Educadoras, lá está, têm o papel da mãe e do pai, eu vejo isso quando o F. andou na
50 escolinha. Eu era uma das mães que chegava ao pé dela e dizia assim “T. como é que
51 ele está na escola?” “olha está assim e assim” e depois perguntava “e o que é que vocês
52 fazem aqui para o repreender?” Que é para eu fazer em casa que é para ele perceber...
53 para haver a ligação, para não ser uma coisa em casa e outra na escola... depois ele
54 ficava “então mas em casa fazem-me isto e na escola... então mas? Espera lá” eles têm
55 este jogo! Têm este jogo psicológico, eu reparei nisso nele e comecei logo a perguntar e
56 em casa fazia exatamente o mesmo que a educadora, comecei a jogar em equipa com ela
57 e deu resultados! O F. ficou mais calmo... não me dedico tanto como ela, é verdade,
58 não consigo... mas dentro das minhas possibilidades e do tempo que eu tenho eu tento
59 fazer tudo igual para ele não se esquecer. As contas... tudo... ele não se esquece de
60 nada do que lhe ensinam! E ele tem sorte porque nós ficamos mesmo amigas, não é
61 educadora e mãe.

62
63 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
64 *para a questão nº. 4 Que reações observou por parte da criança perante a situação*
65 *que apresentou na questão anterior?*

66 *E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de*
67 *idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos.*
68 *(Dê prioridade aos casos que experienciou)*

69

70 M: Claro... mas isso é lógico (risos) saber falar com uma criança ajuda na
71 autoestima, como é lógico! Se formos dizer “ó minha estúpida, ó minha burra!” A
72 criança vai sentir-se inferiorizada para toda a vida... e por acaso estive a ler um artigo
73 há dias na *net*... “as cinco situações que podem afetar uma criança desde que entendam
74 até...” a primeira é logo a maneira de falar, lá está e outras mais que agora não me
75 recordo... ah... repreensivo, rebaixar... é um bolo, por isso tem de ficar tudo bem
76 distribuído, é claro que não os vamos deixar fazer tudo como é obvio não é? Senão
77 qualquer dia quem manda... e este bem estica a corda! Quando é preciso ponho-o de
78 castigo, agora “atrasado mental” como oiço muitos pais... ai não, pôr rótulos para mim
79 não dá. Isso vai... as crianças não têm de ser rotuladas, elas detestam rótulos... nem um
80 adulto tem de ser rotulado quanto mais uma criança! Claro que isso vai influenciar...
81 chamar nomes... olha vão começar logo a ser agressivos para os colegas... noto... eles
82 próprios vão começar a chamar nomes aos colegas... depois é um círculo... pronto,
83 falta de respeito, lá está, um valor quebrado, má educação, outro valor quebrado, quem
84 é que vai ficar mal visto? Os pais.

85

86 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
87 *para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação*
88 *que apresentou na questão anterior?*

89

90 *E: Alguma vez sentiu que a sua atitude com o seu filho o inibiu de realizar ou*
91 *dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

92

93 M: Não... porque o F. não tem medo. O F. é uma criança que, e falo apenas dele
94 não sei se as outras crianças são iguais ou não, neste preciso momento o F. é uma
95 criança que não teme nada, já é dele mesmo... eu que lhe diga que leva uma palmada no
96 rabo ou que o ponho de castigo... ele está-se a borrifar. Às vezes até para experiência
97 sou um bocadinho mais agressiva para ver se ele teme um bocadinho... não tem medo!
98 Connosco pais não tem e com as pessoas de fora também não! Mesmo que levante a
99 voz, ou faça o olho torto ou... nada! Ele é muito independente! Se eu disser F. M.! Ele
100 olha para mim muito calmo e diz “mas não precisas de gritar... Já vou... tem calma!”
101 parece um adulto... ele é que me desarma a mim...

102

103 *E: Imagine a seguinte situação:*

104 *O seu filho(a) está a ajudá-lo a pôr a mesa para o jantar. A mesa está a ficar*
105 *linda e direitinha, mas quando a criança vai colocar o último copo na mesa, este cai-*
106 *lhe das mãos e parte-se, deixando vários cacos de vidro espalhados pelo chão.*

107 *Indiquei qual/quais a(s) atitude(s) do adulto que considera mais correta(s) para*
108 *esta situação. Explique o porquê da(s) sua(s) escolha(s):*

109
110 *1- Gritar com a criança para lhe mostrar a sua autoridade e colocá-la de castigo*
111 *por não ter tido o devido cuidado:* Não. Porque eu não tenho de o culpar de uma
112 situação que pode acontecer até mesmo com um adulto. Eu nunca o repreendi a
113 nível de acidente, só repreendo quando ele vai mesmo com a intenção de fazer
114 mal. Agora isso é um acidente, então se a criança me pôs a mesa direitinha vou
115 repreender só porque deixou cair um copo no chão...? Eu vou ver é se ele se
116 cortou!

117
118 *2- Perguntar-lhe porquê que não teve cuidado:* não... depende. Para já ele é
119 pequenino, estou sempre ali ao lado dele... eu sou muito sincera nem uma coisa
120 nem outra, a minha preocupação logo era saber se ele estava bem... ele
121 assustado a minha reação seria dizer-lhe “olha tem calma...” a minha reacção
122 seria essa...

123
124 *3- Acalmá-lo, dizendo que não faz mal:* Exatamente! E explicar que para a próxima
125 tem de ter cuidado, mas pronto...

126
127
128 *4- Dizer-lhe que assim não gosta dele:* Não... (risos)

129
130
131 *5- Confessar-lhe que também já partiu alguma coisa:* Sim... Depois da conversa
132 talvez dissesse...

133
134 *6- Começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia*
135 *de novo ao chão:* Isso já lhe faço desde que ele nasceu (risos) as coisas dele são
136 todas de plástico... os talheres... tudo (risos)

137
138

139 **7- Não o deixar colaborar mais nas tarefas da casa: Não! Pelo contrário!**

140

141 **8- Obrigá-lo a apanhar os cacos do chão: Não!**

142

143 **9- Passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta: Possivelmente, mas...**

144 concordo mais com aquela de falar com ele. Ele é uma criança que gosta que

145 falem com ele e lhe expliquem as coisas

146

147

148 **10- Dizer-lhe que já estava à espera que aquilo acontecesse: Não...**

149

150 **11- Chamar-lhe desajeitado, para ver se para a próxima tem mais cuidado: Não**

151 (risos)

152

153

154 **12- Alertá-la constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lha dar:**

155 Não, não!

156

157 **E: Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?**

158

159 (já respondeu em questões anteriores)

160

161 **E: Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?**

162

163 **M:** A única coisa que eu tenho feito muito com ele é tudo o que ele faça bem dou-

164 lhe sempre os parabéns! “vês? Boa!” “estás a ver?” “afinal consegues! Estavas sempre a

165 dizer que não!” pronto... como ele gosta do Faísca estou-lhe sempre a dizer “então vá

166 vamos tentar fazer os dois? És melhor do que o Faísca?” “sou mãe, sou!” (risos). É

167 assim, sou criança como ele (risos).

168

169 **E: Tendo em conta o desenvolvimento emocional e as atitudes do seu filho, qual é**

170 **a sua opinião em relação ao trabalho realizado no Jardim-de-Infância acerca da**

171 *autoestima das crianças? Que atitudes do seu filho o levam a crer que esse trabalho*
172 *esteja a ser (ou não) desenvolvido? Vê bons resultados?*

173
174 *M:* Pelo menos na parte de haver ou não trabalho vê-se na forma de falar com os
175 pais, porque é assim se eles não estão connosco e estão na escola aquelas 8h em que
176 estamos no trabalho, aquela é a segunda casa deles. Logo se elas nos pedem... quando
177 nós os pomos no Jardim-de-Infância e nos pedem indicações... como é que ele interage
178 com vocês? etc... se eu vejo que eles... se ele se porta bem connosco, não há ali um
179 diferencial é porque estão a fazer um bom trabalho. Logo aí a maneira dele falar
180 connosco, por exemplo, não via o F. a dizer assim “Ah, a T. diz que é assim!”, não...
181 não há essas atitudes percebes? Eu é que ia procurar saber aquilo que ela fazia com ele,
182 percebes? Por exemplo, ele fazia sempre fitas em casa para comer os sólidos e eu sabia
183 que ele na escola comia os sólidos, fui falar com a T. “ai T. não sei o que fazer mais, eu
184 não sei o que é que posso fazer mais! Mas ele come mesmo os sólidos?” e ela dizia
185 “come tudo!” e depois disse “olha vens cá, eles almoçam por volta do meio dia e meia,
186 vens cá ver e vêes com os teus próprios olhos” mas eu não podia lá ir, então ela gravou
187 com o telemóvel dela e mandou para mim para eu ver ele a comer os sólidos (risos)
188 “então porquê que ele em casa faz birra?” ela dizia “epá é confiança... ele sabe que
189 vocês amolecem porque se ele chorar tu vais logo lá e pronto fica tudo bem” (risos)
190 acabamos por ficar mais melosos... não queres comer assim, eu passo e não sei quê...
191 não é pelo trabalho, porque a mim até me dá mais trabalho estar ali a ferver e não sei
192 quê... é porque ele tem de crescer! E depois pensei “mas porquê que me hei-de estar a
193 chatear? Se ele come os sólidos na escola, ele há-de comer os sólidos em casa!” e foi!
194 Ele come os sólidos! (risos). Havia esta interação entre nós, estás a ver? E ajuda imenso.

195
196 *E: O elogio é um factor de extrema importância no desenvolvimento da*
197 *autoestima do seu filho. Elogia o seu filho sempre que ele merece? Quantas vezes o*
198 *faz (em média) por semana?*

199
200 *M:* Claro! Por média sou muito sincera não elogio muito porque ele só faz
201 asneiras... (risos) agora tudo o que ele faça bem sou capaz... talvez umas duas, três
202 vezes por dia... às vezes nem chega, por ele fazer disparates.

204 *E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências*
205 *ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.*

206

207 *M: Acrescentar o quê? Eu admiro o vosso trabalho... não é qualquer um que nasce*
208 *para ser educador de infância, tem de se gostar mesmo... tirar o curso só pelo dinheiro*
209 *não vale a pena... não é o teu caso porque eu sei que tens o perfil indicado para seres*
210 *educadora de infância (risos), mas pronto... não tenho nada a acrescentar! Só que te*
211 *desejo tudo de bom e que consigas um trabalho bem depressa! (risos)*

ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PAI I

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Masculino
- Idade: entre os 31 e os 35
- Habilitações Académicas: 8º ano
- Profissão atual e respetivos anos de serviço: Serralheiro Civil há 16 anos.
- Profissões anteriores e respetivos anos de serviço: Não teve
- Número de filhos: 2
- Idades dos filhos: 7 e 4

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

P: Ui... (risos) Sim, acho que é relevante, noto nos meus filhos que eles precisam porque pronto, nós não estamos o tempo suficiente com eles, pronto, para estar com eles não é? E acho que isso é... é... importante, para que eles sejam puxados, neste caso pelos infantários e...

E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê

P: Sim, acho que sim. Eu acho... ajuda não é?

E: Na sua opinião, as atitudes que os pais (ou os adultos que rodeiam a criança) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)

P: eu acho que influencia um pouco não é? Se nós estivermos... eu acho que sim, não sei bem explicar porquê... mas influencia porque vão sendo puxados pela pessoa, não sei...

34 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
35 *para a questão nº. 4 Que reações observou por parte da criança perante a situação*
36 *que apresentou na questão anterior?*

37 *E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de*
38 *idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos.*
39 *(Dê prioridade aos casos que experienciou)*

40
41 *P: Eu acho que sim também, eu acho que nós começando a educá-los de uma certa*
42 *maneira, pronto... acho que influencia um bocado... também vai deles não é? (risos)*
43 *porque depois chega a uma altura que aquilo depois muda, mas... mas acho que sim.*

44 *E: Então mas acha que por exemplo o falar de forma mais agressiva ou tentar*
45 *mostrar-lhes que eles conseguem fazer as coisas... tem influência?*

46 *P: Dizem... é assim... eu aí tenho um bocado... porque é assim eu tenho uma certa*
47 *maneira de ver as coisas diferente... de muita gente (risos), porque em termos da*
48 *palpada e tudo, as pessoas “ah não dê, coitadinho do menino, ou por causa disto ou por*
49 *causa daquilo”, mas eu não, eu nesse aspeto... têm de as apanhar nas alturas certas!*
50 *(risos). Ah... mas... a forma como falo se vai ter influencia... sim... não sei se calhar*
51 *falar com eles da melhor maneira, pronto, que devia... claro que não lhes estou sempre*
52 *a bater (risos), mas... mas acho que influencia.*

53
54 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
55 *para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação*
56 *que apresentou na questão anterior?*

57
58 *E: Alguma vez sentiu que a sua atitude com o seu filho o inibiu de realizar ou*
59 *dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

60
61 *P: Não... acho que não... que me lembre.*

62
63 *E: Imagine a seguinte situação:*

64 *O seu filho(a) está a ajudá-lo a pôr a mesa para o jantar. A mesa está a ficar*
65 *linda e direitinha, mas quando a criança vai colocar o último copo na mesa, este cai-*
66 *lhe das mãos e parte-se, deixando vários cacos de vidro espalhados pelo chão.*

Indiquei qual/quais a(s) atitude(s) do adulto que considera mais correta(s) para esta situação. Explique o porquê da(s) sua(s) escolha(s):

1- *Gritar com a criança para lhe mostrar a sua autoridade e colocá-la de castigo por não ter tido o devido cuidado:* Não essa não

2- *Perguntar-lhe porquê que não teve cuidado:* Ah... não propriamente perguntar-lhe... dizer-lhe mais... mas... mostrar-lhe que acontece não é? Se for uma coisa que ele esteja a fazer assim... até a nós acontece... isso aí... sim, essa também não é muito indicada, penso eu

3- *Acalmá-lo, dizendo que não faz mal:* Pronto, não faz mal, acontece! Lá está... depois também depende... se ele está a fazer as coisas, está a querer ajudar, acho que não temos de falar assim com eles, mas... depende da situação... há dias em que nós avisamos uma vez, avisa duas... e depois tantas já está! Mas isso claro... isso nunca vou... posso dizer “possa!” ou qualquer coisa... depende lá está, posso até nem dizer nada! (risos) é conforme o dia, conforme as situações...

4- *Dizer-lhe que assim não gosta dele:* Não, claro que não...

5- *Confessar-lhe que também já partiu alguma coisa:* Sim... isso acontece até aos adultos!

6- *Começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia de novo ao chão:* Não... isso não, senão eles vão passar a vida a brincar com... claro que eles têm os copinhos deles de plástico, mas também têm os nossos! Mas por exemplo quando estão os outros para lavar, bebem dos nossos, de vidro, não tem problema nenhum! Eles têm de se habituar, começar a perceber que aquilo parte! E mesmo a sensibilidade, o peso... e tudo o mais! É diferente.

7- *Não o deixar colaborar mais nas tarefas da casa:* Não! Isso não... eu, nesse aspeto também acho que não...

101

102 8- *Obrigá-lo a apanhar os cacos do chão:* Não isso também não, até porque nós
103 temos sempre medo que eles se cortem... às vezes andam descalços e isso
104 acontece... nós dizemos logo “deixa-te estar sossegado!” e vamos logo nós
105 apanhar

106

107

108 9- *Passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta:* Não...

109

110

111 10- *Dizer-lhe que já estava à espera que aquilo acontecesse:* Também não...
112 depende lá está da situação, se eu já estivesse a dizer “não faças assim porque
113 pode acontecer” e eu vejo que ele não está com atenção... aí sim poderia dizer,
114 mas se lhe tivesse já dito “tem cuidado não faças assim, faz antes assim”

115

116 11- *Chamar-lhe desajeitado, para ver se para a próxima tem mais cuidado:* Não!

117

118

119 12- *Alertá-la constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lha dar:*
120 Sim, isso já sim! “tens de ter mais cuidado com isso porque pode partir... tem
121 atenção ao que estás a fazer...”

122

123 *E: Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

124

125 P: Não... eu acho que não, até porque a autoestima deles, é deles... cada um tem a
126 sua autoestima, mas eu acho que não...

127

128 *E: Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?*

129

130 P: (risos) pois... (risos) sim, é capaz de existir, não sei propriamente dizer quais
131 serão (risos), mas vocês é que sabem isso, vocês é que estudam isso... e é verdade! Nós
132 até podemos saber mas não a sabemos se calhar dizer ou... pronto (risos)

133

134 *E: Tendo em conta o desenvolvimento emocional e as atitudes do seu filho, qual é*
135 *a sua opinião em relação ao trabalho realizado no Jardim-de-Infância acerca da*

autoestima das crianças? Que atitudes do seu filho o levam a crer que esse trabalho esteja a ser (ou não) desenvolvido? Vê bons resultados?

P: Sim, eu acho que sim, lá está, eu sou-lhe sincero... eu não sei saber se está ou não a ser porque... epá vocês é que sabem (risos) mas acho que sim... estão a ser bem acompanhados e pronto... mas não vejo atitudes que digam o contrário.

E: O elogio é um factor de extrema importância no desenvolvimento da autoestima do seu filho. Elogia o seu filho sempre que ele merece? Quantas vezes o faz (em média) por semana?

P: Eu acho que sim... pode haver alturas que não o faça da melhor maneira, mas... ou eu não saiba expressar como devia ser, mas acho que sim... agora por semana... não sei... eu... depende do que eles fazem e... isso é uma coisa tão banal que nós estamos sempre a dizer, ou quase sempre, que nem... 5, 6, 7... porque se eles me disserem alguma coisa eu digo “sim, muito bem, é isso mesmo e tal...” uma vez por dia a um ou outro digo quase de certeza (risos)

E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.

P: Não, porque lá está, isso são coisas que vocês é que sabem... (risos). Não, acho que não tenho assim nada relevante a acrescentar.

ANEXO 11 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PAI II

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO/A

- Sexo: Masculino
- Idade: entre os 21 e os 30
- Habilitações Académicas: 12º ano
- Profissão atual e respetivos anos de serviço: Administrador de Empresa há 1 ano
- Profissões anteriores e respetivos anos de serviço: Empregado de escritório durante 3 anos.
- Número de filhos: 1
- Idades dos filhos: 3

AUTOESTIMA NA INFÂNCIA

E: Considera relevante trabalhar o tema “autoestima” com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? Porquê?

P: Isso é um bocado relativo... posso ler a pergunta?

E: Sim sim, claro!

P: É assim eu acho que eles nesta idade ainda não percebem muito bem essa... não percebem muito bem... eu acho que isso da autoestima já é para crianças com idades um pouco mais avançadas... 8 anos... 10 anos se calhar... já percebem. Agora entre os 3 e os 5 eles não percebem bem isso ainda... acho que não é muito relevante não... acho que não é importante nesta idade, acho que se tem de explicar a eles... como é que eu vou explicar?

E: Sim, eles podem não saber o que é a autoestima, mas tu enquanto pai sabes o que é... e a autoestima engloba muitos aspetos... não se tem de falar de “autoestima” com eles, mas a autoestima pode ser trabalhada... a minha pergunta é mais nesse sentido, não de eles já saberem o que é a autoestima mas se vale a pena trabalhá-la e ter cuidado com a sua formação nessa idade.

P: Sim... nesse sentido acho que sim, por exemplo há pais que dizem “tu és parvo” ou “tu és maluco” ou “és parvinho” pronto, nesse sentido... e acaba por denegrir um bocado a autoestima, e isso mais à frente vai afetar a maneira dele funcionar e a maneira

de como ele está para a vida... sim isso acho que sim pronto, acho que se tem de ter algum cuidado na forma como se lida com eles e nas palavras que se empregam, não dizer “ah tu não sabes fazer nada” pronto, esse tipo de coisas. Acho que as pessoas têm de incentivar as crianças ao dizer “boa!”, “sim, fizeste bem!” quando fazem mal dizer mas nunca insultar os miúdos pequenos, acho que... eles apanham isso muito rápido e depois ficam com aquela ideia na cabeça “ai eu não sou bom, o meu pai diz” com aquele trauma... nesse sentido acho que sim, se é essa a pergunta (risos)

E: A seu ver, a autoestima da criança até aos 6 anos, influenciará a sua vida enquanto adulto? Explique porquê.

P: É capaz de ter um pouco, porque ele até aos 6 anos já... por exemplo eu agora lembro-me de coisas com 5 anos ainda e... há muitos pais que traumatizam os miúdos com essa idade e isso vai... vai afetar a vida deles de certeza absoluta... na minha opinião. Por isso é preciso ter cuidado e serem criados numa família estável também... na primeira dei logo um bocado a resposta...

E: Na sua opinião, as atitudes que os pais (ou os adultos que rodeiam a criança) têm com ela, influenciam a sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)

P: Sim de certeza... basicamente é o que eu já disse... (risos)

E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente para a questão nº. 4 Que reações observou por parte da criança perante a situação que apresentou na questão anterior?

E: Considera que a forma como falamos com uma criança até aos 6 anos de idade tem influência no desenvolvimento da sua autoestima? Se sim, dê exemplos. (Dê prioridade aos casos que experienciou)

(já respondeu em questões anteriores)

68 *E: Caso tenha respondido “NÃO” à questão anterior passe automaticamente*
69 *para a questão nº. 6. Que reações observou por parte da criança perante a situação*
70 *que apresentou na questão anterior?*

71
72 *E: Alguma vez sentiu que a sua atitude com o seu filho o inibiu de realizar ou*
73 *dizer o que quer que fosse? Se sim, relate alguns desses casos.*

74
75 *P: Sim...*

76
77 *E: Lembraste de algum caso? Com “inibir” não me refiro a casos do género “não*
78 *faças isso” e ele não faz, estou a falar...*

79
80 *P: Sim, se calhar já tive alguma atitudes por estar enervado, dizer sei lá “tu és mau”*
81 *ou... não é insultar de chamar nomes, mas pronto, certas coisas que se calhar... depois a*
82 *mãe foi falar com ele e foi-lhe perguntar o que é que se tinha passado e ele disse-lhe “ah*
83 *o pai disse que eu sou mau...” ficou ele triste... (risos) agora inibir de fazer asneiras...*
84 *epá ele está sempre a fazer asneiras (risos) falar com ele não vale a pena porque ele faz*
85 *sempre...*

86
87 *E: Imagine a seguinte situação:*

88 *O seu filho(a) está a ajudá-lo a pôr a mesa para o jantar. A mesa está a ficar*
89 *linda e direitinha, mas quando a criança vai colocar o último copo na mesa, este cai-*
90 *lhe das mãos e parte-se, deixando vários cacos de vidro espalhados pelo chão.*

91 *Indiquei qual/quais a(s) atitude(s) do adulto que considera mais correta(s) para*
92 *esta situação. Explique o porquê da(s) sua(s) escolha(s):*

93
94 *1- Gritar com a criança para lhe mostrar a sua autoridade e colocá-la de castigo*
95 *por não ter tido o devido cuidado: Não concordo. É muito pequeno ainda para fazer*
96 *uma coisa dessas... acontece. Isso acho que é dizer “Olha acontece, para a próxima tens*
97 *de ter mais cuidado, escorregou das mãos é pequenino... acho que se tem de ensinar*
98 *para a próxima ter mais cuidado pronto, quando está a fazer as coisas, para não fazer as*
99 *coisas à toa, mas acho que isso do bater e gritar não adianta de nada, acho que é a pior*
100 *coisa que podemos fazer é isso.*

102 2- *Perguntar-lhe porquê que não teve cuidado:* Perguntar.... Ah... acho que se
103 calhar não é uma pergunta assim muito relevante... ele vai responder “olha... sei lá...
104 foi assim que aconteceu” se calhar até teve cuidado mas é pequenino... ainda não
105 controla bem os movimentos... acho que não

107 3- *Acalmá-lo, dizendo que não faz mal:* Sim... não faz mal mas complementar e
108 dizer eu para a próxima tem de ter mais cuidado para ver se não volta a acontecer

110 4- *Dizer-lhe que assim não gosta dele:* Não isso não, está fora de questão.

112 5- *Confessar-lhe que também já partiu alguma coisa:* Isso aí se calharacho que não
113 é tão bom, porque ele depois pode pensar “ah o meu pai já partiu por isso eu posso
114 partir” ele pode associar a isso também... porque já me aconteceu ele me responder “ah
115 mas tu também fazes”... já me aconteceu isso! “ah se tu podes eu também posso”
116 parece que já tem uns 12 ou 13 anos a falar (risos). Mas isso não, acho que a outra atrás
117 era a melhor de todas.

120 6- *Começar a dar-lhe loiça de plástico ou de madeira para não se partir caso caia*
121 *de novo ao chão:* Também não... porque isso vai estar a dar aquela ideia de que não
122 confias nele “ah já parti uma vez, agora estão-me a dar isto para não voltar a partir...”
123 acho que isso não vai ajudar a ter mais cuidado... “ah isto é de plástico não parte”, não
124 ultrapassa essa situação... acho que também não, não concordo.

127 7- *Não o deixar colaborar mais nas tarefas da casa:* Fora de questão também.
128 Quanto mais colaborar melhor, habitua-se (risos) faz-lhe bem

130 8- *Obrigá-lo a apanhar os cacos do chão:* Não! Também não! (risos) cortar os
131 dedos... não (risos)

133 9- *Passar a dar-lhe loiça que não se importa que parta:* Não... acho que também
134 não

135

136 *10- Dizer-lhe que já estava à espera que aquilo acontecesse:* Também não... esse
137 já estás a dizer aquele coisa “ah já sei que tu vais fazer asneira” acho que também não
138 está bem... só concordei ainda com uma (risos)

139

140

141 *11- Chamar-lhe desajeitado, para ver se para a próxima tem mais cuidado:* Não,
142 também não. Não é que às vezes não dê vontade, a pessoa está enervada e diz “tu não
143 fazes nada de jeito, mais valia estares sossegado”, não é? (risos) mas... no mundo ideal
144 não se devia fazer isso... cria trauma nas crianças.

145

146

147 *12- Alertá-la constantemente para que tenha cuidado com a loiça antes de lha dar:*
148 Sim... acho que sim. Acho que se deva dar uma aviso “olha o meu pai vai-te dar a loiça,
149 tens de ter cuidado para não partires está bem?”

150 *E:* Mas ok, dizer-lhe isso e dar-lhe uma peça de loiça... mas e depois
151 constantemente? Sempre que lhe dás, alerta-lo para não partir?

152 *P:* Ah não, não! Algumas vezes pronto, mas depois acho que não se deve dizer
153 mais, uma vez ou outra, para ele interiorizar, mas estar sempre, sempre a dizer também
154 não ... ninguém gosta de estar sempre a “levar na cabeça”

155

156 *E: Haverá atitudes que prejudiquem a autoestima das crianças? Se sim, quais?*

157

158 *P:* Basicamente já respondi nas primeiras perguntas... denegrir a imagem, dizer que
159 é mau, não fazes nada de jeito... isso tudo são atitudes negativas que não ajudam em
160 nada a autoestima da criança não é? Ele depois vai-se sentir traumatizado... é a mesma
161 coisa da outra pergunta

162

163 *E: Haverá atitudes que beneficiem a autoestima dos seus filhos? Se sim, quais?*

164

165 *P:* Pronto lá está, é quando acontecem coisas que nós gostaríamos que não
166 acontecessem não é? Ou quando ele se porta mal ou parte uma coisa ou faz asneiras...
167 pronto, atitudes que para nós não são boas em vez de estar a castigar e a dizer mal e a
168 chamar nomes e essas coisas é dizer “olha não faz mal, para a próxima vai ser melhor,

mas tu consegues, tu consegues fazer bem"... incentivá-lo a fazer melhor, "olha então não conseguiste fazer agora mas logo voltamos e fazes" e dar o elogio porque também se tem de saber levar as pessoas, nomeadamente uma criança não é?

E: Tendo em conta o desenvolvimento emocional e as atitudes do seu filho, qual é a sua opinião em relação ao trabalho realizado no Jardim-de-Infância acerca da autoestima das crianças? Que atitudes do seu filho o levam a crer que esse trabalho esteja a ser (ou não) desenvolvido? Vê bons resultados?

P: Naquele sítio onde ele esteve, porque agora tivemos de o tirar e só volta em Setembro, naquele sitio havia ali algumas Educadoras e eu sei que eu vi e faziam-me queixas... eles faziam asneiras e ou puxavam a orelha, ou batiam-lhes nas mãos... aconteceu isso e eu vi! Uma sujeita fez isso e a minha mulher chateou-se com ela, porque pronto, basicamente ela parecia que era a patroa daquilo basicamente, em vez de andar de bata e sapatos próprias, eram só saias e saltos altos e às vezes dava-lhes uma palmada ou dizia "epá és mesmo parvo" ou "és mesmo mau" dizia isto para as crianças!

E: e o F. dizia isso?

P: o F. não dizia mas apercebemo-nos porque a S. um dia entrou e ela estava de costas, elas não a viu chegar e viu aquilo... estás a ver não é? Passou-se logo com ela. E pronto, ele vinha para aqui para casa e dizia que não gostava dela, não dizia o que ela lhe fazia mas dizia que não gostava dela... por acaso foi uma situação chata... ele quando foi tinha 2 anos, ainda era mais pequenino...

E: mas e em termos de atitudes dele? Por exemplo se notar que ele não tinha vontade de fazer as coisas ou...

P: tentar fazer não, era ao contrário, ele fazia era certas coisas e como elas lá, mais aquela e outra, em vez de lhe dizerem "olha para a próxima fazes melhor" ou "não faz mal" ou pronto incentivá-lo, ele acabou por vir um bocado respondão para casa e fazer as coisas à bruta, porque por exemplo nós dizíamos "olha F. não faças isso" ele ainda ia fazer pior! Por exemplo ontem aconteceu uma coisa... não me lembro o que ele fez mas fez uma asneira qualquer, porque ele estava aí com a S. aquela pequenina amiga dele e eu pu-lo de castigo, dei o iogurte à S. e não lhe dei a ele. "Agora estás de castigo, fizeste asneira, contigo não vale a pena dar palmadas porque tu não aprendes, por isso não comes o iogurte estás de castigo" o que é que ele foi fazer? Foi cuspir para o sofá... encheu o sofá de cuspo... portanto ele para provocar ainda faz pior e às vezes eu viro-

203 me e ele faz aquelas caretas com a língua de fora, sabes? Isso são tudo coisas que ele
204 aprendeu lá, com os outros miúdos que faziam também às outras que lhe faziam mal,
205 portanto à T. é que ele tem mais respeito, a T. tratava-o sempre bem, ajudava-o... nunca
206 lhe fez isso a ela. Logo aí... ele quando esteve em casa foi bem tratado e tudo isso e
207 nunca teve esses problemas... foi para lá... veio logo pior! E agora... já está bem
208 melhor. São pessoas que não têm apetência para lidar com crianças... e assim é fácil,
209 metem-nos dentro de uma cerca, mordem-se todos uns aos outros, chamam-lhes nomes
210 e dão umas palmadas e ao final do mês recebem o ordenado...

211

212 *E: O elogio é um factor de extrema importância no desenvolvimento da*
213 *autoestima do seu filho. Elogia o seu filho sempre que ele merece? Quantas vezes o*
214 *faz (em média) por semana?*

215

216 *P:* Se calhar não tantas vezes como deveria ser... muito sinceramente, não vou estar
217 aqui a dizer sim, sim... pronto. Se calhar às vezes ele faz uma coisa boa e eu não ligo,
218 se calhar devia dizer “ah sim filho estiveste bem, és lindo!” se calhar às vezes dizia
219 dizer e não digo, mas sempre que me lembro ou que tento, faço, acho que é uma coisa
220 boa para ele...

221 *E:* Achas que fazendo uma média... por semana... ou se calhar até seja mais fácil
222 por dia, quantas vezes é que o elogias?

223 *P:* Boa pergunta... durante a semana saio muito cedo e chego muito tarde, estou
224 pouco tempo com ele, estou se calhar desde as 8 até às 10, porque depois ele vai
225 dormir... mas durante o fim-de-semana se calhar várias vezes por dia se ele fizer as
226 coisas bem, se ele portar mal é repreendido não é? Também é preciso, mas... uma 3 ou
227 4 vezes calhar...

228

229 *E: Este é um espaço aberto, no qual pode acrescentar todas as suas experiências*
230 *ou opiniões que considere serem relevantes para a conclusão deste estudo.*

231

232 *P:* Assim de repente... não me lembro de nada, não... (risos) assim da
233 autoestima... acho que basicamente está tudo dito (risos).

ANEXO 12 – TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

CATEGORIAS DE CODIFICAÇÃO	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
<p>IMPORTÂNCIA DE UMA AUTOESTIMA ALTA PARA A VIDA DO INDIVÍDUO</p>	<p>Facilitar a vida em sociedade</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora II, linha 17</u>: “a autoestima é um conhecimento que nós temos sobre nós próprios. (...) é muito importante nós conhecermo-nos a nós próprios, termos amor por nós próprios, para que consigamos viver em sociedade, aceitar os nossos defeitos e as nossas virtudes e isso é uma coisa que tem de ser trabalhada com as crianças” ▪ <u>Educadora II, linha 24</u>: “Em adultos, se tiverem uma baixa autoestima têm problemas de inserção na sociedade, inserção nos mercados de trabalho, tudo... na vida.” ▪ <u>Educadora II, linha 36</u>: “para vivermos bem em harmonia connosco próprios e com os outros, é bom nós termos um contrapeso e medida, é sabermos as nossas virtudes e os nossos defeitos” ▪ <u>Educadora II, linha 47</u>: “A sociedade engloba-nos a nós, nós temos de saber viver com os outros (...) numa sala de jardim-de-infância, eles têm de saber no que é que alguém é melhor do que eles, no que é que eles são melhores do que alguém para conseguirem-se aceitar-se uns aos outros”

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 21</u>: “é sempre importante trabalhar a autoestima, porque por vezes há crianças que são mais tímidas, que ficam um pouco anuladas com (...) os chamados líderes (risos) e por isso é preciso trabalhar a autoestima para que as crianças consigam ultrapassar essa sua timidez” ▪ <u>Educadora I, linha 37</u>: “dar oportunidade a todos eles de escolher... para quebrar um bocadinho os líderes (...) para que eles estejam sempre a ser escolhidos e a escolher (...) faz com que aqueles que se consideram mais líderes, ou melhores por estarem sempre à frente deixem de estar.” ▪ <u>Educadora I, linha 18</u>: “se eles tiverem uma boa autoestima nesta idade, melhor a autoestima pela vida toda. Uma criança com uma boa autoestima dos 3 aos 6, tirando situações muito pontuais, consegue gerir-se pela vida fora” ▪ <u>Psicóloga, linha 33</u>: “Portanto uma criança que tenha desde logo uma autoestima mais fragilizada, naturalmente que vai ter mais dificuldade em estabelecer relação e socializar com o grupo de pares, portanto isso vai também condicionar todo o desenvolvimento socioafetivo da criança, e por consequente, depois de pré-adolescência, na adolescência e a vida adulta.”
	Desenvolvimento	

	socioemocional e afetivo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 32</u>: “vai condicionar depois disso toda a relação que é estabelecida com os pares” ▪ <u>Psicóloga, linha 270</u>: “pode prejudicar o desenvolvimento social da criança (...) prejudica claramente o desenvolvimento emocional e afetivo da criança, uma vez mais não só dela para com ela mas também dela para com os outros” ▪ <u>Psicóloga, linha 112</u>: “a ideia é que haja interação dos 3 aos 6, até essa altura é a estruturação do eu e portanto, isso depois vai comprometer tudo o resto.” ▪ <u>Psicóloga, linha 284</u>: “vai ser uma criança mais tranquila, mais calma” ▪ <u>Psicóloga, linha 311</u>: “se nós transmitimos às crianças que elas não estão a corresponder às nossas expectativas isto vai aumentar também os índices de ansiedade” ▪ <u>Psicóloga, linha 315</u>: “aquilo a que nós chamamos as profecias auto-confirmatórias que é, “eu acho que não sou capaz e, portanto estou muito ansioso em (...) pintar qualquer coisa, estou a achar que não vou ser capaz, e como estou tão ansioso e tão nervoso para fazer é claro que não vou pintar bem e como não pinto bem, ao ver alguém dizer “és
--	--------------------------	---

		<p>mesmo burro, estúpido, não consegues pintar isto” eu vou confirmar a minha crença (...) e portanto esta confirmação vai rigidificando e cristalizando cada vez mais a baixa autoestima que eu tenho.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 20</u>: “a questão da autoestima nestas idades pode condicionar depois a forma como ela se sente segura, não só o amor-próprio, a forma como se vê, como se sente e percebe a face dos outros, como também depois face ao amor dos outros por ela.” ▪ <u>Mãe I, linha 17</u>: “acho que a partir dos 3 anos é uma fase (...) muito frágil (...) porque se nós lhe dizemos um “não” eles acham logo que já não gostamos deles. (...) antes eu dizia “não” e ela ficava triste mas dali a um bocadinho já passava e agora ela chora... “não gostas de mim mamã”” ▪ <u>Mãe I, linha 61</u>: “o facto de “mamã és má!”, “má és tu!” (...) e depois... “eu sou má mamã? mas sou má? Sou má filha?” e eu percebo que fica não é? (...) noutras conversas, se “ah vá senão ficas de castigo”, “pois eu sou má, sou má...”” ▪ <u>Mãe II, linha 17</u>: “Eu acho que a autoestima deles, se for ajudada, acho que para o futuro ficam mais confiantes”
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 58</u>: “na adolescência pode acontecer... é as situações problemáticas, porque de repente eles querem desabrochar e desabrocham para o lado errado (...) porque realmente também querem mostrar que são capazes e eu também estou aqui e às vezes dão aquele grito um bocadinho fora do contexto (...) e às vezes associam-se a grupos... e isso nota-se muito que são crianças sempre com baixa autoestima que estão associadas a grupos mais marginais, não é? E isso depois vai acabar por influenciar a vida adulta, sem dúvida nenhuma” ▪ <u>Pai II, linha 80</u>: “se calhar já tive alguma atitudes por estar enervado, dizer sei lá “tu és mau” (...) depois a mãe foi falar com ele e foi-lhe perguntar o que é que se tinha passado e ele disse-lhe “ah o pai disse que eu sou mau...” ficou ele triste...”
	Desenvolvimento intelectual e cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 272</u>: “também o próprio desenvolvimento intelectual e cognitivo porque não só porque as questões de insegurança levam a sentimentos de ansiedade, por exemplo, que bloqueiam (...) as características... as capacidades cognitivas de atenção, de concentração não é? Porque (...) se temos uma criança ansiosa e que não se sente capaz, a sua capacidade de atenção e concentração é menor, e neste sentido (...) vai ter menos capacidade para integrar as aprendizagens que estão a ser administradas porque vai estar naturalmente menos atenta por todas as questões emocionais.”

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 51</u>: “dos 3 anos 6 há também um grande desenvolvimento em termos cognitivos (...) vai provavelmente começar a aprender a contar progressivamente, começar a reconhecer algumas letras, as cores (...) é de facto uma grande evolução em termos cognitivos e intelectuais, portanto elogiar todas essas aprendizagens é fundamental para que depois a criança acredite que tem capacidade para integrar outras aprendizagens” ▪ <u>Psicóloga, linha 313</u>: “claramente as (...) capacidades cognitivas vão efetivamente ficar comprometidas”
A FAMÍLIA COMO FACTOR INFLUENCIADOR	O Ambiente familiar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Mãe I, linha 41</u>: “muitas coisas que nós dizemos e pensamos que (...) não estamos a dizer por mal (...) mas que não devíamos dizer porque para eles é muito chocante. (...) discussões entre o casal, por mais que nós tentemos não discutir ou discutir baixinho, há certas palavras que nós dizemos (...) um ao outro que eles se apercebem (...) por exemplo eu já tenho discutido com o meu marido e dizer “epá... estou farta de ti” e a minha filha mais tarde numa conversa dizer “já não queres o pai?” tudo isso lhes vai ficar” ▪ <u>Educadora III, linha 300</u>: “um caso de disfunção parental com muitas brigas e muitos namorados pelo meio e muitas brigas a que a criança assiste e muitas situações que

		<p>levam a que depois a criança também tenha um comportamento mais agressivo, porque é aquilo que ele vê”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 305</u>: “se ele tem este comportamento as pessoas são capazes de o estar sempre a puxar um bocadinho para baixo (...) os comportamentos familiares influenciam muito o comportamento da criança (...) Há um grande desequilíbrio realmente entre os pais e portanto isso reflete-se muito no comportamento da criança, muito mesmo (...) por isso é que às vezes nos dizemos “ah porta-se tão mal” mas depois se nós analisarmos todo o contexto... ele tem um porquê ... e é o caso.” ▪ <u>Psicóloga, linha 473</u>: “se têm contextos familiares difíceis é que a escola ainda ganha, e o jardim-de-infância, ainda ganham um peso maior, porque às tantas é a única relação afetiva e emocional que eles estabelecem e, portanto se é uma relação mais do mesmo, entre aspas, (...) e não há amor, antes pelo contrário, só há agressão (...) não há nenhum contexto em que a criança se sinta amada ou que se sinta integrada.” ▪ <u>Educadora I, linha 316</u>: “às vezes eram situações em que a ida ao jardim-de-infância era a parte boa do dia.” ▪ <u>Educadora I, linha 317</u>: “Em relação à autoestima, às vezes aquelas atitudes de
--	--	---

		<p>dizemos “não se bate” ou “não se faz” já me aconteceu eles responderem “mas o meu pai fez” ou “mas a minha mãe fez”, “mas o meu pai partiu” ou... isso já me aconteceu várias vezes”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 320</u>: “já tive casos de crianças (...) cujos pais eram traficantes e ele servia de pombo-correio (...) para essas crianças nós falarmos num desenho bonito, ou na pintura, eles depois também têm a outra fase que sabem fazer e sabem valorizar.” ▪ <u>Educadora II, linha 298</u>: “Em casos em que o marido e a mulher não se dão muito bem, nomeadamente em caso de separação, e que os pais não compreendem que a criança não teve culpa de ter vindo ao mundo (...) as crianças sentem-se inseguras, não sentem um ambiente familiar muito estável, muito afável e muito desejável e acabam por sentir falta de atenção, falta de carinho.” ▪ <u>Pai II, linha 46</u>: “por exemplo eu agora lembro-me de coisas com 5 anos (...) há muitos pais que traumatizam os miúdos com essa idade e isso vai... vai afetar a vida deles de certeza absoluta... na minha opinião. Por isso é preciso ter cuidado e serem criados numa família estável”
	O estatuto socioeconómico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 384</u>: “nós não podemos fazer um rótulo de uma criança... uma família (...) financeiramente mais desfavorecido, poder haver uma relação direta entre poder

		<p>ser menos atentos, mas (...) Se eu estou preocupada em saber o que é que vou pôr na mesa para dar de comer aos meus filhos é claro que a minha disponibilidade emocional para estar com eles e me relacionar com eles de uma forma positiva é naturalmente menor.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 273</u>: “Portanto não há aqui (...) pronto, é mais ou menos equilibrado, claro que isso também influencia, porque se for um meio... ah... se calhar mais baixo não é? Aí se calhar há mais aquela “é um burro!” “é um estúpido!” se for num meio socioeconómico muito alto, também há o “o meu é o maior, dos outros não quero saber”” ▪ <u>Educadora I, linha 326</u>: “aquelas coisas básicas: comer, dormir, jantar, horas, horas do banho, não sei quê, essas coisas naquela gente não existe... é a lei da sobrevivência... se está ali comes, se não está vai ali ao lado (risos) e que às vezes há para todos, outras vezes não há”
--	--	--

<p>AS ATITUDES DOS ADULTOS COM IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS</p>	<p>Feedback positivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 44</u>: “o <i>feedback</i> externo, nomeadamente dos pais ou dos educadores que é dado à criança é fundamental para que ela se estruture e para que ela se valorize.” ▪ <u>Psicóloga, linha 46</u>: “nestas idades há muita procura da aprovação e da valorização externa como forma de confirmação do seu valor pessoal.” ▪ <u>Psicóloga, linha 58</u>: “todo o elogio que é dado à criança vai ser a confirmação do seu próprio valor” ▪ <u>Psicóloga, linha 56</u>: “portanto elogiar todas essas aprendizagens é fundamental para que depois a criança acredite que tem capacidade para integrar outras aprendizagens.” ▪ <u>Psicóloga, linha 98</u>: “nós não devemos estar permanentemente a elogiar quando a criança não merece, porque senão aí também às tantas o elogio acaba por perder o seu efeito.” ▪ <u>Psicóloga, linha 104</u>: “confirmação da tentativa, ou seja, se a criança não conseguiu nós não vamos dizer que ela conseguiu, por exemplo, dizemos olha ainda não consegues, mas tenho a certeza de que um dia vais conseguir... e repara nas outras coisas que tu fazes tão bem”
---	--------------------------	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 58</u>: “se uma criança falha e mais importante do que nós demonstrarmos que a criança falhou, é elogiarmos a tentativa. Porquê? (...) porque assim dessa forma, a criança vai continuar a tentar” ▪ <u>Psicóloga, linha 96</u>: “Sim, é muito importante, ou seja, utilizar uma linguagem positiva, mesmo no <i>feedback</i> que se dá à criança.” ▪ <u>Psicóloga, linha 432</u>: “Elogiar, dizer o quão gostamos da criança (...) a verbalização de que nós gostamos dela, que ela é muito importante para nós, é muito, muito importante.” ▪ <u>Educadora I, linha 61</u>: “olha fizeste assim... achas que fizeste bem? E sabes de outra maneira? Como é que devias ter feito? O facto de ele pensar que afinal tem duas escolhas e pode fazer a correta... acho que ajuda na autoestima deles. Assim como nos casos negativos, quando a criança faz o que não deve e nós perguntamos “achas que fizeste bem? Ou gostavas que te fizessem o mesmo? Achas que isso está certo?” eles mais do que ninguém são justos e sabem que o que estão a fazer não é certo... que não é certo e que devem fazer de uma outra maneira”
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 248</u>: “em relação aos trabalhos devemos sempre incentivá-lo a (...) não comparar com os outros, mas incentivá-los e dizer-lhes que eles conseguem fazer, ou dizer se eles querem alguma ajuda, ou então por vezes (...) pedir a um amigo (...) eles (...) aceitam melhor a ajuda do amigo que, vá lá, está ao nível deles, ah... ou copiarem, porque eles às vezes... as cópias nestes casos faz bem” ▪ <u>Educadora I, linha 255</u>: “tentar mostrar que ele se calhar não consegue pintar tão bem mas consegue brincar bem na garagem... fazer uma troca... o que é que ele consegue fazer mesmo, mesmo bem que pode ensinar a outro” ▪ <u>Educadora II, linha 325</u>: “Incentivar quando as crianças conseguem fazer uma tarefa sozinhas, incentivar, elogiar “consegui!” ou quando não conseguem dizer “não faz mal, amanhã consegues”. Acho que muito à base do incentivo verbal e às vezes até palmas e coisas assim, porque eles gostam (...) o incentivar, o dizer “experimenta, vais ver que és capaz”, pronto, utilizar muito essas expressões acho que beneficia bastante a autoestima” ▪ <u>Educadora III, linha 93</u>: “se nós lhes dissermos “anda cá fazer” e eles dizem “ah mas eu não sei fazer”... “ai és, és, então experimenta lá, vamos lá experimentar vá, eu dou uma ajuda”... às vezes esse... só do ponto de vista verbal não é? Só verbalizando isto, às
--	--	---

		<p>vezes é o suficiente”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 105</u>: “se calhar dizer a mesma coisa mas de outra forma... porque se nós lhe dissermos “ah tu ainda és capaz de fazer melhor, vamos lá experimentar aqui os dois...” já é outra maneira, não dizemos que está feio” ▪ <u>Educadora III, linha 256</u>: “podemos dizer consegues fazer melhor isso sim, como um estímulo para ele fazer melhor e se esforçar para fazer melhor” ▪ <u>Mãe I, linha 196</u>: “se eu também a chamo a atenção do que ela faz mal, também sou muito de dizer “muito bem filha, fizeste bem”. (...) agora começou a querer vestir o pijama sozinha... (...) eu já sei que ela sabe fazer, mas sempre que ela faz digo “boa filha é isso mesmo! cada vez estás melhor!” (risos) (...) Ela às vezes diz que não consegue fazer alguma coisa e eu digo “não consegues? Consegues sim! Respira fundo e diz: eu consigo! E consegues! E então ela agora anda sempre com o “sim, eu consigo!” (risos)” ▪ <u>Pai I, linha 149</u>: “se eles me disserem alguma coisa eu digo “sim, muito bem, é isso mesmo e tal...” uma vez por dia a um ou outro digo quase de certeza”
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai II, linha 37</u>: “Acho que as pessoas têm de incentivar as crianças ao dizer “boa!”, “sim, fizeste bem!”” ▪ <u>Pai II, linha 167</u>: “atitudes que para nós não são boas em vez de estar a castigar e a dizer mal e a chamar nomes e essas coisas é dizer “olha não faz mal, para a próxima vai ser melhor, mas tu consegues, tu consegues fazer bem”... incentivá-lo a fazer melhor, ”olha então não conseguiste fazer agora mas logo voltamos e fazes” e dar o elogio” ▪ <u>Mãe II, linha 163</u>: “eu tenho feito muito com ele é tudo o que ele faça bem dou-lhe sempre os parabéns! “vês? Boa!” “estás a ver?” “afinal consegues! Estavas sempre a dizer que não!” pronto... como ele gosta do Faísca estou-lhe sempre a dizer “então vá vamos tentar fazer os dois? És melhor do que o Faísca?” “sou mãe, sou!” (risos).”
	Feedback negativo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 81</u>: “a nossa tendência é para subvalorizar o que é errado, ou seja, o insucesso, quando elas não correspondem aquilo que é suposto e subestimarmos quando de facto elas conseguem fazer aquilo que é esperado.” ▪ <u>Psicóloga, linha 87</u>: “apesar de a punição ser muito importante só há espaço para a punição, ou seja, só há espaço para o castigo e não havendo depois o espaço do elogio relativamente à autoestima, isto depois acaba por haver um grande descrédito da própria criança”

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 297</u>: “Claramente é muito negativo (...) nós estamos a transmitir à criança que nos devemos insultar uns aos outros e isso é uma forma muito agressiva de nós nos relacionarmos” ▪ <u>Psicóloga, linha 302</u>: “se nós a catalogarmos de porco ou de badalhoco claramente isso não vai ajudar em nada a criança que se sinta de uma forma melhor e que consiga progredir neste sentido, antes pelo contrário” ▪ <u>Psicóloga, linha 308</u>: “se nós dizemos “és burro e estúpido” uma vez mais estamos a confirmar de que eles não são capazes, se eles não são capazes eles já não vão tentar... ao não tentarem já não vão efetivamente conseguir porque também não tentaram.” ▪ <u>Psicóloga, linha 418</u>: “o problema dos insultos, é há uma generalização, ou seja, se a criança não consegue por exemplo (...) contar até 5 ou até 10, e nós dizemos “és mesmo burro”, nós estamos a generalizar, (...) ela sendo burra, estamos-lhe a transmitir a mensagem que de ela é burra para todas as aquisições,” ▪ <u>Educadora II, linha 63</u>: “Nós educadores... ah, por vezes há certos comentários (...) coisas que às vezes podem ser ditas sem pensar mas que não devem ser ditas (...) por
--	--	--

		<p>exemplo (...) “o que é que estás a fazer? Não é nada isso que te pedi” (...) são comentários que podem inibir a criança de no futuro ah... demonstrar, fazer as coisas”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora II, linha 108</u>: “Portanto, a forma como se fala influencia muito e os modos como falamos mais brusco, mais agressivo, mais meigo, mais atencioso, pronto, isso influencia muito mas aquilo que se diz também (...) o pior é quando a forma brusca se junta ainda a termos que não são propriamente muito adequados porque baixa muito a autoestima da criança, faz com que eles aprendam e reproduzam” ▪ <u>Educadora II, linha 252</u>: “Eu não crio muitas expectativas em relação aos trabalhos. Primeiro porque cada criança é uma criança e eu acho que eles têm de fazer à sua maneira. E depois, mesmo que o trabalho não tenha minimamente ficado como nós poderíamos ter pensado, não se deve optar por chamar nomes. Porque as crianças estão na escola para ter os primeiros contactos, para aprender e fundamentalmente porque eu acho que estas atitudes e comportamentos baixam a autoestima, inibem as crianças de no futuro terem certas atitudes mais espontâneas e singulares, inibem às vezes as crianças de participarem num momento da higiene, pode inibi-las de fazer atividades” ▪ <u>Educadora III, linha 76</u>: “há (...) educadores (...) auxiliares (...) pais que (...) o fazem, “ah é um palerma” “nah, ele não é capaz de fazer nada!” (...) isso vai fazer pior numa
--	--	--

		<p>criança que já tem a sensação que não é capaz (...) só que precisa do estímulo (...) depois às vezes quando se dá o tal clique e ele vê e verifica “afinal eu sou capaz” e isso às vezes é o suficiente”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 84:</u> “ele não é capaz ou isto está feio, está mal feito, (...) estamos a prejudicar a criança e a levar que ela ainda fique com mais baixa autoestima e não a ajudar para que ela possa elevar essa autoestima.” ▪ <u>Educadora III, linha 241:</u> “quando no início eles são mais pequeninos e os desenhos deles são uns riscos e os pais dizem “ai para quê que eu quero isso? Isso são só riscos!” e há uma coisa que eu digo aos pais que é: “esse risco ele disse-me que era a mãe, disse-me que era o pai, disse-me que era o cão, (...) ainda não conseguiu mostrar isso, mas na sua cabeça está lá, portanto quando a mãe diz que aquilo é uma porcaria e que é um risco que é uma coisa que não presta, é a sua ortografia, é a sua imagem (...) por isso nós nunca podemos (...) desvalorizar o trabalho dela. Temos é de perceber quando a criança não faz porque não consegue e aí precisa de um estímulo e quando não faz porque se está marimbando e está a despachar.” ▪ <u>Educadora III, linha 98:</u> “se nós em lugar de estarmos a dizer “não... tu és capaz, dissermos “ah ele não é capaz! Fica tudo mal feito, é só riscos!” isso vai interiorizando
--	--	---

		<p>e cada vez mais a sua autoestima vai por aí abaixo... e cada vez mais ele é capaz de fazer menos coisas e não tenta porque a seguir o adulto diz-lhe que aquilo está feio, pronto por isso as palavras são muito importantes”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 116</u>: “é natural que eu também já tenha dito “epá isso está feio” (...) isso vai inibir a criança, como é lógico, (...) e faz com que... a sua autoestima ainda vá mais para baixo” ▪ <u>Educadora III, linha 189</u>: “eu tenho uma miúda que é espetacular a pintar (...) cada vez que eu digo para fazer uma coisa específica (...) começa logo a choramingar a dizer que não é capaz... ora se eu continuar a dizer-lhe “ah sim não fazes isto porque não és capaz” (...) a autoestima dela vai começando sempre a diminuir, a diminuir, a diminuir (...) E ele próprio se auto convence de que não é mesmo capaz” ▪ <u>Pai II, linha 32</u>: “por exemplo há pais que dizem “tu és parvo” ou “tu és maluco” ou “és parvinho” pronto, nesse sentido... e acaba por denegrir um bocado a autoestima, e isso mais à frente vai afetar a maneira dele funcionar e a maneira de como ele está para a vida...” ▪ <u>Pai II, linha 38</u>: “quando fazem mal dizer mas nunca insultar os miúdos pequenos, acho
--	--	---

		<p>que... eles apanham isso muito rápido e depois ficam com aquela ideia na cabeça “ai eu não sou bom, o meu pai diz” com aquele trauma...”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai II, linha 158</u>: “denegrir a imagem, dizer que é mau, não fazes nada de jeito... isso tudo são atitudes negativas que não ajudam em nada a autoestima da criança não é? Ele depois vai-se sentir traumatizado” ▪ <u>Mãe II, linha 25</u>: “se for uma criança que é sistematicamente repreendida e fazemos com que a autoestima dela seja baixa é lógico que quando ele for adulto ele não vai ter essa força... vai sentir-se reprimido (...) eu também senti isso na pele e quando fui também para a psicóloga uns dias mais tarde, vi que isso já vinha de trás” ▪ <u>Mãe II, linha 70</u>: “saber falar com uma criança ajuda na autoestima, como é lógico! Se formos dizer “ó minha estúpida, ó minha burra!” A criança vai sentir-se inferiorizada para toda a vida” ▪ <u>Mãe II, linha 77</u>: “Quando é preciso ponho-o de castigo, agora “atrasado mental” como oiço muitos pais... ai não, pôr rótulos para mim não dá. (...) Claro que isso vai influenciar... chamar nomes... olha vão começar logo a ser agressivos para os colegas (...) vão começar a chamar nomes aos colegas... depois é um círculo... pronto, falta de
--	--	--

		respeito, lá está, um valor quebrado, má educação, outro valor quebrado”
NO CASO DA PALMADA EM CONTEXTO DE JARDIM-DE- INFÂNCIA	Discorda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 180</u>: “em contexto escolar acho complicado não é? Nem é permitido” ▪ <u>Educadora I, linha 152</u>: “Não... é assim... eu acho que lhes faz falta, em casa” ▪ <u>Educadora II, linha 169</u>: “Não compreendo e não apoio” ▪ <u>Educadora III, linha 176</u>: “Não, se bem que às vezes apetece (risos) (...) mas pronto... acho que há outras maneiras” ▪ <u>Educadora I, linha 157</u>: “e a palmadinha primeiro para eles não lhes diz grande coisa e eu acho que tirarmos-lhe uma coisa que ele gosta é a melhor palmada que lhe podemos dar” ▪ <u>Educadora II, linha 178</u>: “acho que esta questão da palmada acaba por ser um medir de forças, de autoridade (...) e acho que não é bom também o adulto fazer o exercício máximo da sua autoridade” ▪ <u>Educadora III, linha 177</u>: “às vezes dar a palmadinha só surte o efeito naquele momento e a partir daí esqueceu.”

	Modelação: O risco de a criança vir a reproduzir	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 183</u>: “quando nós batemos numa criança (...) a mensagem que nós lhe estamos a transmitir é: “se alguém se portar mal contigo tu podes-lhe bater”, porque nós somos um exemplo (...) e o que nós estamos a transmitir de alguma maneira é que os problemas resolvem-se de facto de uma forma agressiva, portanto o ideal é sempre que não aconteça (...) tem de haver um respeito mútuo, recíproco, não é “eu que sou adulta posso-te bater e tu és criança não me podes bater”” ▪ <u>Educadora I, linha 160</u>: “eles dão palmadas a sério aos pais e a nós também se nós deixarmos, se nós damos a palmadinha pedagógica eles dão-nos o troco” ▪ <u>Educadora II, linha 190</u>: “acho que faz com que as crianças reproduzam também isso (...) o que acontece é que quando outra criança faz qualquer coisa que é um disparate o pequenino vai lá e bate”
NO CASO DOS CASTIGOS FORA DA SALA	Concorda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 132</u>: “fui pô-lo na sala dos vizinhos do lado (...) eu disse-lhe “agora não te quero na sala porque tu ouviste muito bem o que eu disse (...) que isso possa influenciar, não sei...eles têm de saber que, quando nos portamos mal há consequências (...) desde que não seja rotineiro não é? (...) se for uma criança que está constantemente ser posta de castigo (...) isso aí vai influenciar... acaba por ter o efeito contrário... essa criança vai ser uma revoltada, e (...) há-de estar sempre de castigo

		porque está sempre revoltada”
	Discorda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 143</u>: “pode passar a mensagem de que (...) por um lado eu não sei resolver o teu problema e portanto vai lá para alguém que saiba cuidar de ti porque eu não sei, portanto volta também a ser abandonico (...) por outro lado (...) corre-se o risco de poder estar a catalogar aquela criança (...) como um elemento que nós não queremos (...) depois pode também influenciar a forma como as crianças (...) podem vir a descriminá-lo ou a excluí-lo.” ▪ <u>Psicólogo, linha 154</u>: “ir ter a outra sala, lá está, vai depender muito da questão da criança, no fundo, do próprio funcionamento da criança.”

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 118</u>: “Primeiro não gosto dos castigos fora da sala” ▪ <u>Educadora I, linha 121</u>: “É assim para alguns, o sair fora é mesmo muito mau” ▪ <u>Educadora II, linha 140</u>: “não nos podemos esquecer que temos um grupo (...) e ao estarmos a colocar uma criança fora da sala estamos ligeiramente a dizer que ela não faz parte daquele grupo. É como, desculpa a expressão, ela fosse a “ovelhinha negra” naquele momento.” ▪ <u>Educadora II, linha 162</u>: “Nem sequer na questão do “fora da sala”, acho totalmente ultrapassado já”
	O “pensar na vida”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora II, linha 146</u>: “eu nunca uso o termos “castigo” (...) Eu costumo colocá-los a pensar na vida, e nunca é fora da sala (...) é preciso que eles pensem naquilo que fizeram porque é preciso que se coloquem um bocadinho no papel do outro” ▪ <u>Educadora III, linha 141</u>: “eu normalmente não digo a palavra castigo, não digo “estás

		de castigo” ou “vais de castigo” (...) nós não queremos realmente influenciar muito pela negativa, devemos tentar sempre que as coisas sejam feitas de forma mais positiva, mesmo quando é um “não” (...) eu acho que dizer “ficas a pensar um bocadinho na vida” (...) É um bocadinho diferente, percebes?”
CONSCIÊNCIA DA COMUNIDADE (EX: PAIS) FACE À AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS	Existe consciência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Mãe I, linha 23</u>: “acho que sim, que... ah.... Para eles é muito bom trabalhar essa parte.” ▪ <u>Mãe II, linha 17</u>: “Acho que sim, é muito bom. (...) Apesar do trabalho da mãe e do pai... o pai e a mãe têm de estar sempre presentes, mas fora isso acho que na escola tem de se trabalhar sempre esses pontos... é focal, para mim é focal” ▪ <u>Pai II, linha 35</u>: “acho que sim pronto, acho que se tem de ter algum cuidado na forma como se lida com eles e nas palavras que se empregam”
	Não existe	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai I, linha 125</u>: “Não... eu acho que não, até porque a autoestima deles, é deles... cada um tem a sua autoestima, mas eu acho que não...”

	Essa consciência é visível em alguns sujeitos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 353</u>: “Alguns, não tanto quanto deviam, acho que há muito a subvalorização no sentido “ah ele ainda é uma criança” ou seja, ele ainda vai crescer, (...) vai formar a personalidade dele... e a personalidade de uma criança começa a formar-se (...) a partir de que nasce” (...) acho que ainda há uma subvalorização não só por parte dos pais mas também por parte dos educadores” ▪ <u>Educadora I, linha 263</u>: “acho que os pais (...) a maior parte porque há exceções, acham sempre que eles (...) não conseguem fazer é porque são pequeninos mas se for comparar a outro já acham que devia saber (...) fazer porque já tem aquela idade e anda na escola (risos)” ▪ <u>Educadora I, linha 273</u>: “acho que cada vez mais há menos pais a ter esse cuidado, infelizmente (...) cada vez mais temos pais a preocuparem-se com o que não devem ou... e com aquilo que é essencial cada vez menos, e... tanto nas brincadeiras, como na... como no tempo... o tempo que lhe dedico e a qualidade que lhe dedico” ▪ <u>Educadora II, linha 270</u>: “Podem não designá-lo de autoestima nem ter consciência que estão a trabalhar isto mas têm cuidado com aquilo que dizem e termos que utilizam, acredito que sim. E tentam puxar pela criança para conhecerem aquilo que já são
--	---	---

		<p>capazes de fazer e o que não são. Infelizmente também temos outras realidades que há pais que lhes passa completamente ao lado e “toca a andar” e “não consegues, paciência”.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 266</u>: “é assim há o 8 e o 80, há aqueles que é coitadinho do menino que é assim, muito coitadinho, muito bebezinho não o ajudam a desenvolver-se aí e acabam por ainda rebaixá-lo um bocadinho por estar sempre “coitadinho” (...) e depois há os outros que querem lá saber (risos) (...) mas na grande maioria tem alguma preocupação com isso sim, até têm... não dando-lhe o nome, mas pelas atitudes...”
<p>CONSCIÊNCIA DOS EDUCADORES FACE À AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS</p>	<p>Existe consciência</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 370</u>: “É assim no geral eu penso que há mas depois cometem-se muitos erros e ouvem-se histórias de pessoas e colegas que (...) cria muito os líderes da sala, ou por simpatia dos pais, (...) ou pela posição dos pais, ou pela roupa (...) ou (...) pelas horas que estão na escola (...) durante o dia se calhar há crianças (...) que estão sempre a ser ditos, a ser chamados pela parte boa, ou pela parte positiva ou negativa e há outros que andam ali... a fazer número... e muitas vezes de forma inconsciente!” ▪ <u>Educadora II, linha 362</u>: “Eu acho que existe um bom trabalho em relação à autoestima, porque há de facto esses cuidados da linguagem e de incentivar a criança. Acho que isso tudo é feito, essa é a realidade. Mas acho que às vezes esta realidade é condicionada

		<p>pelas estruturas, pelo pessoal, por tudo no jardim-de-infância e que por vezes possa levar a que nem sempre este trabalho possa ser aplicado. Não estou a dizer que não é aplicado, mas que por vezes possa haver uma saída mais infeliz numa manhã, por exemplo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora III, linha 334</u>: “Eu acho que trabalham... e a forma de trabalhar lá está (...) é tentar incluir o mais possível a criança em todo o trabalho da sala e em todo o trabalho que é feito com todas as crianças exatamente e... elogiar e... estimular para que a criança sinta que faz parte do grupo e que realmente consegue fazer tudo e consegue estar bem no grupo (...) das reuniões, das ações de formação, (...) onde vou e onde trocamos ideias ah... percebemos que sim, que realmente isso é trabalhado, eu acho que isso acaba por ser uma preocupação de todos nós” ▪ <u>Mãe II, linha 174</u>: “Pelo menos na parte de haver ou não trabalho vê-se na forma de falar com os pais, porque é assim se eles não estão connosco e estão na escola aquelas 8h em que estamos no trabalho, aquela é a segunda casa deles. Logo se elas nos pedem (...) indicações... como é que ele interage com vocês? etc... se eu vejo que (...) ele se porta bem connosco, não há ali um diferencial é porque estão a fazer um bom trabalho” ▪ <u>Pai I, linha 138</u>: “eu sou-lhe sincero... eu não sei saber se está ou não a ser porque...”
--	--	---

		<p>epá vocês é que sabem (risos) mas acho que sim... estão a ser bem acompanhados e pronto... mas não vejo atitudes que digam o contrário.”</p>
	<p>Essa consciência é parcialmente visível e apenas em alguns sujeitos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga I, linha 446</u>: “há uma sensibilização mas não tanto como devia (...) ou seja (...) não dão a importância do verdadeiro impacto que isso tem depois (...) que pode efetivamente condicionar de uma forma muito drástica o futuro daquela criança (...) como vai condicionar a relação desde logo, com ela com tudo o resto, a partir daí vai condicionar também a relação dos outros para com ela e portanto acaba por ser uma bola de neve.” ▪ <u>Mãe I, linha 166</u>: “em relação à (...) mais crescidinha (...) o ano passado era excelente! (...) para já ela vinha todos os dias (...) fazia-me confusão (...) “não, não quero estar em casa, não quero!” “Ó filha é fim-de-semana!” (risos) “não, não!” (...) e este ano (...) tem sido muito complicado. Não quer vir à escola, ah... eu já tentei saber o porquê mas como ela também é muito fechada na sua concha também é complicado (...) em vez de continuar a gostar de vir à escola, ela voltou para trás (...) por exemplo ela já comia sozinha, começou a pedir sempre ajuda para comer (...) o que eu penso é que se calhar a forma de trabalhar que eles tiveram com ela na pré, a ela não lhe deu bom resultado...”

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai II, linha 178</u>: “Naquele sítio onde ele esteve (...) eles faziam asneiras e ou puxavam a orelha, ou batiam-lhes nas mãos (...) e às vezes dava-lhes uma palmada ou dizia “epá és mesmo parvo” ou “és mesmo mau” (...) E pronto, ele vinha para aqui para casa e dizia que não gostava dela (...) ele fazia era certas coisas e como elas lá, mais aquela e outra, em vez de lhe dizerem “olha para a próxima fazes melhor” ou “não faz mal” ou pronto incentivá-lo, ele acabou por vir um bocado respondão para casa e fazer as coisas à bruta (...) ele para provocar ainda faz pior e às vezes eu viro-me e ele faz aquelas caretas com a língua de fora (...) Isso são tudo coisas que ele aprendeu lá, com os outros miúdos que faziam também às outras que lhe faziam mal, portanto à T. é que ele tem mais respeito, a T. tratava-o sempre bem, ajudava-o... nunca lhe fez isso a ela (...) ele quando esteve em casa foi bem tratado e tudo isso e nunca teve esses problemas... foi para lá... veio logo pior! (...) São pessoas que não têm apetência para lidar com crianças... e assim é fácil, metem-nos dentro de uma cerca, mordem-se todos uns aos outros, chamam-lhes nomes e dão umas palmadas e ao final do mês recebem o ordenado...”
AUTOESTIMA ALTA	Atitudes que o demonstram	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 260</u>: “extroversão, a sua capacidade de socialização com os pares e com os adultos, a sua capacidade de iniciativa... se eu acredito que sou capaz não vou ter medo de falhar, não vou ter medo de errar e por isso leva-me a tentar e naturalmente que depois ao tentar mais, eu provavelmente vou conseguir... há momentos em que eu

		<p>não vou conseguir mas se tento mais, tenho mais probabilidade de conseguir, pelo menos tento mais vezes e isso depois leva a uma confirmação da autoestima”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 17</u>: “se eles tiverem uma boa autoestima conseguem organizar, defender e conseguem fazer as escolhas deles.” ▪ <u>Educadora III, linha 38</u>: “ser mais expressiva, mais expansiva, (...) conseguir estar em grande grupo...”
AUTOESTIMA BAIXA	Atitudes que o demonstram	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 233</u>: “Insegurança face ao próprio amor mas, também face ao amor dos outros, ou seja (...) como não considera ter valor nela própria, dificilmente consegue perceber que os outros podem gostar dela e por isso está permanentemente em dúvida e insegura face ao amor dos outros” ▪ <u>Psicóloga, linha 237</u>: “Ao nível de introversão, ou seja, de iniciativas e de relação entre pares, pode haver uma inibição de iniciar o diálogo não só com crianças, ou seja, imaginemos uma criança que entra nova na escola, a nível da sua integração vai ser mais difícil do que uma criança que tenha uma autoestima mais adequada” ▪ <u>Psicóloga, linha 241</u>: “em nível de participação no desenvolvimento das atividades da aula, ou seja, se tem uma autoestima mais baixa naturalmente que vai também ter mais

		<p>dificuldade em perceber que é capaz e por isso vai arriscar menos, vai tender a “eu prefiro fazer pouco mas saber que faço bem” do que tentar fazer mais coisas e depois falhar”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Psicóloga, linha 246</u>: “pode levar a um excessivo perfeccionismo, porquê? Porque tenho uma autoestima mais baixa e neste sentido tudo aquilo que eu quero fazer quero fazer bem e portanto, um maior controlo sob aquilo que faz (...) são mesmo muitas questões a nível de insegurança.” ▪ <u>Psicóloga, linha 250</u>: “Pensando num caso mais drástico, pode mesmo levar a um quadro depressivo (...) e levando a um quadro mais depressivo pode levar mesmo a um maior desvio em relação ao afastamento – isolamento, não só dos pares, mas também mesmo da família ou dos outros elementos que a circundam.” ▪ <u>Educadora I, linha 187</u>: “uma criança que estava sempre num canto da sala, sentada e enrolada quase em posição fetal... (...) se lhe dissessem (...) vai brincar para ali, ela ficava ali, se lhe dissessem podes sair e podes ir brincar com outra coisa ela ficava ali... completamente apagada. Toda a agente mandava nela (...) às vezes as meninas lhe batiam.” ▪ <u>Educadora I, linha 211</u>: “nós tínhamos quase que o mandar mexer de um lado para o
--	--	---

		<p>outro senão ele ficava (...) e tinha dias que ele chorava em silêncio”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Educadora I, linha 219</u>: “se estivéssemos a falar com ela individualmente ela fazia, ela não gostava era de falhar em público (...) a mãe à frente dela estava sempre a dizer que ela tinha de fazer, que não conseguia, queria o perfeito... mas ninguém é perfeito (...) ela tinha medo que aquilo que fizesse estivesse mal feito aos olhos dos outros, dos adultos e dos amigos... bastava um amigo dizer-lhe que aquilo estava mal feito que ela ficava logo...” ▪ <u>Educadora I, linha 350</u>: “tem dificuldade em se concentrar e em se relacionar com os amigos, está sempre sozinho” ▪ <u>Educadora II, linha 200</u>: “estão constantemente a dizer “eu não consigo” (...) tudo o que nós pedíamos para fazer e que incentivávamos para fazer sozinha ela dizia “eu não consigo” (...) e esperava que fossemos fazer por ela ou que a ajudássemos.” ▪ <u>Educadora III, linha 188</u>: “crianças um bocadinho mais reservadas, mais tímidas, com medo de fazer as coisas (...) as crianças chegam a uma determinada idade (...) começamos a vê-los a separar-se e a formarem grupinhos, por afinidades e depois às vezes há alguns que vão ficando excluídos porque não sobressaem no grupo
--	--	--

		exactamente... pronto... vamos lá chamar de baixa autoestima (risos)”
CATEGORIAS EXCLUSIVAS AOS PAIS RELATIVAS ÀS ATITUDES MAIS CORRETAS A TER NUMA SITUAÇÃO DE ACIDENTE		
ATITUDES DE REPREENSÃO/ INIBIÇÃO	Negativo/ Discorda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Mãe I, linha 97</u>: “Não” [Gritar com a criança] ▪ <u>Mãe II, linha 111</u>: “Não. Porque eu não tenho de o culpar de uma situação que pode acontecer até mesmo com um adulto” [Gritar com a criança] ▪ <u>Pai I, linha 71</u>: “Não essa não” [Gritar com a criança] ▪ <u>Pai II, linha 99</u>: “Não concordo (...) acho que isso do bater e gritar não adianta de nada, acho que é a pior coisa que podemos fazer é isso.” [Gritar com a criança] ▪ <u>Mãe I, linha 102</u>: “não acho que esteja correta” [Questionar falta de cuidado] ▪ <u>Mãe II, linha 118</u>: “não...” [Questionar falta de cuidado] ▪ <u>Pai I, linha 75</u>: “essa também não e muito indicada, penso eu” [Questionar falta de cuidado]

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai II, linha 102</u>: “acho que se calhar não é uma pergunta assim muito relevante... ele vai responder “olha... sei lá... foi assim que aconteceu” se calhar até teve cuidado mas é pequenino... ainda não controla bem os movimentos... acho que não” [Questionar falta de cuidado] ▪ <u>Mãe I, linha 107</u>: “Não!” [“Não gosto de ti”] ▪ <u>Mãe II, linha 128</u>: “Não...” [“Não gosto de ti”] ▪ <u>Pai I, linha 86</u>: “Não, claro que não...” [“Não gosto de ti”] ▪ <u>Pai II, linha 110</u>: “Não isso não, está fora de questão.” [“Não gosto de ti”] ▪ <u>Mãe I, linha 117</u>: “Não... isso não” [Proibir colaboração] ▪ <u>Mãe II, linha 139</u>: “Não! Pelo contrário!” [Proibir colaboração] ▪ <u>Pai I, linha 99</u>: “eu, nesse aspeto também acho que não...” [Proibir colaboração] ▪ <u>Pai II, linha 127</u>: “Fora de questão também. Quanto mais colaborar melhor, habitua-se (risos) faz-lhe bem” [Proibir colaboração]
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Mãe I, linha 119</u>: “Não!!!” [Apanhar os cacos] ▪ <u>Mãe II, linha 141</u>: “Não!” [Apanhar os cacos] ▪ <u>Pai I, linha 102</u>: “Não isso também não, até porque nós temos sempre medo que eles se cortem” [Apanhar os cacos] ▪ <u>Pai II, linha 130</u>: “Não! Também não! (risos) cortar os dedos... não” [Apanhar os cacos] ▪ <u>Mãe I, linha 126</u>: “Não...” [Já esperava isto] ▪ <u>Mãe II, linha 148</u>: “Não...” [Já esperava isto] ▪ <u>Pai II, linha 136</u>: “Também não... esse já estás a dizer aquele coisa “ah já sei que tu vais fazer asneira”” [Já esperava isto] ▪ <u>Mãe I, linha 128</u>: “Não” [Chamar-lhe desajeitado] ▪ <u>Mãe II, linha 150</u>: “Não”[Chamar-lhe desajeitado]
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai I, linha 116</u>: “Não!” [Chamar-lhe desajeitado] ▪ <u>Pai II, linha 141</u>: “Não, também não. Não é que às vezes não dê vontade (...) mas... no mundo ideal não se devia fazer isso...cria trauma nas crianças.” [Chamar-lhe desajeitado] ▪ <u>Mãe I, linha 133</u>: “Constantemente, não (...) porque eles ainda ficam mais “ai não posso, não posso”” [Alertar constantemente] ▪ <u>Mãe II, linha 155</u>: “Não, não!” [Alertar constantemente] ▪ <u>Pai II, linha 152</u>: “acho que não se deve dizer mais, uma vez ou outra, para ele interiorizar, mas estar sempre, sempre a dizer também não ... ninguém gosta de estar sempre a “levar na cabeça”” [Alertar constantemente]
	Afirmativo/ Concorda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai I, linha 120</u>: “Sim, isso já sim! “tens de ter mais cuidado com isso porque pode partir... tem atenção ao que estás a fazer”” [Alertar constantemente]

	Depende	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai I, linha 112</u>: “depende lá está da situação, se eu já estivesse a dizer “não faça assim porque pode acontecer” e eu vejo que ele não está com atenção... aí sim poderia dizer” [Já esperava isto]
ATITUDES DE RELATIVIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Negativo/Discorda 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai II, linha 112</u>: “Isso aí se calhar acho que não é tão bom, porque ele depois pode pensar “ah o meu pai já partiu por isso eu posso partir”” [Confessar ter partido] ▪ <u>Pai I, linha 93</u>: “isso não, senão eles vão passar a vida a brincar com... (...) Eles têm de se habituar, começar a perceber que aquilo parte! E mesmo a sensibilidade, o peso... e tudo o mais! É diferente” [Dar loiça inquebrável] ▪ <u>Pai II, linha 121</u>: “Também não... porque isso vai estar a dar aquela ideia de que não confias nele “ah já parti uma vez, agora estão-me a dar isto para não voltar a partir...”” [Dar loiça inquebrável] ▪ <u>Mãe I, linha 122</u>: “não, não, não!” [Trocar a loiça] ▪ <u>Pai I, linha 193</u>: “Não...” [Trocar a loiça] ▪ <u>Pai II, linha 133</u>: “Não... acho que também não” [Trocar a loiça]

	<ul style="list-style-type: none"> Afirmativo/ Concorda 	<ul style="list-style-type: none"> <u>Mãe I, linha 105</u>: “Sim, essa é correta!” [Acalmar a criança] <u>Mãe II, linha 124</u>: “Exatamente! E explicar que para a próxima tem de ter cuidado” [Acalmar a criança] <u>Pai II, linha 107</u>: “Sim... não faz mal mas complementar e dizer eu para a próxima tem de ter mais cuidado para ver se não volta a acontecer” [Acalmar a criança] <u>Mãe I, linha 110</u>: “Ah sim!” [Confessar ter partido] <u>Mãe II, linha 131</u>: “Sim... Depois da conversa talvez dissesse...” [Confessar ter partido] <u>Pai I, linha 89</u>: “Sim... isso acontece até aos adultos!” [Confessar ter partido] <u>Mãe I, linha 113</u>: “uma boa alternativa” [Dar loiça inquebrável] <u>Mãe II, linha 135</u>: “Isso já lhe faço desde que ele nasceu” [Dar loiça inquebrável] <u>Mãe II, linha 143</u>: “Possivelmente” [Trocar a loiça]
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Depende 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Pai I, linha 78</u>: “Pronto, não faz mal, acontece! Lá está... depois também depende... se ele está a fazer as coisas, está a querer ajudar (...) há dias em que nós avisamos uma vez, avisa duas... e depois tantas já está! (...) é conforme o dia, conforme as situações...” [Acalmar a criança]
--	---	---